

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

MARCO ANTONIO MARCON

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MATERIAL DIDÁTICO-CATEQUÉTICO “CRESCER
EM COMUNHÃO” SOBRE O PROBLEMA DO MAL E A EXISTÊNCIA DO DIABO**

**CURITIBA
2016**

MARCO ANTONIO MARCON

ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MATERIAL DIDÁTICO-CATEQUÉTICO “CRESCER EM COMUNHÃO” SOBRE O PROBLEMA DO MAL E A EXISTÊNCIA DO DIABO

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: prof. Dr Sérgio Rogério Azevedo Junqueira.

**CURITIBA
2016**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

M321a
2016 Marcon, Marco Antonio
Análise de conteúdo do material didático-catequético “crescer em
comunhão” sobre o problema do mal e a existência do diabo / Marco Antonio
Marcon; orientador, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira. -- 2016
81, [31] f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2016.
Bibliografia: f. 81-84

1. Ensino religioso – Igreja católica. 2. Demonologia. 3. Anjos. 4. Deus -
Misericórdia. 5. Fé. I. Junqueira, Sérgio Rogério Azevedo.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 268.82

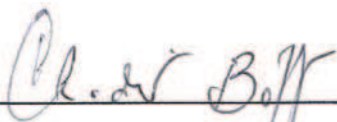
ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 117

DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

MARCO ANTONIO MARCON

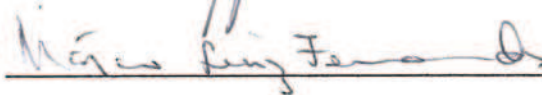
Aos vinte e sete dias do mês de junho de dois mil e dezesseis, às quatorze horas reuniu-se na sala de Defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Clodovis Boff, Márcio Luiz Fernandes e Lurdes Caron, para examinar a dissertação do candidato Marco Antonio Marcon, ingressante no programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e catorze, orientando do Prof. Dr. Sergio Rogerio Azevedo Junqueira, Linha de pesquisa: Teologia e Sociedade. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: Análise de conteúdo do material didático-catequético "Crescer Em Comunhão" sobre o problema do mal e a existência do diabo e dos demônios. O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, O Candidato Foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 05 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora

Prof. Dr. Clodovis Boff



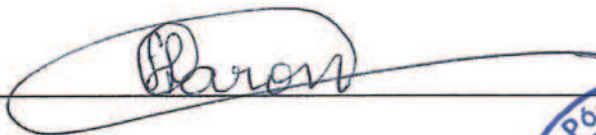
Presidente

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes

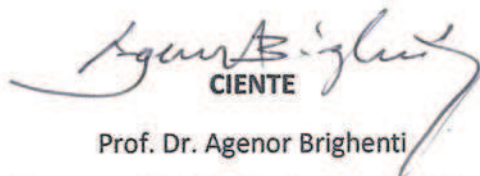


Convidado Interno

Prof.ª Dr.ª Lurdes Caron



Convidada Externa



CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*



**Aos meus pais que me legaram a fé
cristã, que hoje compreendo e é razão de
minha existência.**

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho homenageio meu pai, não quero ser injusto com ninguém, cada qual tem sua importância e deveria ser citado; minha mãe, esposa, sogros, filhos, amigos, meu orientador, banca... mas gostaria de canalizar o agradecimento a todos na figura emblemática deste senhor de 75 anos, técnico agrimensor, que não pôde cursar uma universidade e no seu projeto de formação e educação para seus filhos fez questão de ter filhos com o “canudo”, não satisfeito insistiu, persistiu! Para que também seus filhos tivessem, além de um curso universitário, valores cristãos.

Pois bem! Neste dia “espero” ao receber o grau de Mestre em Teologia poder honrar você Paulo Marcon, meu pai, por tamanha dedicação pessoal e investimento financeiro, para que um filho se construísse um Acadêmico, e principalmente, um Cristão. Tenho o prazer de dizer que a teologia me possibilitou doar a minha vida de forma plena em ambos os projetos que o senhor desejou para mim, ajudou-me com isto a ver o que o único Senhor maior que ti queria de mim também. Deus que é pai entregou seu Filho para que todos cressem, você fez o mesmo comigo. Talvez não tenha se dado conta, mas você me possibilitou estar no projeto mais ambicioso da humanidade, que é Salvá-la dos males que afligem corpo, mente e espírito, por um meio Revelado “Jesus Cristo”. Assim como o apóstolo Paulo um dia disse “não é mais eu que vivo, mas é Cristo que vive mim”, não tenho mais escolhas a não ser a vida nas coisas de Deus. Por fim, espero que daqui a 4 anos você meu Irmão em Cristo possa ver teu filho, inspirado pelo Espírito Santo, receber o grau de Doutor em Teologia, para que seja mais digno de servir a Igreja Católica e possa avançar mais nos sonhos que sonhamos juntos.

Este capítulo, relativo ao Demônio e ao influxo que ele pode exercer sobre cada pessoa, assim como sobre comunidades, sobre inteiras sociedades, ou sobre acontecimentos, é um capítulo muito importante da doutrina católica, que deve ser estudado novamente, dado que hoje o é pouco
(Paulo VI, 23/11/1972)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CABC	Comissão da Animação Bíblico-Catequética (Arquidiocese de Curitiba)
CDC	Código de Direito Canônico
CDF	Congregação para Doutrina da Fé
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
cf.	Conferir
DAIVC	Diretório Arquidiocesano da Iniciação à Vida Cristã (Curitiba)
DGC	Diretório Geral da Catequese
DH	Denzinger-Hunermann
DNC	Diretório Nacional da Catequese
DSI	Doutrina Social da Igreja
ed.	Edição
f.	Folha
GPÉR	Grupo de Pesquisa Educação e Religião
OR	L'Osservatore Romano
p.	Página
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SBC	Semana Brasileira de Catequese
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
TdL	Teologia da Libertação
V.A.	Vários Autores
Vaticano II	Concílio Vaticano II

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
1 INTRODUÇÃO	11
2 UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CATEQUÉTICA NO BRASIL	14
2.1 INFLUÊNCIAS ANTERIORES AO CONCÍLIO VATICANO II	14
2.2 INFLUÊNCIAS E REPERCUSSÃO DO CONCÍLIO VATICANO II	16
3 BREVE HISTÓRICO DO “CRESCER EM COMUNHÃO”	22
3.1 GESTAÇÃO E MOMENTOS ANTERIORES AO CIC.....	22
3.2 AMADURECIMENTO E A RECEPÇÃO DO CIC.....	25
4 PROBLEMA DO MAL E A EXISTÊNCIA DO DIABO	30
4.1 CONTEXTO DE ÉPOCA: O MAL SOCIAL E O DIABO.....	30
4.2 CONCEITO: O MAL NA FILOSOFIA E NA TEOLOGIA CATÓLICA.....	31
4.3 A EVIDÊNCIA DO MAL E AS DIFICULDADES NO ENSINO CATÓLICO....	33
4.4 ORIGEM DO MAL: AS CRIATURAS ESPIRITUAIS E O HOMEM.....	38
4.5 HEMENÊUTICA BÍBLICA: RESOLUÇÃO DO PROBLEMA E O DIABO	42
4.6 TEOLOGIA LIBERAL E CATÓLICA, INFLUÊNCIAS NA CATEQUESE.....	45
5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MATERIAL DIDÁTICO-CATEQUÉTICO ...	55
5.1 SOBRE O MÉTODO.....	55
5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO: INTRODUÇÃO AS INFERÊNCIAS	58
5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.17,18 E 19, VOL III (1996).....	59
5.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.3, VOL IV (2008).....	61
5.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.9, VOL IV (1996).....	62
5.6 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.12, VOL I (2014)	63
5.7 ANÁLISE DE CONTEÚDO: INFERÊNCIAS	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXO A- HISTÓRIAS E MEMÓRIAS (GPER 2016).....	85

RESUMO

Alguns temas chamam mais a atenção que outros quando se estuda as religiões. Como a religião resolve o “problema do mal” e se em sua doutrina concebe a existência de “criaturas espirituais”, como anjos e demônios, é um deles. A Doutrina da Igreja Católica traz estes elementos em sua Tradição. O objetivo deste trabalho é por meio da “Análise de conteúdo” saber como o material didático-pedagógico, para catequese, “Crescer em comunhão” tratou o conteúdo acerca do “problema do mal e a existência do Diabo” no decorrer dos seus 35 anos de existência. Uma possível ausência ou ensino deficitário sobre este tema gera que tipo de consequências, para o catequisando e na formação do cristão católico? A quantidade de filmes, jogos e mídias em geral, assim como debates inflamados entre o ateísmo militante e religiosos, com base no paradoxo de um Deus bondoso, onipotente e onipresente convivendo com as maldades no mundo pode ser um indicativo de que este conteúdo é relevante hoje. As escolhas metodológicas que os autores fizeram; de uma pedagogia positiva e pautada na experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo teve como consequência minimizar conteúdos doutrinários. No caso deste trabalho, os conteúdos que tratam da demonologia estão ausentes ou relativizados. Com indícios de uma influência teológica tendência das últimas décadas, esta embebida num viés sociológico e avessa as fórmulas doutrinárias tradicionais.

Palavras chave: Mal. Diabo. Demonologia. Ensino católico. Pós-modernidade

ABSTRACT

Some themes call more attention to when studying other religions. As religion solves the "problem of evil" and in his doctrine conceives the existence of "spiritual" creatures such as angels and demons, is one of them. The doctrine of the Catholic Church brings these elements in their tradition. The aim of this work is through the "Content Analysis" know as the teaching materials-teaching, catechesis, "to grow in communion" treated content about the "problem of evil and the existence of the devil" in the course of its 35 years of existence. A possible lack or inadequate education about this subject raises what kind of consequences, for the catequisando and in the formation of the Christian Catholic? The amount of movies, games and media in General, as well as fiery debates between religious and militant atheism, based on the paradox of a kind God, omnipotent and omnipresent living with the evil in the world can be an indication that this content is relevant today. The methodological choices that the authors did; a positive and pedagogy based on the experience of the encounter with the person of Jesus Christ had consequently minimize doctrinal content. In the case of this work, the contents of Demonology are absent or relativized. With evidence of a theological influence tendency of recent decades, this soaked in a sociological bias and averse doctrinal formulas.

Key words: Evil. Devil. Demonology. Catholic education. Postmodernism

1 INTRODUÇÃO

No programa de pós-graduação e pesquisa em Teologia da PUCPR abre-se a possibilidade do estudo da Teologia com a sociedade. Nesta linha do programa, o professor Sérgio Junqueira pesquisa na temática Educação e Teologia, onde esta dissertação encontrou morada. Este trabalho tem por objetivo, por meio de “Análise de conteúdo”, sondar a pertinência dos temas o “Problema do mal e a existência do Diabo e dos demônios” no material didático-pedagógico para catequese “Crescer em comunhão” (editora Vozes).

A importância do tema acerca do “problema do mal e a existência do Diabo” se mostra na reincidência destes conteúdos em jogos, filmes e as diversas expressões na mídia popular que fazem parte da vida cotidiana de crianças, jovens e adultos. Além de não ser difícil de encontrar cristãos e ateus em grupos de debates onde o “Problema do mal” surge como núcleo da não-crença ou da crença. Reiteradas vezes aqueles defensores da não existência de Deus argumentam que seja impossível um Criador onisciente, onipresente e bondoso coexistir com a maldade expressa no mundo.

Com base numa teologia sintonizada com a sociedade, fazendo leituras dos anseios humanos e dando respostas de acordo com os níveis de entendimento dos interlocutores, viu-se nesta dissertação que o cristão católico está num vácuo acerca da demonologia¹. Ele se depara com as suas “verdades de fé” interpretadas pela mídia em geral, resimbolizando-as, enquanto isto seus representantes eclesiais se contradizem. O laconismo com que o ensino nas Universidades Católicas e os materiais catequéticos tratam o assunto da resolução do “Problema do mal e a existência do Diabo” inquieta. Há um visível constrangimento pelo fracassado ensino pautado na “pedagogia do medo” dos séculos anteriores e um receio de errar novamente. Então, intui-se que foi deixado de lado, como se estas realidades fossem explicadas por si mesmas ou como parte do *mysterium iniquitatis*. Parecendo

¹ Demonologia é o estudo sobre o mal e as criaturas causadoras dele, em especial as criaturas espirituais descritas pelos livros Sagrados, como termo geral para elas utiliza-se a palavra “demônios”. Este ramo na teologia católica sistematiza o conteúdo por sua origem, influência e causa.

que nada disso pudesse ser racionalizável e que fosse Revelado nas Sagradas Escrituras, na Tradição e no ensino do Magistério, que é o tripé da teologia católica.

Estas posições contrastam com o que está presente nos documentos e no Catecismo Universal da Igreja Católica. Estes dão respostas (aparentemente) claras sobre o Problema do mal e as criaturas que o promovem. Com base na pesquisa documental, viu-se que estas respostas se perpetuam nos quase dois mil anos de ensino, que permanece de forma perene até os tempos atuais. Os conflitos teológicos e a influência da mídia exigem que os materiais catequéticos e os mais altos graus de ensino católico se posicionem coerentemente acerca do tema, para que o fiel não seja confundido num relativismo doutrinário ou torne sua fé sincrética, assim como quem a estuda como fenômeno religioso saiba com clareza como a Igreja Católica pensa.

Diante do panorama apresentado este trabalho explicita de forma sistemática um breve histórico da experiência catequética no Brasil e do material “Crescer em comunhão”, também a compreensão dos principais conceitos a cerca do Problema do mal e da existência do Diabo. Isto possibilitará a discussão da relação entre educação e teologia no contexto da demonologia e sua repercussão na catequese, simbolizada no material didático pedagógica “Crescer em comunhão”.

O método escolhido é a Análise de conteúdo. Este capacita o analista para analisar o material e inferir: 1) os porquês de o conteúdo estar presente, 2) da forma que está e se não contém, 3) o porquê desta ausência. Assim se pôde chegar aos resultados expressos no corpo da dissertação. Desta maneira, chama atenção a importância dos diversos elementos da educação como instrumentos da expressão teológica. Com auxílio destes instrumentos, e boa vontade, pode-se tratar dos temas mais espinhosos de uma forma não traumatizante e positiva.

A obra “Análise de conteúdo” de Laurence Bardin foi a base bibliográfica para o método. Sobre a Doutrina Católica o “Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral” Denzinger-Huntermann, assim como o atual Catecismo da Igreja Católica. Uma série de outros autores trouxeram intuições sobre o Problema do mal e a existência do Diabo, em especial (KASPER; KERTELGE; LEHMANN, 1992) que realizaram um debate aprofundado e aberto no final dos anos 70. Na aplicação do método, os livros a serem analisados foram todas as 5 revisões (1981-2014) da série “Crescer em Comunhão” (cf. V.A., 1981; 1989; 1996; 2002; 2008; 2014). Ao fazer as inferências, que o método exige, os autores foram

consultados e conforme as informações chegavam deles (das influências para confeccionar o material) estas foram aprofundadas. Aqui é importante ressaltar que não se trata de pesquisa qualitativa ou quantitativa em relação aos autores. Este trabalho não é pautado nestes tipos de pesquisa, mas sim utiliza as consultas² como confirmação de informações já coletadas acerca de dados inferidos na pesquisa bibliográfica. Como foi o caso da teologia da libertação, os documentos da Igreja e teólogos de época citados. Cabe ressaltar que o método de Análise de Conteúdo retira seus resultados das sutilezas do texto sem a necessidade que os autores o revelem. Por sinal este método foi desenvolvido justamente levando em consideração a possível omissão dos autores do que exatamente queriam dizer, conforme aprofundado na primeira parte do capítulo 5. No entanto, se há a possibilidade desta consulta dos autores e estes contribuem embuidos de boa fé a precisão da Análise se torna ainda maior.

Com base na consulta foram escritos também os históricos (capítulos 2 e 3) que além de dar sustentação, conta de forma inédita as vivências daqueles que fizeram parte da construção deste material, que há mais de três décadas serve a educação de base da Igreja Católica no Brasil. Assim como, auxiliou no direcionamento da construção do capítulo teórico (3) como já exposto. Este todo contribuiu às conclusões da investigação proposta pela “Análise de conteúdo”.

² As consultas foram documentadas no relatório **Crescer em comunhão: Histórias e memórias**, PUCPR, 2016, que faz parte da produção do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), www.gper.com.br (Anexo A)

2 UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CATEQUÉTICA NO BRASIL

Qualquer exposição histórica da catequese no Brasil pode soar reducionista, devido a complexidade de fatores e agentes que influenciaram a mesma desde a vinda dos portugueses em 1500. Para que siga uma coerência metodológica, nesta parte serão apresentados alguns pontos principais da história da educação catequética no país e seus influenciadores que são importantes para o objeto deste trabalho, o foco principal se fixará na realidade pós Vaticano II.

2.1 INFLUÊNCIAS ANTERIORES AO CONCÍLIO VATICANO II

A catequese no Brasil nos quatro primeiros séculos esteve diretamente relacionada com o poder secular. Portugal estabeleceu o padroado no país e isto fez com que a história do Brasil e a Igreja Católica caminhassem juntas. As ações evangelizadoras seguiam os passos da expansão territorial da coroa portuguesa, então a confusão entre “catequisar” e “europeizar” ou “aportuguesar” era evidente, assim como na Europa, a transição da Cristandade para os governos liberais estava em curso. Com um século de atraso no Brasil, em 1891 há a declaração da República e a determinação constitucional de um Estado Laico que impôs a Igreja Católica uma atitude de autonomia em suas iniciativas de ensino catequético. Inicia-se o novo ciclo de missionários. Os próximos 50 anos com a imigração de italianos, poloneses, alemães, entre outros (em substituição ao trabalho escravo abolido em 1888) desembarcam as diversas congregações religiosas trazendo consigo seus Carismas, assim como os Jesuítas e Franciscanos o fizeram nos primeiros séculos do descobrimento, mas agora sem a influência explícita do Estado nas missões religiosas. Nestes primeiros séculos a “pedagogia do medo” acompanhada da “doença do escrúpulo” (DELUMEAU, 2003, p.9) foi descarregada no Brasil. As imagens barrocas expunham, além do peso do sofrimento existencial, as figuras diabólicas que enfeitaram as catedrais europeias durante toda Idade Média. Com alto índice de analfabetismo a catequese se realizava através de pinturas e esculturas. Deve-se levar em conta que alguns missionários Jesuítas aprenderam a

língua dos indígenas para ensinar-lhes por meio desta transmissão de conhecimento oral.

A reforma católica com base no catecismo romano de Trento estava em curso desde 1840, isto alimentou a nova ação missionária no Brasil com as Congregações. As práticas catequéticas e a evangelização seguem a diretriz de retorno a Cristandade. Isto expresso no Concílio Plenário para América Latina em Roma (1900) presidido pelo Papa Leão XIII e reforçado pela renovação da catequese de Pio X (1905) que também são seguidos por seus sucessores Bento XV, Pio XI e Pio XII. Estes ainda se mantêm distantes ao diálogo com a modernidade, que tanto repudiou e trouxe prejuízos as estruturas da Igreja, principalmente nas relações econômicas e de poder devido as revoluções liberais, em especial, na unificação da Itália. Em paralelo, com o desenvolvimento da Doutrina Social da Igreja cresce a Ação Católica e as juventudes católicas (JC); Agrárias (JAC), Estudantil (JEC), Independente (JIC), Operária (JOC) e Universitária (JUC). Assim como o desenvolvimento das escolas católicas, que se tornam referências no país. Estes movimentos terão no Brasil marcada influência no âmbito político, mais claramente a partir da primeira metade da era Vargas (1931-1945). O Cardeal brasileiro Sebastião Leme assumiu a frente de difundir o ideário da Ação Católica Brasileira de "exercício pacífico de Cristo, exército de justiça, amor e paz. Portanto, a intenção era que os leigos se tornassem o braço estendido da Igreja Católica no seio da sociedade como apostolado organizado e subordinado ao poder do clero" (SOFIATI, 2004, p.25).

O Concílio Vaticano II (1962-65) presidido pelo Papa João XXIII e depois assumido por Paulo VI compreende a importância de dialogar com a modernidade, assim como adotar na prática evangelizadora os recursos que a modernidade oferece; desde as ciências auxiliares a teologia (ciências humanas e naturais) à tecnologia em ascensão. Isto como reflexo de um movimento latente nas comunidades;

No período de 1955 a 1964, estavam presentes no seio da Ação Católica três reações às transformações daquela época: forças que queriam promover uma mudança radical, forças que adotaram a postura de uma defesa intransigente da ordem vigente, e forças que optaram pelo reformismo. (...) Passando a utilizar o método francês e belga que organiza o leigo a partir do meio social específico. Essa transformação da IC culminou com o surgimento da "Esquerda Católica" que era constituída por três agentes: os jovens radicais, os bispos progressistas e os progressistas nas bases (SOFIATI, 2014, p.39).

2.2 INFLUÊNCIAS E REPERCUSSÃO DO CONCÍLIO VATICANO II

Neste momento histórico (anos 60 e 70), o catolicismo no Brasil ainda repercute as diretrizes do Vaticano II³ que divulga seus documentos ao final dos trabalhos em 1965. A catequese é revista sob influência do “Plano de emergência” da CNBB (1962) e da entrada do Instituto Superior de Catequese de Paris (ISCP). Também ela foi repensada conforme diretrizes pastorais do Vaticano II e dos sínodos latino americanos de *Medellin* (1968) e *Puebla* (1979), não sendo produzido um Catecismo Universal. Em julho de 1969, na X Assembléia Geral da CNBB, o Secretariado Nacional de Catequese, em seu relatório, apresenta

a necessidade urgente de uma nova imagem da catequese, que ultrapasse o nocionismo e as memorizações para a redescoberta da mensagem cristã e do compromisso com a missão profética da Igreja. Uma catequese encarnada na vida pessoal e comunitária do homem, que vive e atua na família, na profissão, na política, na cultura (NAVARRO, 2004, p.73).

As três décadas posteriores ao Concílio serão de criatividade. Esta criará embate com o conservadorismo que quer manter as fórmulas catequéticas utilizadas desde o século XVI, após o Concílio de Trento⁴ (CNBB, 1983, p.05), reforçado pelo Concílio Vaticano I (séc.XIX) e o catecismo de Pio X (séc.XX). Estes embates do como passar este “depósito da fé” também envolvem o próprio depósito, se tal ou qual conteúdo mereceria atenção ou deveria ser revisto. Claramente as temáticas sobre criaturas espirituais e demais conteúdos do “combate espiritual” e da “mística” caem no esquecimento, aqueles que tratam das realidades mais “palpáveis” e evidentes dos contextos sociais se sobrepõe, como visto acima nas prioridades do secretariado para catequese. A conjuntura da catequese no Brasil acompanha a de outros movimentos;

Mainwaring (1989) indica três fatores que contribuíram para o fortalecimento das tendências progressistas na Igreja brasileira: 1) No início da década de 1950 mantinha fortes vínculos com os setores progressistas do Vaticano; 2) A fragilidade institucional da Igreja no Brasil, a falta de padres e o conseqüente incentivo ao surgimento de lideranças leigas no cenário

³ O CVII foi o maior Concílio na história da Igreja Católica, com mais de 2400 Bispos reunidos de 1962-65. Ele tem grande importância histórica porque marca o encontro da Igreja Católica com a modernidade, busca de diálogo com o mundo e com as demais religiões.

⁴ Concílio de Trento foi realizado para resolver o problema da Reforma protestante, cujo momento histórico é de uma pastoral defensiva e de resposta. Reafirmação doutrinária e condenações.

católico; 3) Diferente da Europa, havia pouca perseguição por parte das forças liberais sobre a IC no Brasil. A PJB é herdeira do movimento criado pelas forças que queriam promover uma mudança radical naquele período (...) herdou da ACE características fundamentais em seu processo de construção, como por exemplo: o método ver-julgar-agir; a formação na ação; a busca por transformação das estruturas sociais; a criação de espaços de revisão de vida e de prática; fé vivida no engajamento social; o espírito crítico” (SOFIATI,2014, p.39).

Além das demandas sociais há o desconforto que uma “pedagogia do medo” causou até então e foi utilizada por uma série de pensadores da filosofia e psicologia para detratar a Igreja. Os Padres conciliares do Vaticano II não compuseram um catecismo, mas presceveram a necessidade de diretrizes para catequese. Em 1971 é lançado o Diretório Catequético Geral, para orientar as Igrejas particulares “no longo caminho de renovação da catequese, propondo-se como válido ponto de referência tanto no que diz respeito aos conteúdos, quanto no que concerne à pedagogia e aos métodos a serem empregados” (DGC 1).

No Brasil, a primeira visita de um Papa⁵ (1980) e as primeiras reuniões sobre a renovação da Catequese dará corpo ao ensino catequético das próximas décadas. Nos 35 anos seguintes a Igreja do Brasil será influenciada no seu ensino catequético pelos escritos do documento 26 da CNBB, sobre a Catequese Renovada. Este após três anos de estudos finalmente se concretiza em 1983. O documento condensa as reflexões do Vaticano II, os sínodos de *Medellin* e *Puebla*, assim como os documentos pontifícios *Evangelii Nutiandi* (1975) e *Catechesi Tradendae* (1979) (CNBB,1983, p.5).

No final dos anos 70 e nas décadas seguintes, a Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) tendo como prefeito o cardeal Franjo Šeper, que é substituído em 1981 pelo Cardeal Joseph Ratzinger, realiza um policiamento doutrinário dentre os vários escritos teológicos mais populares. Visto as controvérsias crescentes sobre questões das “verdades da fé” que envolvem Cristologia, Ecclesologia e Demonologia. Foram “notificados”⁶ vários teólogos, dentre eles, latino americanos adeptos de uma teologia mais liberal e da Teologia da Libertação (TdL). O livro “Igreja: Carisma e poder. Ensaio de ecclesologia militante (1981) ” do frei brasileiro

⁵ João Paulo II esteve no Brasil em junho de 1980, entre as cidades visitadas Curitiba.

⁶ Notificado é a expressão que a CDF utiliza para dizer que uma obra ou declaração teológica teve incoerências doutrinárias, então se a pessoa que escreveu tem vínculos com a Igreja ela é convidada a se explicar por tal feito e corrigir.

Leonardo Boff, um dos idealizadores do documento 26 da CNBB e parte do corpo editorial da Editora Vozes⁷ até sua retirada do sacerdócio em 1991, foi um deles.

Esta obra faz críticas e retoma velhas questões das relações de poder entre Igreja e Estado, assim como as estruturas de poder dentro da Igreja que não seguiriam uma relação horizontal de um poder serviço. Em 7 de setembro de 1984 houve o “colóquio”⁸ para explicar estas questões, no entanto

a Congregação examinou, seguindo a praxe que lhe é própria, os esclarecimentos orais e escritos fornecidos por L. Boff e, embora tomando nota das boas intenções e das repetidas declarações de fidelidade à Igreja e ao Magistério por ele expressas, sentiu-se, contudo, no dever de salientar que as reservas levantadas acerca do conteúdo do livro e assinaladas na carta, não poderiam, na sua substância, considerar-se superadas (CDF, 1985, p.3).

Dentre os problemas assinalados em eclesiologia no mesmo documento a CDF esclarece que “a Igreja universal realiza-se e vive nas Igrejas particulares e estas são Igreja exatamente enquanto continuam a ser, num determinado tempo e lugar, expressão e atualização da Igreja universal” (Ibid., p.2). Salientando ainda que “o verdadeiro discurso teológico não pode jamais contentar-se em apenas interpretar e animar a realidade de uma igreja particular” (Ibid.) isto devido a justificativa do ex-Frei franciscano que o seu livro se tratava da igreja e problemas Latino Americanos, e principalmente, do Brasil. O documento complementa que o fazer teológico deveria “aprofundar os conteúdos do depósito sagrado da Palavra de Deus, depósito confiado à Igreja e autenticamente interpretado pelo Magistério” (Ibid., p.3).

Devido ao método utilizado vindo da sociologia (típico da TdL) a CDF notifica que “a práxis não substitui e nem produz a verdade, mas está a serviço da verdade” (Ibid.). O que marca esta notificação, e vem servir para Análise de conteúdo, é que sendo um dos teólogos brasileiros que mais influenciou a prática catequética e teológica no país (principalmente nos anos 80 e 90) as ressalvas sobre estes escritos são simbólicas para advertir sobre uma forma de fazer teologia que

⁷ A idealização e gestão da editora é dos freis Franciscanos. Leonardo editou os periódicos Concilium, de 1970 a 1995 - Revista Internacional de Teologia -, Revista de Cultura Vozes, de 1984 a 1992, e a Revista Eclesiástica Brasileira, de 1970 a 1984. Até o fechamento deste trabalho ele havia publicado 90 obras.

⁸ Colóquio é a expressão utilizada pela CDF sobre a sabatina teológica que o autor “notificado” deve responder. Momento de esclarecimento oral.

encontrou resistência. Dificilmente este documento chegou aos fiéis católicos, nos responsáveis pela produção dos materiais catequéticos e agentes de pastorais com a devida importância. Nele contém as diretrizes para as próximas décadas de como realizar o trabalho de ensino e adverte sobre determinados métodos que priorizam a *práxis* as “verdades da fé”. Neste período também o existencialismo, além do relativismo, ocupa privilégios no fazer filosófico e adquire maior espaço na forma de se pensar mundial, influenciando também o fazer teológico e catequético. Embora, isto claro, não impessa que se dê a devida importância entre a relação fé-vida “a fé, se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,17). Por fim, a CDF esclarece, nas conclusões do documento sobre eclesiologia e dogmática na obra notificada;

A subversão do significado do texto conciliar sobre a subsistência da Igreja está na base do relativismo eclesiológico de L. Boff, supra delineado, no qual se desenvolve e se explicita um profundo desentendimento daquilo que a fé católica professa a respeito da Igreja de Deus no mundo. No passado, esta Congregação teve ocasião de mostrar que o sentido das fórmulas dogmáticas permanece sempre verdadeiro e coerente, determinado e irreformável, embora possa ser ulteriormente esclarecido e melhor compreendido (cf. *Mysterium Ecclesiae*, n. 5: AAS LXV [1973], pp. 403-404).

Para continuar na sua função de sal da terra, que nunca perde o seu sabor, o « depositum fidei » deve ser fielmente conservado na sua pureza, sem deslizar no sentido de um processo dialético da história e em direção ao primado da *praxis*. Não se pode empobrecer a realidade dos sacramentos e da palavra de Deus enquadrando-a no esquema da « produção e consumo », reduzindo deste modo a comunhão da fé a um mero fenômeno sociológico. Ao contrário de ajudar na solução dos verdadeiros problemas, este procedimento leva, antes, à destruição do sentido autêntico dos sacramentos e da palavra da fé (Ibid., p. 25).

Estas controvérsias teológicas e doutrinárias, simbolizadas aqui pela notificação de Leonardo Boff, repercutem no Sínodo extraordinário apostólico de 25 de janeiro de 1985. Nesta oportunidade os Bispos pedem um Catecismo Universal, para que as questões básicas da Doutrina em relação a fé e moral sejam evidenciadas, e assim se torne referência de conteúdo às Igrejas locais.

No Brasil, entre 13 e 18 de outubro de 1986 na Vila Kostka em Itaiaci (Idaiatuba-SP) realizou-se a 1ª Semana Brasileira de Catequese, com o tema central “Fé e vida em comunidade: renovação da Igreja e transformação da sociedade”. Enquanto isto, em Roma, o Papa João Paulo II nomeia doze Bispos e Cardeais, tendo o Cardeal Joseph Ratzinger como presidente da comissão que construirá o CIC. Este grupo assessorado por diversos teólogos, catequetas e exegetas conclui

os trabalhos do Catecismo da Igreja Católica depois de sete anos de trabalhos, em 25 de junho de 1992, com a aprovação do Papa João Paulo II (CIC, 1992, p.4). A Igreja do Brasil, assim como a Igreja latino-americana, recebe o Catecismo Universal com certo ceticismo, mas ele se torna o divisor de águas para Catequese mundial. Esta vinha de três décadas de iniciativas e criatividade, a parte dos manuais. Agora se vê a necessidade de conciliar uma prática com a outra. Finalmente, liberais e conservadores são obrigados a sentar à mesa e encontrar os pontos de convergência. O Diretório Geral da Catequese (1998) faz o seguinte balanço sobre os 27 anos que se seguiram desde o DGC de 1971:

O itinerário percorrido pela catequese neste período foi caracterizado, em todas as partes, por uma generosa dedicação de muitas pessoas, por iniciativas admiráveis e por frutos muito positivos para a educação e o amadurecimento na fé, de crianças, jovens e adultos. Todavia, não faltaram, contemporaneamente, crises, insuficiências doutrinárias e experiências que empobreceram a qualidade da catequese, devidas, em grande parte, à evolução do contexto cultural mundial e a questões eclesiais de matriz não catequética (DGC 2).

Com estas diretrizes em amadurecimento - depois de 15 anos da primeira - foi realizada a 2ª Semana Brasileira Catequese, em Itaici (SP) de 8 a 12 de outubro de 2001. Com o tema central “Com adultos, catequese adulta” e o lema “Crescer rumo a maturidade em Cristo (Ef 4,13)”. Somente em 2005 na 43ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil (entre os dias 9 e 17 de agosto) foi aprovado o texto do documento 83 (Diretório Nacional de Catequese). Algo pensado desde a confecção do Documento da Catequese Renovada (1983).

O objetivo geral do DNC é apresentar a natureza e a finalidade da catequese no país. Traçar os critérios de ação catequética, orientar, coordenar e estimular a atividade catequética nas diversas regiões. Pretende, para tanto, estabelecer princípios bíblico-teológicos para promover e impulsionar a renovação da mentalidade catequética; orientar o planejamento e a realização da atividade catequética; coordenar as diversas iniciativas catequéticas; estimular e articular a ação catequética com as outras dimensões da pastoral (cf. DNC, 2005).

Com a crescente importância da nova evangelização no Brasil, em 2006 a 44ª Assembléia Geral da CNBB proclamou que 2009 seria o Ano Catequético Nacional, com o tema “Catequese, caminho para o discipulado”. O lema “Nosso coração arde quando Ele fala, explica as Escrituras e parte o pão (cf. Lc 24, 32.35)” apresentando a jornada dos discípulos de Emaús como iluminação para a prática catequética. A

preparação para o Ano Catequético Nacional foi organizada em três momentos, sempre tendo como eixo propulsor o DNC;

2007- Fase da realidade e sensibilidade, tendo como palavra-chave “Encontro” e como fio condutor “Aprender caminhando com o Mestre”. Neste ano contribui substancialmente para o processo o Sínodo de Aparecida.

2008 - Fase do aprofundamento, com a palavra-chave “Aprofundamento” e como fio condutor “Aprender ouvindo o Mestre”.

2009 - Momento de celebração e ação, com as palavras-chave “Eucaristia – Missão”. Concluí na 3ª Semana Brasileira de Catequese – Iniciação a vida Cristã – Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética – CNBB.

Este período é marcado pela gestação de um novo tipo de catecismo local, que seguirá as diretrizes do DNC e as reflexões dos encontros acima citados, onde se tem o ideal de que todos são convidados a colaborar. Chamou-se a atenção que enfoques, programação e subsídios não podem mais ser os mesmos dos últimos 10 anos. Fiéis ao passado, mas sem se prender a ele viu-se a importância de fazer algumas perguntas para implementar a catequese nestes novos contextos, que vão desde entender este mundo pós-moderno e as chances que ele oferece até resistir ao que é inaceitável; preparar-se para o diferente que vem e considerar o efeito do multiculturalismo nas novas gerações, assim como o cuidado com o barateamento da fé e como programar a catequese nas diversas faixas etárias e situações.

A Igreja Católica no Brasil entra na segunda década do século XXI impulsionada por um fazer catequético buscando responder as questões deixadas pela 3ª SBC, fundamentada na metodologia mistagógica do DGC (1998) e do Documento de Aparecida (2007), com base catecumenal; na experiência do encontro com Jesus, na oração, nos Sacramentos e na leitura orante da Bíblia.

3 BREVE HISTÓRICO DO “CRESCER EM COMUNHÃO”

Nesta parte realizar-se-á uma breve introdução aos eventos da confecção do material didático-catequético. Coerente com o todo e já explicitado no capítulo anterior não se têm a pretensão de fechar qualquer perspectiva histórica, agora sobre o “Crescer em comunhão”, pois não é o objeto deste trabalho. Faz-se necessário expor um mínimo de suma importância que ajude no fio condutor da dissertação para Análise de conteúdo, assim como valorizar este catecismo local, e seus autores, que cumpre sua missão catequética por mais de três décadas no Brasil. Cada agente histórico carrega em si uma lembrança e uma visão própria dos acontecimentos, então o método para esta exposição foi o histórico crítico com base no “relatório de histórias e memórias” gerado ao GPER⁹ (2015-16) sobre as consultas com os autores das revisões e os responsáveis pelo Imprimatur e da Editora Vozes.

3.1 GESTAÇÃO E MOMENTOS ANTERIORES AO CIC

Em 1980, um pequeno grupo composto por trinta pessoas lideradas pela Ir Araceli Glória Xavier da Roza¹⁰ e a Ir Maria Cacilda Degaspere¹¹ iniciam uma série de discussões sobre a falta de materiais didático-pedagógicos para catequese. Ao constatar em suas realidades que os materiais eram de baixa qualidade, tanto de conteúdo como de produção gráfica, sentiram-se motivadas a construir um que abarcasse esta necessidade. A discussão em torno de um catecismo local ainda estava em debate na CNBB. Este era o momento de gestação da Catequese Renovada, após os sínodos latino-americanos de *Medellin* e *Puebla*. Então, destas que iniciaram as conversações, apenas quatro permaneceram e assumiram o

⁹ Grupo de Pesquisa Educação e Religião (<http://www.gper.com.br>) (cf. Anexo A).

¹⁰ Consagrada FC (Filhas da Caridade, Vicentina) além de autora foi coordenadora do Regional Sul da CNBB, para catequese. Hoje vive na casa das Filhas da Caridade, anexo ao Colégio São José, em Curitiba. Continua com o trabalho de formação, e assessorando, na editora Vozes, a cerca de materiais catequéticos.

¹¹ Consagrada RSA (Religiosas de Santo Andre) assim como trabalhou no material, hoje continua realizando trabalhos relacionados a espiritualidade, na casa de Retiro Santo Andre, em Campo Largo-PR.

compromisso de suprir a falta de material catequético local. Este será ofertado para toda Arquidiocese de Curitiba, e como será visto, para todo Brasil e exterior.

Além das duas pioneiras, a Irmã Hulda Lia Francener¹² e o padre “Zeca” José Geeurickx¹³, cuja experiência assessorando a CNBB e com o material “De mãos dadas” (trabalhado na catequese familiar rural de Palmas-PR fig.1) contribuem para o empreendimento.



fig.1

Dom¹⁴ Pedro Fedalto será o responsável eclesiástico pelo Imprimatur¹⁵ do material. Em meio a discussões sobre como imprimir o primeiro material, se por gráfica independente, surgiu o interesse da Editora Vozes¹⁶, que até então não tinha um material catequético completo pós-conciliar. Após isto, o Arcebispo de Curitiba convida Irmã Araceli a levar o material pronto para reunião do Regional Sul 2 da CNBB¹⁷. Ela apesar de se considerar inexperiente, com apenas 32 anos, aceita. Estava na reunião Dom Geraldo Majella¹⁸, que elogia o material e quer ofertá-lo a outras dioceses do Paraná. Para surpresa da Irmã e da Editora, na primeira tiragem, o Regional compra 80 mil unidades. O material é composto por 5 livros, para toda

¹² Consagrada FC (Filhas da Caridade, Vicentina), nos anos 80 e 90 foi atuante nos movimentos sociais no oeste do Paraná, como MST. Ajudou a fundar a Associação de moradores da Comunidade de Cachoeira em Almirante Tamandaré e atualmente trabalha na CPT de Guarapuava e assessora as CEBs na área de agroecologia e economia solidária.

¹³ Consagrado MSC (Missionários do Sagrado Coração), em 2014 fez 40 anos de sacerdócio, atualmente está na paróquia Sagrada família, em Cuiabá. Em 2005 esteve em missão no Japão e atua na Pastoral do migrante.

¹⁴ Arcebispo de Curitiba e Presidente da Regional Sul, hoje Arcebispo emérito de Curitiba e neste ano completa 50 anos de ordenação episcopal.

¹⁵ Todo livro que quer ter reconhecimento da Igreja Católica em relação a fidelidade doutrinária deve ter o Imprimatur. Este então passa por uma análise criteriosa da hierarquia eclesiástica.

¹⁶ Editora católica fundada em 1901 por Franciscanos.

¹⁷ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil é dividida em 18 regionais.

¹⁸ Bispo de Toledo neste período, Arcebispo de Londrina em 1982 e eleito Cardeal em 2001, foi Primaz do Brasil e Presidente da CNBB. Participou do conclave que elegeu Bento XVI e Francisco.

iniciação cristã (três para o Sacramento da primeira eucaristia e dois para o sacramento da Crisma fig.2). A editora Vozes apresenta o material para as demais dioceses do Brasil, percebendo que a falta de um material didático-pedagógico para o ensino catequético não era apenas no Paraná. Nos anos seguintes o “Crescer em Comunhão” está na maior parte dos estados brasileiros. A continuidade dos pedidos exigiu dos autores e da editora uma revisão, que se inicia em 1986.



Fig.2- Primeira edição (1981).

Neste período (1981-1986), a CNBB já havia lançado o documento 26 (1983) sobre a Catequese Renovada. Com isto, o “Crescer em comunhão” precisou se atualizar diante destas diretrizes da Igreja no Brasil e recolhe as críticas dos catequistas sobre o peso dos conteúdos. Entra na equipe mais uma autora, a Ir Gertrudes Balestieri¹⁹. Esta traz a experiência de trabalhar na Lapa-PR com um conteúdo mimeografado chamado “textos para catequese”, assim como a vivência junto ao Movimento Sem Terra (MST) e Comunidades Eclesiais de Base (Cebs). A edição revisada (fig.3) é publicada em 1989 com o Imprimatur de Dom Albano Bortoletto Cavallin²⁰, que acompanhará o material até a revisão de 2008.

¹⁹ Consagrada ISJC (Irmãs de São José de Chambéry)

²⁰ Arcebispo de Guarapuava e Coordenador da catequese do Regional Sul da CNBB, hoje Arcebispo emérito de Loderina e reconhecido como um dos maiores catequistas da história do Brasil.



fig.3

3.2 AMADURECIMENTO E A RECEPÇÃO DO CIC

Em 15 de agosto de 1996 é aprovado o Imprimatur da 3ª revisão (fig.4) do “Crescer em Comunhão”, que leva em consideração a nova realidade eclesial do Catecismo Universal (1992) em curso. Quatro novos autores compõe a equipe: Ana Cristina Malechesk, Helio Wolfart²¹, Léo Marcelo Plantes Machado²² e Maria Tereza Corrêa.

Após longa reflexão somente na 4ª revisão (fig.5), em 2002, que os autores acolhem completamente o contexto da Catequese Renovada com o Catecismo da Igreja Católica.²³ Também seguindo as diretrizes do Diretório Geral da Catequese (1998) onde consta a valorização do CIC e a experiência catecumenal. Dos autores que iniciaram a coleção em 1980 somente a Irmã Araceli e a Irmã Gertrudes permanecem, e Helio Wolfart da revisão anterior.

²¹ Contribuiu com a produção editorial em parceria com a editora Vozes. É formado em filosofia, história e psicologia, foi analista de projetos de 2002-2014, na Arquidiocese de Curitiba.

²² Atualmente é coordenador do curso de catequética nas Faculdades Vicentinas e coordenador da catequese na diocese de São José dos Pinhais.

²³ Cf. Declarações das autoras Ir Araceli, Regina Mantovani e Maria do Carmo Ezequiel Rollemberg (GPER 2016).



fig.4

A nova equipe conta com dois seminaristas da Arquidiocese de Curitiba (Alexsander Cordeiro Lopes e Roberto Nentwig), que vem motivados a realizar as mudanças propostas. Estas consistem numa maior experiência de fé em contrapartida aos conteúdos excessivamente sociológicos, frutos das expressões teológicas latino-americanas dos anos 80 e 90²⁴ das edições anteriores. Por fim, completa a equipe; o teólogo Cesar Leandro Ribeiro²⁵, Maria Cecília M.N. Giovanella e a historiadora Regina R.F. Mantovani²⁶. Esta última ocupará papel de destaque nas próximas duas revisões. Em 01/08/2008 a 5ª revisão (fig.6) recebe o Imprimatur de Dom José Antônio Peruzzo, atual Arcebispo de Curitiba. Este vem contribuir com sua larga experiência como Doutor em Bíblia e a frente da Comissão Bíblica da CNBB.

²⁴ Cf. Declarações dos padres Alexsander e Roberto (GPER,2016)

²⁵ Foi coordenador no curso de teologia da PUCPR (2012-2014), atualmente coordena o setor de pastoral da PUCPR.

²⁶ Atual coordenadora do Regional Sul da CNBB, para catequese.

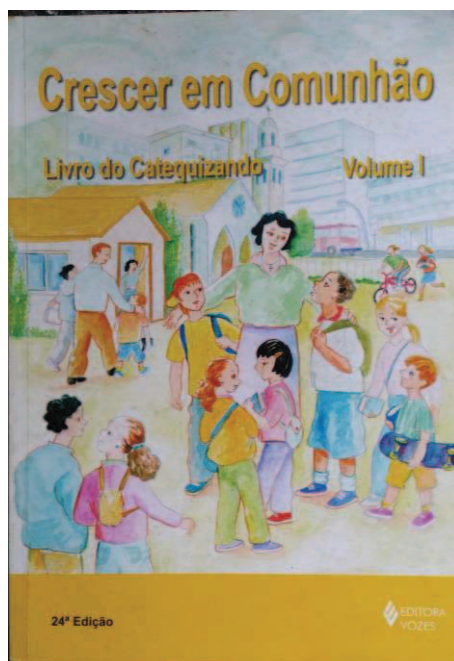


fig.5

Os autores são os mesmos da revisão anterior, mas agora os seminaristas estão com a ordenação sacerdotal e aparecem com o título de padre. Padre Alexander e Padre Roberto lideraram diversas pastorais na Arquidiocese em especial da catequese e da juventude. Desta forma, eles puderam contribuir com a experiência em dois níveis: de postulantes ao sacerdócio e já vivenciando a ordenação sacerdotal. Algo que se destaca nesta revisão é a busca por cumprir as recentes diretrizes do Diretório Nacional da Catequese (DNC 2005) e as intuições do Documento de Aparecida (DA 2007). Mantém-se o mesmo espírito da reformulação que se inicia em 2002, fazendo uma escolha de método com foco no pedagógico. Com o intuito de propiciar ao catequizando a experiência do encontro com a pessoa de Jesus. Conforme exposto, isto nas estruturas do material se realizará preferencialmente na prática pedagógica, então os conteúdos doutrinários serão considerados, mas servindo a esta experiência.²⁷ Dom Peruzzo terá maior influência na última revisão, pois esta já estava quase que integralmente finalizada.

²⁷ Cf. Declarações de Dom Peruzzo e Regina Mantovani (GPER, 2016)

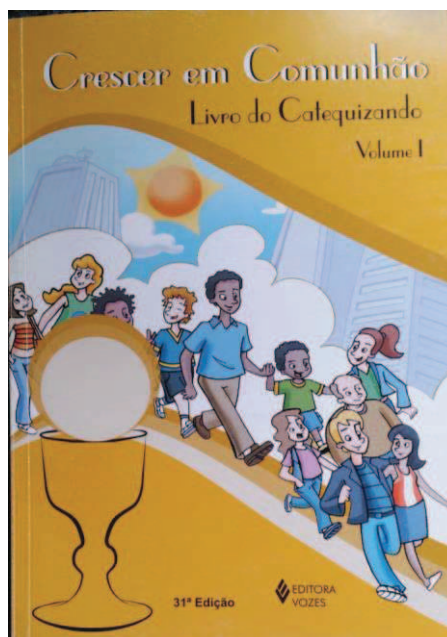


Fig.6

A 6ª e última revisão (fig.7) vem remodelada. Dom Peruzzo mesmo considerando que o material tem limitações e faz parte de um histórico, contribui significativamente para que este se mantenha fiel a estimular os catequizando no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, em especial na leitura orante da Bíblia. Concluí-se os trabalhos e ele dá o Imprimatur em novembro de 2013. Permanecem três livros para primeira comunhão. Irmã Araceli e Regina Mantovani são acompanhadas por Célio Reginaldo Calikoski²⁸, Maria do Carmo Ezequiel Rollemberg²⁹ e retorna o, agora mestre em educação, Léo Marcelo Plantes Machado, que fez parte da revisão de 1996. A grande mudança está no livro para o Sacramento da Crisma. Os livros quatro e cinco são fundidos em apenas um, assim como vem com autora única, a historiadora Regina Mantovani. A coleção, depois de 33 anos com cinco volumes é apresentada às dioceses de todo Brasil com quatro volumes. São 35 edições e cinco revisões, nos 35 anos de existência. Sendo assim o material didático-pedagógico, para catequese, mais antigo e o mais utilizado no país. Também em uso (desde 2006 com a revisão de 2002) pela Arquidiocese da Cidade do México e outras neste país, na versão em espanhol e apresentação gráfica ligeiramente maior (fig.8).

²⁸ Pedagogo, professor em escola estadual de União da Vitória-PR, tem um blog de catequese e é assessor na Diocese de União da Vitória.

²⁹ Faz parte do Regional Sul da CNBB, para catequese, e é catequeta desde 1999.

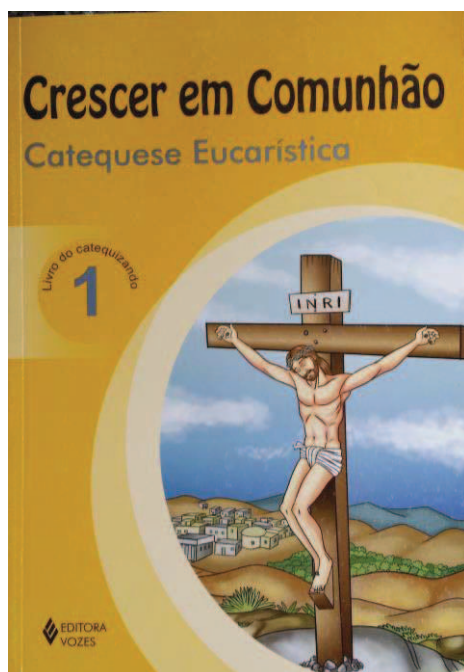


fig.7

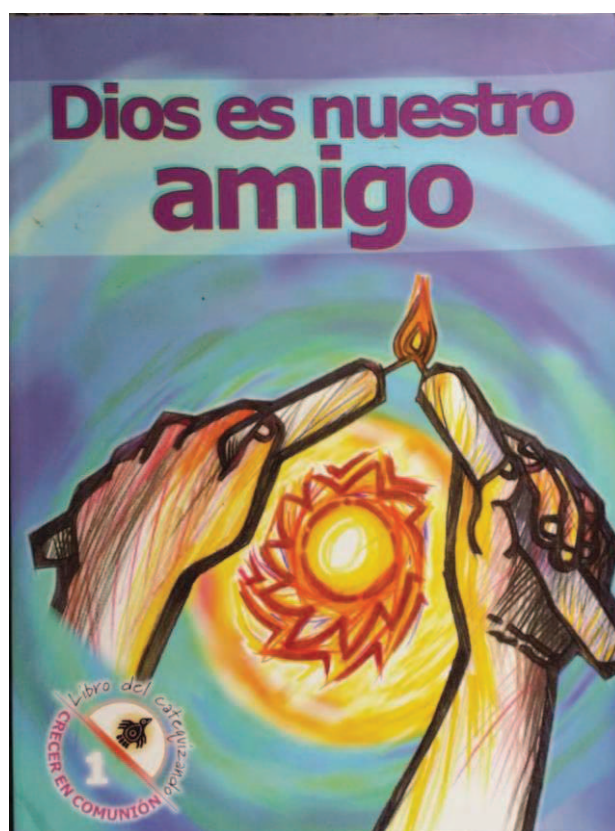


fig.8

4 PROBLEMA DO MAL E A EXISTÊNCIA DO DIABO

Ao considerar o tema específico a ser analisado dentro do material didático-catequético não houve como separar um elemento do outro. “O problema da existência dos demônios e do Diabo só pode ser posto e resolvido de modo satisfatório à luz do problema teológico do mal” (KASPER, LEHMANN, 1992, p.8) e vice-versa, falar dentro da doutrina católica sobre o “problema do mal” e dissociá-lo destas criaturas espirituais algo ficará incompleto.

4.1 CONTEXTO DE ÉPOCA: O MAL SOCIAL E O DIABO

Um possível esvaziamento ou dúvida a cerca do Problema do mal e da existência do Diabo e dos demônios dos meios catequético, teológico e eclesial na pós-modernidade é o motor para as reflexões deste capítulo, sabendo que a coleção “Crescer em Comunhão” é fruto deste tempo. O pensamento racionalista, relativista, tecnicista e a conscientização das necessidades prementes de justiça social ganharam força, principalmente com a ascensão das ideologias socialistas no século XIX. A própria Igreja Católica, a partir da encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII, que inaugura a Doutrina Social da Igreja, vem responder a esta demanda de justiça social. Claramente também, como resposta a estas ideologias, que vinham ocupando espaço entre o operariado do início da Revolução Industrial e continuou influenciando as classes trabalhadoras por todo século XX. Na América Latina (anos 60) ganha força compreensões teológicas que fundem a DSI com ideologias do campo sociológico ou com forte influência dos teóricos das ciências sociais (cf. CDF, 1985;1986). Um exemplo que tem maior representatividade é a Teologia da Libertação, que nas últimas quatro décadas inspira, dentro da Igreja Católica, boa parte dos leigos e do clero por meio de uma “opção preferencial pelos pobres”.

Alguns de seus adeptos levam ao radical tal forma de pensar o evangelho, tendo como objeto do seu fazer teológico “o pobre ou a realidade do pobre é o “ponto de partida”” (BOFF, C., 2007, p.2), então se engajam nas lutas sociais, na fundação de partidos políticos e promoção de uma educação catequética “pés no

chão”. O frei Clodovis Boff expôs este contexto histórico recentemente ao dizer que “no documento de 1986, ele (Cardeal Ratzinger) aponta a primazia da libertação espiritual, perene, sobre a libertação social, que é histórica. As correntes hegemônicas da Teologia da Libertação preferiram não entender essa distinção. Isso fez com que, muitas vezes, a teologia degenerasse em ideologia” (BOFF, C., 2013, p.1). A orientação dada pelo último documento de formação de catequistas na Arquidiocese de Curitiba retrata este momento histórico e aconselha;

Se na década de 80 os movimentos populares se preocupavam mais com a transformação da sociedade, depois vieram movimentos mais conservadores, preocupados com a fé e com as manifestações religiosas. Você catequista, independente da sua linha de espiritualidade, precisa buscar o equilíbrio, unindo a fé com a vida. Já o dito popular nos fala com certa sabedoria: nem tanto à terra e nem tanto ao céu (CBAC, 2013, p. 65).

Esta questão de as ciências humanas influenciarem a pastoral católica se estendeu para o pensamento das “verdades da fé” no campo do pensamento teológico. O que é dito na doutrina, por vezes, foi deixado de lado por algo que era mais aceito nas reflexões filosóficas ou sociológicas de época. Isto alimentou as pastorais num círculo vicioso, que trata os documentos do Magistério, e mais tarde, o Catecismo universal como dispensáveis (CDF, 1985, p.25). A resolução do “problema do mal” e o pecado separados dos elementos espirituais é a evidência disto. Se separa o pecado do primeiro causador, assim como da relação com Deus e esta teogonia³⁰ Católica, os conteúdos se tornam de ensino de filosofia cristã. O plano espiritual e as demandas físicas se confundem, mas os conceitos em relação a uma e outra coisa serão esclarecidos nos pontos seguintes.

4.2 CONCEITO: O MAL NA FILOSOFIA E NA TEOLOGIA CATÓLICA

Na pedagogia da Revelação cristã o Problema do mal é indissociável da existência do Diabo e dos demônios. Contudo na filosofia, mesmo concebendo a existência de um Criador, tem uma série de pensadores desde LEIBNIZ (2013) que explicaram, por meio da Teodiceia, como o mal entrou na humanidade

³⁰ Teogonia é a expressão utilizada para narrar o nascimento das criaturas espirituais e como elas se comportam. Vêm da religiosidade grega, quando Hesíodo (VIII a.C.) descreve o surgimento dos deuses, aqui é utilizada para expressar o desenvolvimento destes seres espirituais que o Deus único criou. Vale recordar que o Deus judaico-cristão é o único criador o restante é Criação Dele.

exclusivamente pelo mau uso da liberdade, não sendo necessária a exposição de criaturas espirituais. Assim a humanidade é responsável por ele, não sendo Deus, de forma alguma criador do mal. Até porque, em substância, o mal não existe. Como substância criada somente existe o bem. Deus permite que exista o mal, respeitando a liberdade dada a criatura.

Um mundo com criaturas que sejam significativamente livres (e que livremente executem mais ações boas do que más) é mais valioso, se não houver complicações de outros fatores, do que um mundo sem quaisquer criaturas livres. Ora, Deus pode criar criaturas livres, mas não pode causar ou determinar que façam apenas o que é correto. Afinal se o fizer, então elas não são afinal significativamente livres; não fazem livremente o que é correto (PLANTINGA, 2012, p.47).

Isto responde ao ateísmo acerca da existência do Deus misericordioso, onisciente e onipresente coexistindo com o mal vindo das criaturas. No entanto, o elemento espiritual influenciador da humanidade é ignorado, o que não aconteceu na primeira resolução cristã de AGOSTINHO (1995), pensador que primeiro respondeu sobre ao Problema do mal no Cristianismo e mantém a coerência das Escrituras, dando suporte também na Tradição e para o ensino do Magistério da Igreja nos séculos seguintes.

Com efeito, aqueles que desejam a igualdade com os anjos, movidos por própria vanglória, não querem por aí elevar-se a uma medida igual à dos anjos, mas sim rebaixarem os anjos à sua própria condição. E porque, perseverando em tal pretensão, serão igualados ao castigo dos anjos prevaricadores, que amam o seu próprio poder mais do que o de Deus todo-poderoso. Realmente, tais homens encontrar-se-ão do lado esquerdo, no juízo final, porque não terão procurado a Deus pela porta da humildade, a qual o Senhor Jesus Cristo mostrou-nos em si mesmo. Viveram eles cheios de orgulho, sem nenhuma misericórdia. Então, ser-lhes-á dito: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41) (Ibid., p.183)

No decorrer dos milênios as religiões responderam o “problema do mal” por meio de suas doutrinas e incluem em suas teogonias as criaturas espirituais e influenciadoras do homem, visto “que o mundo estar no mal é uma queixa tão antiga como a história” (KANT, 2008, p.22). No Catolicismo não é diferente. Mesmo a filosofia moderna não dando uma resposta frente ao “problema do mal”, evidencia-o, mas o considera algo aporético (cf. KANT, 2008). Alguns filósofos como Leibniz argumentaram por uma perspectiva da filosofia cristã e é o caso mais recente também de Paul Ricouer, mas acaba por relativizar o mal em relação as criaturas

espirituais, como complemento apenas ao valor da liberdade humana, tratando as possíveis criaturas pessoais como símbolos (cf.RICOUER, 2013) e isto se enraíza da mesma forma na teologia (cf.TORRES QUEIRUGA, 2011) ou buscando explicações em novas ciências em conjunto com a teologia, como a parapsicologia (cf.QUEVEDO, 1989). Esta última nega qualquer forma de influência nas realidades humanas, mesmo que as criaturas existam. Por outro lado, a religião, em especial a Doutrina Católica, responde integralmente como o mal entrou na natureza humana, como se mantém através de uma marca (Pecado original) e suas consequências na predisposição ao erro (concupiscência). Assim como a liberdade pode potencializar o mal a se perpetuar, incluindo neste processo uma hierarquia de criaturas que primeiro se corromperam. No caso criaturas puramente espirituais que continuam a influenciar a humanidade (DH 800; CIC 310-412).

4.3 A EVIDÊNCIA DO MAL E AS DIFICULDADES NO ENSINO CATÓLICO

A Igreja Católica, mesmo explicitando tais “verdades da fé”, em seu seio enfrenta divergências teológicas sobre a existência destas criaturas espirituais ou pelo simples desconhecimento do tema pelos educadores da fé. Há evidentes dificuldades de como realizar o ensino sobre angelologia e o “problema do mal”, visto um passado acusado de obscurantista e envolto numa “pedagogia do medo”. Estas se tornam, na maior parte das vezes, questões exclusivamente morais e são combatidas por meio de uma *práxis* da justiça social, o que não responde integralmente a questão que se estende a níveis; além de físicos e psicológicos, espirituais.

Debates realizados por alguns teólogos tornam este assunto no alto grau teológico como superado, pertencente a contextos históricos, linguísticos ou da mitologização antiga e medieval. Entrar nestes assuntos constrange, tal como Papa Paulo VI transparece, na sua introdução, quando fez o ensino sobre o assunto; “Não deveis considerar a nossa resposta simplista, ou até supersticiosa e irreal: uma das maiores necessidades é a defesa daquele mal, a que chamamos Demônio” (OR,1972, p.1).

Nos anos 70 as discussões ganharam corpo. Isto após o caso Anneliese Michel, na cidade de Klingenberg (Alemanha), conhecido atualmente pela representação cinematográfica³¹ “O exorcismo de Emily Rose (2005)”. Este deu um novo impulso ao debate sobre o tema, que já vinha sendo extremado ou simplesmente relegado ao esquecimento:

Há alguns anos, tem curso nos países de língua alemã uma discussão teológica em torno do significado dos enunciados bíblicos e da tradição eclesiástica sobre os demônios e o diabo. O trágico caso Klingenberg manifestou subitamente a um público mais amplo os problemas que dele derivam. Imprevistamente apareceram as consequências gravíssimas que decorrem de uma falsa “crença no diabo”. Novas manifestações do satanismo e do culto a Satanás em todo o mundo mostraram, além disso, aonde pode conduzir uma demonologia que se desvia da fé cristã(...) “A discussão teológica está ligada a(...) Herbert Haag, estudioso católico do Antigo Testamento (e de seus colaboradores). A questão que se apresenta em primeiro lugar é a seguinte: o diabo, caso realmente exista, é um ser pessoal ou, ao contrário, apenas “uma personificação” cifrada do mal, ou do pecado? (KASPER, LEHMANN, 1992, p.7).

Questionamentos como este realizados por importantes teólogos receberam como resposta o sim por alguns e o não por outros. “Algo que até então não ocorreu na história do cristianismo” (BALDUCCI, 2004, p.11). Esta dúvida doutrinária ou hermenêutica deste plano espiritual recebeu uma resposta objetiva de Paulo VI:

Sai do âmbito dos ensinamentos bíblicos e eclesiásticos quem se recusa a reconhecer a existência desta realidade; ou melhor, quem faz dela um princípio em si mesmo, como se não tivesse, como todas as criaturas, origem em Deus, ou a explica como uma pseudo-realidade, como uma personificação conceitual e fantástica das causas desconhecidas das nossas desgraças (OR, 1972, p.2).

Em níveis pastorais se vê excessos na demonização do mundo, popularização de exorcismos por um lado, e por outro, que poderia ser de esclarecimento ao fiel, o tema é ignorado ou acompanha uma linha de argumentação filosófica, psicológica ou histórico-crítica. Coloca-se em segundo

³¹ Também nos anos 70 o filme “O exorcista (1973)” tem enorme sucesso, ainda mais por este ser embasado num exorcismo real. Somente nos últimos 6 anos, 9 filmes sobre possessões e exorcismos foram realizados, alguns deles alcançando grandes bilheterias: “O último exorcismo (2010)”, “O Ritual (2011)”, “Invocação do Mal (2013)”, “Anabelle (2014)”, “Possessão do mal (2014)”, “Livrai-nos do Mal (2014)”, “Exorcistas do Vaticano (2015)”, “A bruxa (2016)” e “Invocação do mal 2 (2016)”, para os próximos anos outros do gênero serão lançados mostrando o interesse do público, em sua maioria jovens. Pode-se citar também as séries televisivas: “Penny Dreadfull (2014-16)”, “Supernatural (2013-2016)”, “O exorcista (2016)” e “Supermax (2016)”.

plano a Tradição, e principalmente, o que explicita o Magistério. Como se o próprio Magistério para compor os documentos não utilizasse aquelas ciências auxiliares a teologia.

Algo que a Igreja no Vaticano II e pós Concílio tornou caro é que o conhecimento advindo da Tradição dos séculos, fundada nas Sagradas Escrituras, sofra um *aggiornamento*. No entanto, esta “atualização” se faz declarando “as verdades da fé” numa linguagem acessível ao fiel de seu tempo. Isto não quer dizer mundanizar a mensagem, como se o argumento do pensamento secular tivesse prioridade sobre as verdades eternas. Sabe-se que algumas questões que estão na Doutrina Católica são dogmáticas, isto quer dizer balizadoras e imutáveis. Tem outras na “hierarquia das verdades” que podem receber críticas teológicas e novas hermenêuticas devido a abertura de não ser uma declaração dogmática. É o caso do objeto deste trabalho. No entanto, na Igreja Católica, o peso da Tradição e do Magistério sobre o Ensino Bíblico tem autoridade para esclarecer os temas que são controversos. Por esta razão a importância do Catecismo Universal ser referencial, para que o fiel e as pastorais que o instruem não se percam na relativização dos temas doutrinários (CIC, 1992, p.1). Quando se pergunta ao CIC o que a Igreja pensa sobre o “Problema do mal e a existência do Diabo e dos demônios” ele responde da seguinte forma:

Se Deus Pai todo-poderoso, Criador do mundo ordenado e bom, tem cuidado com todas as suas criaturas, porque é que o mal existe? A esta questão, tão premente como inevitável, tão dolorosa como misteriosa, não é possível dar uma resposta rápida e satisfatória. É o conjunto da fé cristã que constitui a resposta a esta questão: a bondade da criação, o drama do pecado, o amor paciente de Deus que vem ao encontro do homem pelas suas alianças, pela Encarnação redentora de seu Filho, pelo dom do Espírito, pela agregação à Igreja, pela força dos sacramentos, pelo chamamento à vida bem-aventurada, à qual as criaturas livres são de antemão convidadas a consentir, mas à qual podem, também de antemão, negar-se, por um mistério terrível. Não há nenhum pormenor da mensagem cristã que não seja, em parte, resposta ao problema do mal (CIC 309).

Aqui é bom esclarecer que o “Crescer em Comunhão” está imbuído desta mensagem positiva de Salvação. No conjunto da obra estas realidades doutrinárias estão claramente expostas. A pedagogia adotada para que os catequizandos realizem o encontro com a pessoa de Jesus Cristo se ancora nestes preceitos acima expostos. Entretanto, como exposto a seguir nas inferências da Análise de conteúdo esvazia-se esta outra parte:

Mas por que Deus não criou um mundo tão perfeito que nele não possa existir mal algum? Segundo seu poder infinito, Deus sempre poderia criar algo melhor. Todavia, em sua sabedoria e bondade infinitas, Deus quis livremente criar um mundo em estado de caminhada para sua perfeição última. Este devir permite, no desígnio de Deus, juntamente com o aparecimento de determinados seres, também o desaparecimento de outros, juntamente com o mais perfeito, também o menos imperfeito, juntamente com as construções da natureza, também destruições. Juntamente com o bem físico existe, portanto, o mal físico, enquanto a criação não houver atingido a sua perfeição.

Os anjos e os homens, criaturas inteligentes e livres, devem caminhar para o seu último destino por livre escolha e amor preferencial. Podem, por conseguinte, desviar-se. De facto, pecaram. Foi assim que entrou no mundo o *mal moral*, incomensuravelmente mais grave que o mal físico. Deus não é, de modo algum, nem directa nem indirectamente, causa do mal moral. No entanto, permite-o por respeito pela liberdade da sua criatura e misteriosamente sabe tirar dele o bem: «Deus todo-poderoso [...] sendo soberanamente bom, nunca permitiria que qualquer mal existisse nas suas obras se não fosse suficientemente poderoso e bom para do próprio mal, fazer surgir o bem» (CIC 310-311).

A possível clareza com que o Magistério descreve no Catecismo Universal como a Igreja Católica responde o “problema do mal” impressiona, mais ainda pela dúvida que ressoa nos meios de ensino catequético e eclesial. Sabe-se que o conteúdo de qualquer documento, principalmente de um Catecismo, tem um tempo para ser absorvido e sabe-se que por alguns grupos é digerido com muita dificuldade ou resistência. Nos anos 80, João Paulo II advertiu que “a Igreja experimenta hoje no seu seio, aqui e além, divisões entre as suas próprias componentes, causadas pela diversidade de pontos de vista e de escolhas, no campo doutrinal e pastoral. Também estas divisões podem, por vezes, parecer irremediáveis” (OR, 1984, p.3). Entretanto, o fiel com pouca instrução, avesso as questões mais aprofundadas da teologia, vai ao curso da paróquia, na catequese, aberto a receber os conteúdos da fé. Este ensino no Brasil só podendo ser realizado nos espaços religiosos, então espera-se das religiões o cuidado de ofertar o seu conteúdo de fé de forma completa. Se os conteúdos específicos da fé (verdades da fé) não são ofertados neste ambiente receberá em outro local certamente com distorções. Ciente disso vê-se dentro da Igreja Católica, não somente no Brasil, mas no mundo, o lema: “a formação catequética é ‘prioridade absoluta’” (DGC 234). Quem se incumba do ensino confessional de uma religião não deveria excluir nenhum tema ou desconhecê-lo, sob pena de criar confusões, pois contribui para falta de esclarecimento sobre a fé que o neófito está disposto a receber.

Obviamente “não se deve supervalorizar a doutrina sobre os anjos e os demônios. Cada coisa no seu lugar e com a sua devida importância” (COSTA, 2009, p.2). Com base neste discernimento, o apóstolo Paulo chama a atenção para não perder o foco no centro do que deveria ser ensinado que “ninguém vos prive do prêmio, com engodo de humildade, de culto dos anjos, indagando de coisas que viu... ignorando a Cabeça, Cristo...” (Cl 2,18s). Contudo, em diversos textos Paulo não se isenta do ensino sobre estas realidades; “em vista d'Ele é que foram criados todos os seres, que há nos céus e na terra, os seres visíveis e os invisíveis, os anjos que são os tronos, senhorias, principados e dominações. Tudo foi criado por seu intermédio e para Ele” (Cl 1, 16) da mesma forma para os Hebreus “não são eles (os anjos) todos espíritos ao serviço de Deus, enviados a fim de exercerem um ministério a favor daqueles que hão-de herdar a Salvação?” (Hb 1, 14). Assim como aos Efésios expondo a ideia de “combate espiritual” e aconselha pela oração que é a “armadura de Deus” para resistir as “insídias do Diabo” (Ef 6,11), por fim ressalta que o combate “não é contra o sangue nem contra a carne, mas(...)contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais” (Ef 6,12). O Papa João Paulo II realizou o ensino destas passagens da seguinte forma:

Se lermos a página bíblica da cidade e da torre de Babel à luz da novidade evangélica e a confrontarmos com a outra página da queda dos primeiros pais, podemos tirar daí elementos preciosos para uma tomada de consciência do mistério do pecado. Esta expressão, na qual se repercute o que São Paulo escreve acerca do mistério da iniquidade tem em vista fazer-nos perceber o que se esconde de obscuro e de inexplicável no pecado. Este, sem dúvida, é obra da liberdade do homem; mas por dentro da realidade desta experiência humana agem factores, pelos quais ela se situa para além do humano, na zona limite onde a consciência, a vontade e a sensibilidade do homem estão em contacto com forças obscuras que, segundo São Paulo, agem no mundo até ao ponto de quase o senhorearem (OR, 1984, p.17).

O entendimento no ensino catequético da existência de uma criatura espiritual não quer dizer que se é obrigado a materializá-la. Os estereótipos nas ilustrações pictográficas ou esculturas agora deixarão de fazer sentido para que se possa aprofundar no conceito de criaturas puramente espirituais.

4.4 ORIGEM DO MAL: AS CRIATURAS ESPIRITUAIS E O HOMEM

Quando se estabelece as naturezas físico-espirituais do ser humano e apenas espirituais para demônios, o Diabo e demais criaturas da hierarquia celeste já se leva em consideração que estas não têm forma, ou podem adotar apenas formas sutis que quiserem. O mais importante é a influência que elas exercem na conduta humana. Daí a discussão se torna bastante complexa, mas necessária para aprofundar o esclarecimento:

O poder transubjetivo do pecado, que observamos especialmente nas cartas paulinas e que ali é descrito também de modo personificado, não pode ser identificado com o diabo, nem referido a ele. Esta tentativa de homogeneizar diversos conceitos e representações – que certamente também deve ser feita pela reflexão teológica que queira aprofundar o dado bíblico – muitas vezes levou a simplificações e minimizações inadmissíveis. Quanto mais os numerosos nomes e conceitos do mal operante no mundo nos causam a impressão de um poder de certa forma diversificado, sendo no seu núcleo homogêneo e antidivino, tanto menos poderemos prescindir, se quisermos compreendê-lo adequadamente, da relação não resolvida de tensão existente entre as diversas entidades (KASPER; KERTELGE, 1992, p.14).

O cuidado neste contexto é o de não colocar estas criaturas em todo texto bíblico como absoluta. Até porque “Diabo e demônios não são entidades rígidas, definidas, que nos escritos bíblicos seriam empregadas em toda parte de modo idêntico e unívoco” (KASPER; KERTELGE, 1992, p.15). Há situações como em 1Tm (3,11); 2Tm (3,3) e Tt (2,3) que aparece a palavra *diabolos* como adjetivo (caluniador, adversário, semeador de discórdia) de pessoas e não tem como ser uma criatura. No entanto, nas 34 vezes que o termo aparece, em sua maioria trata de um sujeito. No Antigo Testamento, em Sb (2,24) é um exemplo disso também. O termo *Satan* é utilizado 36 vezes no NT e no AT 18 vezes.

Em 1Cr (21,1) a “ira de Javé” é substituída por *Satan* numa teologia mais evoluída (BÍBLIA DE JERUSALÉM (notas), 2008, p.574); assim como, na visão do profeta em Zc (3,1s) quando *Satan* aparece como o anjo mau, acusador dos homens, inimigo deles. No NT os evangelistas descrevem a queda, sobre o sujeito e o seu fim em Lc (10,18); Jo (12,31); Ap (12,9). Isto com fortes indícios de ser um ensino vindo do próprio Jesus. Ele adverte para que seus seguidores não caiam nas seduções espirituais desta criatura. Vê-se, então, que “num estágio posterior da linguagem bíblica, poder-se-á falar de um diabo entendido como uma entidade claramente antidivina e com traços de tipo pessoal” (KASPER; KERTELGE, 1992

p.16). O termo *daimon* ou *daimonion* (*daimonia*)³² aparece 64 vezes, e 30 vezes o termo espíritos maus ou impuros no mesmo sentido de demônios. No Antigo Testamento (Septuaginta) quanto no Novo Testamento, reiteradamente refere-se aos deuses pagãos nas seguintes passagens Dt (32,17); Sl (96,5; 106,36s); Ap (9,20) e 1 Co (10,20s) (KASPER; KERTELGE, 1992, p.16-17).

A conceituação linguística poderia servir como argumento contra a existência das criaturas espirituais, como alguns justificam, que os termos ocupam uma relação com o espaço-tempo onde elas foram utilizadas. A palavra *daimon* ou *daimonion* (*daimonia*) foi emprestada do grego dentro de conceituações complexas de como aquele povo se relacionava com estas criaturas espirituais na sua religiosidade. Contudo, o empréstimo serve para comunicação nesta língua e não o conceito fechado de fato, pois o conceito de criatura espiritual a que deve ser atribuído aos demônios descritos na Bíblia vem da Tradição hebraica e da encarnação do Filho de Deus.

Para esta reflexão se faz necessário compreender a essência do Catolicismo, pois “para o historiador da religião o Cristianismo seria, desta sorte, um microcosmo do mundo religioso” (ADAM, 1956, p.6) e para aquele que é praticante da fé este complexo tem um tom vivencial, experiencial que se reforça no decorrer dos séculos, na caminhada da Igreja, a isto se chama “Tradição”. Para esclarecer, o fundo da mensagem que Jesus e seus apóstolos queriam passar estava fundamentada na Revelação do próprio Filho de Deus embebida da Tradição hebraica e em sua língua, posteriormente a Tradição católica fará a hermenêutica até os tempos atuais.

Então, se em sério se quer conhecer o porquê estes elementos foram utilizados para levar a mensagem a todos os povos, precisa-se olhar para relação que os hebreus tinham com tais criaturas primeiro. Aqui se alarga a perspectiva e vê-se a importância dos anjos (*malak*)³³ na caminhada do povo hebreu e, por fim, ver como o Magistério da Igreja interpretou tais “verdades da fé” e o seu estudo numa autorizada angelologia. Entretanto,

se se quer evitar um biblicismo simplista, que acriticamente explica como conteúdo de fé o modo bíblico de conceber a realidade, e com isto as

³² Nas Sagradas Escrituras estes outros anjos caídos são chamados genericamente de *daimonia* (*daimonion*) “palavra grega de etimologia incerta” (ANCILLI, 2012, p.743).

³³ (KIRST et. AL., 2007). Em grego: *aggelos* (RUSCONI, 2005)

implicações que desta mundividência derivam para pregação e o comportamento de Jesus, então se impõe inevitavelmente a pergunta de se as antigas concepções sobre o diabo e os demônios, de Jesus e dos discípulos, ainda são válidas, mesmo diante da mudança no modo de conceber o mundo, e se estão indissolúvelmente imbricadas com as autênticas intenções do evangelho” (KASPER, KERTELGE, 1992, p.11).

A utilização da língua grega foi o recurso para levar o evangelho ao maior número possível de pessoas, visto que desde Alexandre o Grande (séc IV a.C.) o grego *koiné* era a língua mais falada no mundo conhecido (HAAG, 1981, p.82). O próprio nome “Jesus” somente é conhecido vindo do grego *lesous* ou latim *lesus*, não sobraram documentos do século I no hebraico ou aramaico que se possa saber ao certo como era seu nome nestas línguas. O importante foi a transliteração para que mantivesse o sentido, no caso o significado do nome “Deus Salva”. Contudo também se tem a certeza, na teologia cristã, que ele existiu e existe, pois no Dogma de fé diz que ele após ser julgado por Pôncio Pilatos foi crucificado, morreu e também ressuscitou. Se partindo do mesmo raciocínio (por analogia) de o nome *Satan* ou *Diabolos*³⁴ estar atribuído apenas ao significado do nome e com isto apenas adjetiva comportamentos, dando um aspecto mítico, alegórico ou simbólico para esta criatura, o argumento poderia servir para o nome e a pessoa do Salvador “*lesous*”. Assim como ao próprio Criador, que é certo, nenhum cristão quando eleva suas orações a Deus está se referindo a

Júpiter ou Ζεϋς (genitivo Δίος) πατήρ, em grego, que corresponde ao Sânscrito *Diaus pitar* e ao Latim *Ju-ppiter* (Ju ou lu-ppiter). *Diaus* significa céu ou luz do céu, (Igual ao sol) que, por sua vez, já indica o caráter desta antiga divindade indo-européia. Para os gregos e Romanos, Júpiter era filho de Saturno e Réia. O Nome indo-europeu *deus* ou *Deus*, que se encontra em Sânscrito, Lituano, antigo prussiano, velho Islandês, galês, Latim e Grego, significa brilhante, inseparável do vocábulo *dia*, Ζεϋς em grego, *dies* em Latim (ORPHEU, 1974, p.169-171).

Alguns pensadores nas primeiras comunidades cristãs adotaram esta linha de raciocínio, considerando que Jesus não era homem verdadeiro, obviamente foram

³⁴ Na demonologia católica (que faz parte da Angelologia; estudo sobre os anjos) *Satan*, *Diabolos* e *Lucifer* são a mesma pessoa reconhecida por nomes diferentes, mas com significados semelhantes em hebraico e grego. No caso de *Lucifer* é vindo da tradução da Bíblia para o latim atribuída a São Jerônimo e aparece em Isaías (14,12). Também é chamado de “A antiga serpente” ou “O grande dragão” (Ap 12,9) no caso a primeira criatura espiritual que pecou. A Tradição entende este primeiro pecado como a soberba, o qual ele influenciou a primeira humanidade também cometer. A soberba é entendida como o viver sem Deus. “Sereis como deuses” (Gn 3,5) diz o tentador ao estimular a desobediência ao Criador.

considerados pensamentos heréticos.³⁵ É comum hoje, em meios anticristãos ou ateístas considerarem Jesus um mito, pois sua realidade histórica tem dificuldades de ser comprovada arqueologicamente ou pelos métodos históricos modernos.³⁶ Então, apegar-se na língua grega (ou nas ciências modernas) para argumentar que as criaturas espirituais não existem não é a melhor opção, visto a influência desta por sua cultura-religiosa, que difere em muitos aspectos do pensamento Hebreu. Em especial como o mundo anímico influencia o homem, pois a religiosidade grega concebe o politeísmo.

Estes diversos deuses na cultura grega são criadores e influenciadores dos seres humanos de fato, por vezes quebrando qualquer possibilidade de livre arbítrio das criaturas. Algo que se difere da religiosidade hebraica e, principalmente, no seu desenrolar para o Cristianismo, onde além da adoração monoteísta o complexo doutrinário leva sempre em consideração a liberdade humana. Dota o ser humano de tal livre arbítrio que ele mesmo pode abrir espaços para que estas forças espirituais o influenciem, mas nunca o força a fazer algo, ele faz porque quer. Após uma série de escolhas equivocadas pode se colocar a si mesmo na condição de escravo, como explica AGOSTINHO (1995);

Deus observou plenamente a justiça, punindo um e outro pecado (o do demônio e o dos homens). Pois foi tudo pesado na balança da equidade. Assim, o fato de não ser recusado ao demônio o possuir de certa forma o homem sob seu poder — posto que lhe fora submetido por haver aceito as suas más sugestões. Com efeito, não seria justo impedi-lo de dominar sobre aquele a quem havia capturado (Ibidem, p.183).

³⁵ No I Sínodo de Braga (Portugal) iniciado em 561 foram consideradas heréticas teorias que não consideravam Jesus como parte da Santíssima trindade e que não tenha nascido e vivido como homem verdadeiro, conforme afirmavam: Prisciliano, Maniqueus, Marcião, Cêrdon, Paulo de Samosata, Fotino e os gnósticos. (cf.DH 451-454)

³⁶ O único documento não cristão que fala de existência de Jesus em poucas palavras é no Livro XVIII de Antiquidades, do historiador judeu Flavio Josefo, que viveu no séc. I. No entanto, mesmo esta passagem foi colocada em dúvida nos últimos séculos, conforme expressa o filósofo francês:

“Os cristãos, por meio de uma dessas fraudes chamadas piedosas, falsificaram grosseiramente uma passagem de Josefo. Atribuem a esse judeu, tão obstinado em sua religião, quatro linhas ridiculamente interpoladas; e no final dessa passagem acrescentam: Era Cristo. O quê! Se Josefo tivesse ouvido falar de tantos acontecimentos que surpreendem à natureza, Josefo só teria dado um valor de quatro linhas na história de seu país! O quê! Esse judeu obstinado teria dito: Jesus era o Cristo. Oh! Se tivesse acreditado que era o Cristo, teria sido cristão. Que absurdo fazer Josefo falar como cristão! Como ainda se encontram teólogos tão imbecis ou tão insolentes para tentar justificar essa impostura dos primeiros cristãos, reconhecidos como fabricantes de imposturas cem vezes mais graves?” (Voltarie. Dicionário Filosófico, São Paulo: Editora Escala, 2008, pag 172).

Por mais que tenham similaridades e possa-se fazer analogias, a teogonia de uma religião desenvolvida numa cultura, com sua base linguística, na maior parte das vezes terá perdas da sua ideia primeira, assim como podem receber acréscimos de elementos quando for traduzida para outra língua e cultura. Leva-se em consideração que os escritores Inspirados do Novo Testamento (todo ele construído no grego)³⁷ tiveram uma razão/inspiração muito forte para assim fazer, além da popularidade da língua. O que não se pode perder de vista é a essência da mensagem e que independente dos nomes; há um Criador, existem criaturas físicas e criaturas espirituais (pecadoras) que se relacionam, por fim, há um Salvador para elas (DH 681; 800). Assim como a resposta sobre porque Deus permitiria o mal na liberdade dada

São Leão Magno responde: «A graça inefável de Cristo deu-nos bens superiores aos que a inveja do demônio nos tinha tirado». E São Tomás de Aquino: «Nada se opõe a que a natureza humana tenha sido destinada a um fim mais alto depois do pecado. Efectivamente, Deus permite que os males aconteçam para deles tirar um bem maior. Daí a palavra de São Paulo: "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5, 20). Por isso, na bênção do círio pascal canta-se: "Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor!"» (CIC 412).

Estas informações histórico-críticas e principalmente as “verdades da fé” são importantes para evidenciar justamente o essencial, pois acaba sendo a missão primeira do transmissor da mensagem (catequista) entender a importância da caminhada da Igreja pelos séculos (Tradição) e as interpretações das Sagradas Escrituras realizadas por esta (Magistério), que coopera, por fim, para entender esta essência do Catolicismo.

4.5 HEMENÊUTICA BÍBLICA: RESOLUÇÃO DO PROBLEMA E O DIABO

Se faz necessário aprofundar no estudo bíblico do AT para entender as definições doutrinárias realizadas pelo Magistério amparadas no NT. Então comparar os vários textos que citam as criaturas espirituais ajuda a identificar o

³⁷ Há estudos que consideram que o evangelho de Mateus como tinha o objetivo de evangelizar os judaizantes uma primeira versão ter sido escrita em hebraico.

essencial sobre elas e aprofunda o estudo da angelologia, para chegar na demonologia;

O que tem de similar os “espíritos malignos” em 1Sm (16,14); Jó (2,10); Jz (9,23); Tb (6, 8.16; 8,2-3); Ex (12,23); 2Rs (19,35); Ez (9,1); Sl (78,49), assim como, toda hierarquia angelical e a ação desta em Tb (11,11-15); Jó (1,6); Sl (29,1); Jo (5,1); 1Rs (22,19); Ne (9,6); Sl (103,21; 148,2); Ex (23,20); Dn (8,16; 9,21; 10,13); Tb (3,17); Gn (24,7) com a teogonia apresentada por Jesus e seus discípulos? Considerando, para a teologia cristã, que Jesus é a medida para toda Sagrada Escritura. A evolução do conceito nas Sagradas Escrituras com relação ao mal e as criaturas espirituais é definitiva somente no Novo Testamento, pois aquele Deus com ambos os atributos: punitivo, cheio de Ira, destruidor, mas também amoroso, misericordioso, que dá o alimento..., como se o bem e o mal proviesse Dele resolve-se no NT (KASPER; KERTELGE, 1992, p.17). Em Jesus e seus discípulos se corrige este mal-entendido, que os Padres da Igreja reforçarão:

De particular importância para um esclarecimento teológico dos enunciados bíblicos sobre o diabo e os demônios são a pregação e o comportamento de Jesus. Não há dúvidas de que Jesus, seus discípulos e os autores dos escritos neotestamentários contaram com a existência do diabo e dos demônios (Ibidem, p.11).

Por mais que toda criatura tenha vindo de Deus, Ele não pode ser responsabilizado pelo mal praticado pela criatura que abusa da liberdade, esta doada por Ele mesmo como dom. A perversão da liberdade induz a criatura ao mal. Isto não quer dizer que Deus não possa exercer a justiça, que para aquele injusto possa ser um mal, pois sofrerá o peso da justiça (AGOSTINHO, 1995, p.25). Aqui relativiza-se o conceito a cada um, no entanto o centro é Jesus e em seus ensinamentos o bem, o amor que é Deus, provém somente Dele. O ódio, o mal provém daqueles que mesmo como simples criaturas são oposição a Deus. Estes são *diabolos* no sentido adjetivo, como qualidade da pessoa, isto não exclui anjos caídos e um em especial, que no hebraico foi chamado *Satan ou Beelzebul*, no grego *Diabolos* e no latim *Lucifer*. Assim como, outras criaturas espirituais que por vezes nomina-se, mas na maioria das vezes utiliza-se a generalização *daimonia*, que foram as criaturas espirituais que pecaram em companhia do primeiro. Por fim, vem as criaturas físico-espirituais (humanidade) que influenciadas pelas espirituais

se afastaram da esperança e fé no Criador, esvaziando o amor, e por consequência perdem os dons, virtudes e Graça (DH 800).

Bom enfatizar que se não fosse importante que Jesus e seus discípulos descrevessem a ação de um plano espiritual nas realidades físicas, principalmente a presença destas criaturas, por quê eles o fariam? Por quê o fizeram? E com maior riqueza de detalhes que a Tradição judaica expunha, visto o que se têm no Antigo Testamento. Além do que, em seu tempo já existia um debate teológico entre Saduceus e Fariseus sobre a existência das criaturas espirituais, os primeiros não acreditavam (At 23,8). Mesmo Jesus tendo discordâncias nas atitudes dos Fariseus, os colocando como exemplo de má conduta, faz questão de esclarecer como esta teogonia se relaciona, obviamente não desvelando por completo este mistério. Talvez por razões que envolvem a limitação humana em compreender tais realidades que o ultrapassam, mas expõe estas realidades nos exorcismos e nos seus ensinamentos que percorrem todo Novo Testamento, assim como seus apóstolos reverberam em seus escritos. Isto quer dizer que fazia parte da doutrina do *Rabi*.

A apresentação que o NT faz dos demônios ou espíritos maus por vezes confundindo com doenças caracteriza em alguns momentos a generalização do mal, que fazia parte da cultura da antiguidade - tanto greco-romana quanto hebraica - o físico amalgamado com o espiritual. É o outro extremo do problema retratado neste trabalho e em suas inferências, onde qualquer entendimento sobre demônios hoje é generalizado a um mal físico ou social apenas, isto sendo sustentado por um laticismo relativista ou pelo marxismo militante; formas de ideologia que esvaziam o religioso e querem retirar qualquer elaboração de um plano espiritual como válido na vida das pessoas.

No caso da apresentação do Diabo ou Satanás fica mais claro que se trata da criatura espiritual opositora a Jesus ou aos planos de Deus;

o fato de os demônios de Mc 3,22ss serem associados a seu príncipe Beelzebul e de o terceiro evangelista (Lc 13,16) (At 10,38) atribuir casos de doença exercido pelo diabo já nos faz descobrir certas analogias entre o modo de afigurar o diabo e o de representar os demônios no Novo Testamento (KASPER; KERTELGE, 1992, p.13).

O avanço do racionalismo dentro da teologia católica tem em Herbert Haag (HAAG,1981) nos anos 70, sendo reverberado por Limbeck, o principal opositor da existência do Diabo e dos demônios. Onde quer substituir qualquer hermenêutica a cerca da existência deles como simples explicações naturais ou de contextos mitológicos de época (KASPER; KERTELGE, 1992, p.13). Ao investigar a exposição no DH (286; 325; 457; 794; 800; 1078; 1347; 1349; 1521; 1668; 4337) ou no documento de Paulo VI sobre a fé cristã e demonologia (CDF, 1975) vê-se falta de conhecimento ao esvaziar por completo a existência destas criaturas, apenas porque consegue-se explicar mais fenômenos nos tempos atuais. Este esvaziamento sobre o tema chama a atenção de Kertelge que refuta esta forma de pensamento ao dizer que “não coloca o dado bíblico na reta luz e torna impossível uma interpretação teológica aprofundada” (Ibid., p.13-14). O que se pode considerar também é que “o evangelho não proíbe a ninguém de buscar explicações naturais para estes fenômenos, atrás dos quais, no decurso do tempo, se começou a ver o próprio Satanás” (Ibidem p.13). Esta abertura pode contribuir para um ensino catequético e teológico que dialoga com a ciência e que não demoniza tudo, entretanto não se dispensa suas verdades de fé. Abrir-se ao diálogo das possibilidades não quer dizer excluir, por vezes surte resultado oposto. Partir daqui a discussão pode ser mais salutar também para retirar o centro da Criação, e de todo debate, do homem e de uma racionalidade egocêntrica. Ao contrário, utilizando os próprios avanços da ciência no século XXI e pensar como o homem é limitado diante do universo infinitesimal e do universo infinito que o rodeia, até onde o próprio homem pôde observar - levando em consideração apenas um plano físico – então pode-se fazer um exercício de imaginação; o quanto é desconhecido ao homem o plano espiritual da Criação. Colocar-se nesta condição de investigador talvez seja o mais prudente para todos. Desta forma, simplesmente aceitar que algo não existe, tendo indícios de que possa existir, ao invés de alargar a visão do hermeneuta esta se estreita, e no caso da catequese perverte-se.

4.6 TEOLOGIA LIBERAL E CATÓLICA, INFLUÊNCIAS NA CATEQUESE

A desconstrução fez parte da teologia na segunda metade do século XX. Rudolf Bultmann talvez seja o teólogo referência. Este entre outras coisas escreveu:

“Não se pode usar a luz elétrica, ouvir rádio ou recorrer, em casos de doença, às últimas descobertas médicas e clínicas e ao mesmo tempo acreditar no mundo dos espíritos e dos milagres tal como nos é proposto, pelo Novo Testamento” (BULTMANN, 1969, p.110). O risco para os teólogos que afirmam que algo não existe é dar razão a um ateísmo militante de que sua própria profissão é inútil, pois para estes a teologia estuda o que não existe.

Ao teólogo caberia perscrutar a Revelação divina e trazer a luz da Razão aquilo que é racionalizável sobre os mistérios que o transcendem.

O primado da fé, como não pode ser dado por descontado do ponto de vista existencial, também não pode sê-lo do ponto de vista epistemológico. O princípio-fé há de se manter sempre ativo, e isso não só na prática da vida, mas também na teoria teológica. Ora, sempre que esse princípio se manteve vivo, na forma de *sensus fidei*, ele imunizou os bons teólogos da libertação dos erros mais graves, como são os relativos ao princípio reitor da teologia (BOFF, C., 2007, p.3).

Se a missão é interpretada como crítica ou ridicularização a cultura ou Livro Sagrado ao qual está debruçado há algo de incoerente no sentido de ser desta missão. Isto se estende para os que ensinam a mensagem num nível catequético, que ainda mais, tem o compromisso de reproduzir a verdade Revelada e já racionalizada. Sabe-se da importância da catequese vivencial, mistagógica, de verdadeiro encontro com Jesus, que é o centro da fé cristã e tem prioridade no ensino catequético de hoje. No entanto, como realizar isto de forma plena se não tem o conhecimento do conteúdo doutrinário? Como o catequizando vai amar o que não conhece? Conhecer as nuances do combate espiritual pode contribuir para que o católico se torne mais ativo na relação com sua fé.

Esta dramática situação do mundo, que «está todo sob o poder do Maligno» (1 Jo 5, 19), transforma a vida do homem num combate: «Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a história dos homens. Tendo começado nas origens, há-de durar – o Senhor no-lo disse – até ao último dia. Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem. Só através de grandes esforços é que, com a graça de Deus, consegue realizar a sua unidade interior» (CIC 409).

Se, conforme argumentos, o importante é trabalhar exclusivamente uma “pedagogia positiva”, nos embates que o católico tem com as realidades malignas no mundo ele obviamente estará desarmado ou sem resposta em relação a este mal de

fato. Pelo bem evita-se o mal, mas quando o mal é evidente, que resposta interior o católico encontra? A isto João Paulo II chamou a atenção na virada do século:

Contudo, é um facto incontestável, como várias vezes tive ocasião de reafirmar, que a interdependência dos sistemas sociais, económicos e políticos, cria no mundo de hoje múltiplas estruturas de pecado (cf. *Sollicitudo rei socialis*, 36; Catecismo da Igreja Católica, n. 1869). Existe uma tremenda força de atracção do mal que faz julgar «normais» e «inevitáveis» muitas atitudes. O mal aumenta e faz pressão com efeitos devastadores sobre as consciências, que permanecem desorientadas e nem sequer são capazes de discernir. Se se pensa depois nas estruturas de pecado que detêm o desenvolvimento dos povos mais desfavorecidos sob o aspecto económico e político (cf. *Sollicitudo rei socialis*, 37), chegar-se-ia como que a ceder diante de um mal moral que parece irresistível (OR, 1999, p.4).

Quando não se tem uma reflexão sobre o assunto a resposta por vezes se torna o senso comum “Deus quis”. Neste contexto, esta além de ser uma expressão blasfema é anti-cristã, pois Deus nunca quer, nem promove e muito menos criou o mal. Se antes do CIC o tema era controverso no meio teológico do século XX, após completar 20 anos as informações contidas no Catecismo acerca do objeto deste trabalho não têm muita credibilidade. Vê-se na produção teológica maior identificação com teóricos da psicologia e da mitologia que no ensino do Magistério da Igreja. Em artigos recentes o ex-frei franciscano Leonardo Boff e o padre jesuíta João Batista Libânio escreveram textos muito semelhantes relativizando o mal em relação ao Diabo;

No princípio estava o simbólico, depois veio o diabólico. A experiência imediata nos contradiz. Percebemos primeiro o diabólico. A etimologia do termo nos ilumina o verdadeiro sentido. Não se trata de nenhum diabo, ou satã de chifre e rabo, a cuspir fogo. Diabólico significa separação, divisão, distância, afastamento mútuo. Ou se quisermos, diabólico implica tal centração em si mesmo que todos os outros não existem, não interessam. Traçamos linha divisória entre nós e os outros. Ficamos do lado de cá. Ao outro lado vamos unicamente em proveito próprio (LIBANIO, 2010, p.1).

Isso é assim porque a nossa vida é sempre feita de luz e de sombras, do dia-bólico (aquilo que separa) e do sim-bólico (aquilo que une). Quem vai triunfar São Jorge ou o dragão? A luz ou a sombra? A nossa melhor parte ou a nossa parte pior? Ambas coexistem e sentimos a sua presença em cada momento: às vezes na forma e raiva ou de amor ou de violência ou de bondade e assim por diante.

O significado grego de sim-bolo e dia-bolico: em grego *balein* é lançar; lançar junto para unir. *Dia* em grego é o que separa e divide. Então em nós há mecanismos de amor e de egoísmo, forças que unem e forças que dividem e separam. É a condição humana objetiva. Os modernos costumam usar a expressão: cada um é *sapiens* e *demens*, ou possui anjos bons e demônios dentro de si (BOFF, L., 2013, p.2).

O problema nestes discursos que ocuparam boa parte do século XX e vai século XXI adentro não está na hermenêutica que pode ser feita sobre o tema³⁸ ou numa filosofia da linguagem. Então onde está o problema de fato?³⁹ Na omissão do conteúdo doutrinário, ao invés disso há um forte viés psicológico e sociológico. Ao buscar nos textos dos mesmos autores sobre uma criatura espiritual, pessoal e o ensino sobre a ação desta na realidade humana isto não é encontrado. Ao contrário, negam a existência, simplesmente porque não comungam destas “verdades da fé”.

Para algumas vertentes da teologia moderna é inadmissível conceber tais criaturas como reais e esta forma de pensar influencia as pastorais que eles assessoram, curiosos que entram em seus sites, compram seus livros e assim uma forma de pensar se torna dominante, avessa ao ensino doutrinário da Igreja. Joga-se tudo para dentro da psicologia humana. Anjos e demônios estão exclusivamente no interior do Homem, então esvazia-se o combate num nível mais sutil (que é o espiritual) e perde-se de vista que “o pecado original traz consigo «a escravidão, sob o poder daquele que possuía o império da morte, isto é, do Diabo». Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da acção social e dos costumes” (CIC 407). Com isto, outros elementos também desaparecem como realidade; os Arcanjos, a existência do próprio Anjo da guarda, toda a hierarquia celeste e por fim, o Diabo e os demônios. As ações destes ficam num vácuo e deixa sem significado o que os Doutores da Igreja ensinaram e que faz parte da Tradição Católica;

O Diabo pode fazer mal ao homem, mas apenas dentro dos limites da permissão de Deus. São Tomas de Aquino cita Santo Agostinho dizendo que há muitas coisas que os demônios poderiam fazer por causa de sua natureza, mas eles não podem por causa da proibição divina (cf. De malo, 16, 11, ad 10). Seria de fato terrível se Deus não restringisse sua atividade maligna. Santo Agostinho disse: “Se o diabo pudesse fazer tudo o que quer, não restaria um único ser humano vivo na Terra” (PL XXXVII, 1246). São Boaventura disse: “A crueldade do diabo é tal que ele nos devoraria a qualquer momento se o poder divino não nos protegesse” (Diaeta salutis, VII, cap.1) (BALDUCCI, 2004, p.107-108).

³⁸Para não incorrer em desonestidade intelectual é bom esclarecer que uma das funções do teólogo é justamente ampliar o campo de visão, para que uma pessoa possa entender o sentido polissêmico que uma palavra ou figura tenha, até para que faça uma interpretação mais profunda, por exemplo dos textos bíblicos

O Papa João Paulo II após organizar a equipe para construir o CIC realizou uma série de 8 catequeses sobre as criaturas espirituais (angelologia), preocupado com o ensino que vinha sendo dado sobre o tema e observou que “é preciso reconhecer que a confusão às vezes é grande, com conseqüente risco de fazer passar como fé da Igreja a respeito dos anjos aquilo que não pertence à fé, ou, vice-versa, de omitir algum aspecto importante da verdade revelada” (OR, 1986, p.3). Na década anterior Paulo VI, que nas palavras de João Paulo II confessa que “com os seus gestos, com a sua pregação e com a sua interpretação autorizada do Vaticano II e ainda com toda a sua vida, serviu a catequese da Igreja de modo particularmente exemplar” (DGC 3), aconselha de forma específica ao objeto deste trabalho:

Este capítulo, relativo ao Demônio e ao influxo que ele pode exercer sobre cada pessoa, assim como sobre comunidades, sobre inteiras sociedades, ou sobre acontecimentos, é um capítulo muito importante da doutrina católica, que deve ser estudado novamente, dado que hoje o é pouco. Algumas pessoas julgam encontrar nos estudos da psicanálise ou da psiquiatria, ou em práticas evangélicas, no princípio da sua vida pública, de espiritismo, hoje tão difundidas em alguns países, uma compensação suficiente. Receia-se cair em velhas teorias maniqueístas, ou em divagações fantásticas e supersticiosas. Hoje, algumas pessoas preferem mostrar-se fortes, livres de preconceitos, assumir ares de positivistas, mas depois dão crédito a muitas superstições de magia ou populares, ou pior, abrem a própria alma – a própria alma batizada, visitada tantas vezes pela presença eucarística e habitada pelo Espírito Santo – às experiências licenciosas dos sentidos, às experiências deletérias dos estupefacientes, assim como às seduções ideológicas dos erros na moda, fendas estas por onde o maligno pode facilmente penetrar e alterar a mentalidade humana.

Não quer dizer que todo o pecado seja devido diretamente à ação diabólica; mas também é verdade que aquele que não vigia, com certo rigor moral, a si mesmo (cf. Mt 12,45; Ef 6,11), se expõe ao influxo do “mysterium iniquitatis”, ao qual São Paulo se refere (2Ts 2,3-12) e que torna problemática a alternativa da nossa salvação (OR,1972, p.3).

A necessidade de uma profunda mística neste assunto evoca a experiência dos santos e daqueles que se prestaram a escrever sobre a espiritualidade cristã. Isto não isenta do ensino de conteúdos ligados as questões materiais e justiça social. Estes, além de serem temas caros, tem um espaço especialíssimo na Doutrina Social da Igreja. A espiritualidade cristã é convidada a preencher todas estas atividades, sustentar a psicologia e o agir humano, assim os três planos do existir humano se equilibram e unifica o ser fragmentado, para concretizar no ideal

prometido por Jesus, em oposição ao “ladrão”⁴⁰, de ter vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10). Estes dilemas João Paulo II expressa na Exortação a Reconciliação;

É dado que com o pecado o homem se recusa a submeter-se a Deus, também se transtorna o seu equilíbrio interior; e, precisamente no seu íntimo, irrompem contradições e conflitos. Assim dilacerado, o homem produz, quase inevitavelmente, uma laceração no tecido das suas relações com os outros homens e com o mundo criado. É uma lei e um facto objectivo, que têm confirmação em muitos momentos da psicologia humana e da vida espiritual, como aliás na realidade da vida social, onde é fácil observar as repercussões e os sinais da desordem interior. O mistério do pecado é formado por esta dupla ferida, que o pecador abre no seu próprio seio e na relação com o próximo. Por isso, pode falar-se de pecado pessoal e social: todo o pecado sob um aspecto é pessoal, e todo o pecado sob um outro aspecto é social, enquanto e porque tem também consequências sociais (OR, 1984, p.18).

A dinâmica do espírito na existência, no ser e no existir diante do Problema do mal compreende-se a “angústia”. Entender os mecanismos que geram o mal contribui para dar as respostas mais básicas da existência humana dentre elas a angústia, que é o flagelo do Homem moderno. Estar na dúvida constantemente, sentir-se culpado e receber a alcunha de neurótico é um drama existencial tão potente quanto a miséria pela fome ou a injustiça da corrupção política. O angustiado que adquire alguma patologia psíquica e que esvazia seu espírito, não vendo mais sentido na vida, perde qualquer interesse no que possa ser justo e, até mesmo, na manutenção básica de seu corpo. Este sentimento que atinge bons e maus perde a neutralidade “na oposição que separa a angústia dos maus do comportamento e do estado de espírito dos bons. A mais exata descrição teológica da angústia dos maus encontra-se em Sb (17) ” (BALTHASAR, 2009, p.20). A escuridão, o medo, as trevas onde se instala aquele que se afasta da luz de Deus enche de pavor a criatura, torna-se “agente esvaziador do bem” por desespero, fuga. Nenhuma criatura seja física ou espiritual opta por se afastar da luz e da vida se não está doente. A questão aqui se torna um círculo vicioso: luz-pecado-angústia-trevas-afastamento de Deus-sofrimento, por fim, busca por salvação ou 2ª morte.

⁴⁰ Jesus neste contexto fala do aspecto espiritual do ladrão, aquele que vem para roubar, matar e destruir. A Tradição identifica esta figura ao Diabo, no entanto também se estende as realidades eclesiais daquele que não se presta as coisas de Deus para Deus. Naquele tempo, possível crítica aos saduceus e fariseus, que se serviam para si próprios das coisas de Deus. Jesus o modelo do bom pastor “aquele que dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11).

Para compreender o mal realizado precisa-se entender o que é bem e o que é mal. Afinal, num viés apenas positivo da mensagem, quando vier a angústia do mau, ao estar imerso no que é sombrio, por vezes se engana que aquilo também é vida.

A angústia age de duas maneiras: desespera da possibilidade de um socorro, e aumenta o sofrimento não permitindo ao lado deste desespero nenhuma reflexão, nenhum raciocínio sobre a causa da angústia; tudo é medo cego, que, além das dores atuais, imagina infinitas outras como possíveis, e mesmo como certas (Ibidem, p.24).

Esta realidade vê-se em famílias afligidas pela drogadição que se acostumam com o mal instalado e cooperam para que o adicto se mantenha naquele estado. Este fenômeno da co-dependência somente é enxergado quando todos percebem que adoeceram juntos, mas isto só é possível quando conhecem a doença e se reconhecem doentes. Isto pode se estender a diversos contextos históricos, vê-se povos inteiros cometendo atrocidades, pensando estar fazendo algum bem; “a ideia de desobediência aberta, surgida no pós-guerra, era um conto de fadas: ‘Nasquelas circunstâncias esse comportamento era impossível. Ninguém agia assim’” (ARENDR, 2013, p.106). Esta foi a justificativa de Eichmann, respondendo porquê não se negou a realizar o trabalho de logística de seres humanos para o campo de extermínio (praticado pelos Nazistas), ao contrário, utilizou todas as suas habilidades intelectuais para que este trabalho maligno fosse realizado com competência. Isto dá uma ideia a que ponto chega a relativização do mal moral.

Pode-se chegar a um absurdo maior, com isto colabora na visualização da importância da clareza nos conceitos; o exemplo está em outra narrativa deste oficial Nazista, que descreve como admirou o idealismo do judeu sionista Dr Rudolf Kastner. Diz Eichmann que este o auxiliou na deportação de outros judeus para campos de extermínio em troca da deportação de outros judeus de “melhor material biológico” em segurança, para Palestina. O juiz Benjamin Halevi ao condenar Kastner disse que este tinha “ ‘vendido sua alma ao diabo’. Agora que o próprio diabo estava no banco dos réus, ele se revelava um ‘idealista’, e embora possa ser difícil de acreditar, é bem possível que alguém que vendeu sua alma ao diabo também seja um ‘idealista’” (Ibidem, p.55). Tudo isto dentro de contextos de contradição judicial, visto que as condenações estavam sendo realizadas numa

corte em Israel, contra um alemão, que cometeu crimes na Europa, além disto foi sequestrado para ser julgado nestas condições, sem direito real a defesa. Conforme expõe a filósofa que intitula seu livro de “um relato sobre a banalidade do mal” (1963).

Quando o mal é evidente, assim como fez o juiz, a tendência é simbolizá-lo em algo não humano, por exemplo no “diabo”. Ao adjetivar Eichmann de “diabo” concentra todo mal neste ser humano - mesmo ele tendo cometido crimes terríveis - ainda é um ser humano e mereceria receber um julgamento justo. Visto que, aqueles que o julgam (possivelmente) se consideram humanamente mais justos que os atos que o outro cometeu. Ao esvaziar-se o conceito da criatura espiritual e coloca-se uma alcunha como “o diabo” perde-se o foco destes mesmos direitos, afinal, não é mais um ser humano é uma criatura de outra espécie, uma coisa, algo não humano, então pode-se tudo para se fazer “justiça”.

Com isto, o mal praticado por aquele homem não parará no seu passado nefasto, se perpetuará em outros males, nos atos daqueles que o julgam com a justificativa de justiça, de um bem. Esta argumentação serve para o objeto deste trabalho, pois se um Cristão (católico) chama outra pessoa de “diabo” simplesmente ele retira desta pessoa qualquer sentimento de misericórdia, perdão, amor; afinal quem vai declarar algum dia amor ao Diabo? Ao menos nas Sagradas Escrituras não se vê em nenhum momento Jesus e seus apóstolos aconselhando isto “misericórdia aos demônios”. Justamente ao contrário; estimula atenção, estado de vigia e um combate incessante.

Como visto na Doutrina cristã, a derrota do Diabo foi decretada por Jesus (Hb 2,1; Cl 2,15), ele é o Inimigo por natureza, quem deve ser combatido conforme Paulo (Ef 6, 9-11), contra quem deve-se vigiar de acordo com Pedro (1 Pe 5,8), resistir as suas tentações como relatam os três sinóticos (Mc 1,12-13; Mt 4,1-11; Lc 4,1-13). Em contrapartida o ser humano merece o amor, assim como a si próprio (Mt 12,39), ser acolhido como o filho pródigo (Lc 15, 11-32) e perdoado setenta vezes sete (Mt 18, 21-22). A possível confusão quando se desconhece os conceitos atrapalha até a pedagogia cristã mais básica, pois a incoerência cria dúvida dentro de um meio onde se pauta na certeza da fé. Certezas como estas:

A permissão divina do mal físico e do mal moral é um mistério, que Deus esclarece por seu Filho Jesus Cristo, morto e ressuscitado para vencer o mal. A fé dá-nos a certeza de que Deus não permitiria o mal, se do próprio mal não fizesse sair o bem, por caminhos que só na vida eterna conheceremos plenamente (CIC 324).

A existência dos seres espirituais, não-corporais, a que a Sagrada Escritura habitualmente chama anjos, é uma verdade de fé. O testemunho da Escritura é tão claro como a unanimidade da Tradição (CIC 328).

Enquanto criaturas puramente espirituais, são dotados de inteligência e vontade: são criaturas pessoais e imortais. Excedem em perfeição todas as criaturas visíveis. O esplendor da sua glória assim o atesta (CIC 330).

Desde o seu começo até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência e intercessão. «Cada fiel tem a seu lado um anjo como protector e pastor para o guiar na vida». Desde este mundo, a vida cristã participa, pela fé, na sociedade bem-aventurada dos anjos e dos homens, unidos em Deus (CIC 336).

Por detrás da opção de desobediência dos nossos primeiros pais, há uma voz sedutora, oposta a Deus, a qual, por inveja, os faz cair na morte. A Escritura e a Tradição da Igreja vêem neste ser um anjo decaído, chamado Satanás ou Diabo. Segundo o ensinamento da Igreja, ele foi primeiro um anjo bom, criado por Deus. «*Diabolus enim et alii daemones a Deo quidem natura creati sunt boni, sed ipsi per se facti sunt mali* – De facto, o Diabo e os outros demónios foram por Deus criados naturalmente bons; mas eles, por si, é que se fizeram maus» (CIC 391).

Estas declarações do Catecismo da Igreja Católica, no umbral do século XXI, vêm dirimir as dúvidas sobre o ensino acerca do “problema do mal” e demonologia. “Verdades de fé” que não podem ser comprovadas por meio da ciência racionalista, mas podem ser explicadas por meio da razão nas ciências teológicas, conforme a Revelação Bíblica e na Tradição que é esmiuçada pelo Magistério. Parece que não falta clareza. Se para o fiel católico não é algo fácil para se crer, para quem ensina isto deveria ser óbvio, se não, o melhor é não se incumbir de tal tarefa. A dureza desta afirmação conclama para coerência dos educadores da fé. Desta forma,

o catequista deve se sentir realmente competente em seu campo de serviço. O ministério da catequese não é para pessoas que não sabem o que vão fazer na comunidade(...) O catequista é responsável pelo anúncio do Reino e pela formação da fé dos seguidores de Jesus (CABC, 2013, p.12).

Aqui cabe uma breve reflexão sobre a importância do ministério do catequista, que é algo a ser verdadeiramente despertado em toda comunidade eclesial, pois estes, como visto, têm um papel fundamental para missão da Igreja Católica. Um catequista não poderia ser aquele voluntário que tem algumas horas na semana de sobra e utiliza para “quebra galho” da comunidade. Por melhor boa intenção que este perfil tenha, não dará conta de se dedicar a formação necessária para “desenvolver as diversas dimensões: ser, saber e saber fazer em comunidade” (Ibid., p.09). Sem se comprometer este ideal não é alcançado. Espera-se que no decorrer da caminhada o catequista ingênuo, mas com grande motivação pelo seu “chamado batismal”, vá percebendo o quanto é importante a busca por formação. Esta é uma esperança daqueles que lideram o processo, mas na prática, as formações diocesanas e as formações lideradas pelas equipes paróquias, quando existem, recebem pouca adesão e quando por alguma razão tem esta adesão são formações realizadas em poucas horas, com espaçamento de meses. Qualquer construção de conhecimento com tal metodologia e falta de participação do educando não tem resultado satisfatório. Com isto, constata-se o baixo nível de formação dos formadores da fé católica, que não podem receber conteúdos com um peso teológico ou doutrinário com maior complexidade, pois não saberão passar ao catequisando (cf. GPER, 2016). O mínimo do mínimo que é o encontro com a pessoa de Jesus seria o suficiente, o problema que fica não resolvido é; em que momento da vida virá um estudo aprofundado onde o fiel recebe informações sobre sua doutrina e teologia? Afinal ele precisa saber qual Jesus é o que ele encontrou, por vezes o Jesus histórico (sociológico) se sobrepõe ao Cristo da fé. Quando um deveria ser indissociável do outro, assim como sua proposta de um Reino que é desde já, mas nunca será aqui e agora (ainda não) pois há as realidades espirituais e escatológicas.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO MATERIAL DIDÁTICO-CATEQUÉTICO

Para dissertar sobre o Problema do mal e a existência do Diabo no “Crescer em comunhão” se fez necessário escolher um método que melhor se adequasse ao estudo do material para entender o porquê tal ou qual conteúdo está presente e porquê das omissões. O conjunto de técnicas e o caminho escolhido foi a “Análise de conteúdo” e o autor referência BARDIN (1977).

5.1 SOBRE O MÉTODO

Bardin descreve a Análise de conteúdo como:

O fundamento da especificidade da análise de conteúdo (e os trabalhos actuais produzidos acerca deste assunto, indicam um certo consenso) reside nesta articulação entre:

-A superfície dos textos, descrita e analisada (pelo menos alguns elementos característicos) e
-os factores que determinaram estas características, deduzidos logicamente.

Ou, por outras palavras o que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados. De maneira bastante metafórica, falar-se-á de um plano sincrónico ou plano «horizontal», para designar o texto e a sua análise descritiva e de um plano diacrónico ou plano «Vertical», que reenvia para as variáveis inferidas (Ibid., p.40).

Isto quer dizer que ao aplicar o método o agente deve prestar atenção nas sutilezas que o texto carrega. As repetições que ele traz gera intenção do comunicador, assim como a ausência de algum conteúdo que em teoria deveria estar presente também tem uma intenção. As influências que os comunicadores têm do meio externo, seus princípios e ideologias são expressas na comunicação. Algumas vezes subliminarmente, mas na maior parte das vezes é explicitado pela repetição de termos de tal forma que “o fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula de dados, o seu contexto e as suas circunstâncias” (Ibid., p.20). A complexidade das comunicações envolve aquele que comunica e o que recebe a informação. Parece ter a simplicidade de uma linha reta, mas aquilo que o comunicador informa envolve uma série de influências que ele

recebe. Na maior parte influências inconscientes, por estar num meio que o bombardeia com uma enchurrada de formas de pensar. E por isto:

Saberes deduzidos dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, econômica ... É portanto necessário completarmos os segmentos de definições já adquiridas, pondo em evidência a finalidade (implícita ou explícita) de qualquer análise de conteúdo: A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (Ibid., p.38).

Entra aqui também a própria consciência e intenção que o comunicador tem embasado em seus próprios valores, ideias e crenças. Depois virá o problema da informação que tinha uma intenção e o receptor entende de outra forma (Ibid., p.40). Isto devido a sua própria formação e o meio que o influencia. Esta trama nebulosa, cheia de códigos e segredos é o que o método tem a pretensão de elucidar através da inferência⁴¹ que todos estes detalhes fornecem. “Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (Ibid., p.32). Neste trabalho o objeto para análise de conteúdo é a inferência gerada pelo conteúdo sobre o “Problema do mal e a existência do Diabo” no material “Crescer em comunhão”. Sabendo-se que:

A análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo (cf. os inventários dos jornais do princípio do século), antes se tomando consciência de que a sua função ou o seu objectivo é a inferência. Que esta inferência se realize tendo por base indicadores de frequência, ou, cada vez mais assiduamente, com a ajuda de indicadores combinados (cf. análise das co-ocorrências), toma-se consciência de que, a partir dos resultados da análise, se pode regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações (Ibidem, p.20).

O método escolhido se distingue de outros parecidos como: análise documental, linguística, etnografia... isto fica claro quando se busca a história da “Análise de conteúdo”. Este conjunto de técnicas nasce num contexto histórico do avanço tecnológico, de guerras (da guerra fria em especial) e na educação o “behaviorismo” que estava no auge de sua influência. Então “por interesse dos

⁴¹ Inferência: operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da 'sua ligação com outras proposições já aceites como verdadeiras. Inferir: extrair uma consequência (Petit Robert, Dictionnaire de la Zangue Française, S.N.L., 1972, p.39).

governos em adivinhar as orientações políticas e estratégicas dos países estrangeiros, com a ajuda de documentos acessíveis (imprensa, rádio), que se fez do analista um detective” (Ibid., p.29). Para maior esclarecimento o analista pode ser equiparado a uma série de outros profissionais das ciências investigativas;

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os «documentos» que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenómenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo (Ibid., p.39).

O conjunto de técnicas compõe-se de etapas para que o método tenha a credibilidade exigida num trabalho académico e também para que não esteja no nível de meras afirmações especulativas ou abstrações sem elementos palpáveis, então, assim como um detetive que trabalha com materialidade;

o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência (...). Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra.

Estas inferências (ou deduções lógicas) podem responder a dois tipos de problemas:

O que é que conduziu a um determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem; quais as consequências que um determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isto refere-se aos possíveis efeitos das mensagens (Ibid., p.39).

Por fim, este método utilizado para textos, e no caso para este trabalho, se faz presente nas várias áreas científicas, até porque no campo das hipóteses as intuições vêm primeiro as evidências. Mesmo que estas inspirem intuições, primeiro vem a percepção de algo que não está bem ou que precisa de melhores respostas. Estas inquietações dão base ao fazer científico e não é diferente do fazer da ciência teológica, que necessita destas habilidades que a “análise de conteúdo” valoriza para inferir, e que na teologia vê-se de forma semelhante nas práticas da hermenêutica;

Na realidade, este processo dedutivo ou inferencial a partir de índices ou indicadores, não é raro na prática científica. O médico faz deduções sobre a saúde do seu cliente, graças aos sintomas, do mesmo modo que o

grafólogo que pretende proceder com seriedade, infere dados sobre a personalidade do seu cliente, a partir de índices que se manifestam com frequência suficiente, ou em associação significativa com outros índices, na grafia do escritor. O mesmo se passa com a análise de conteúdo, mas a superficialidade do procedimento analítico está estreitamente relacionada com a diligência normal, habitual, de leitura e de compreensão da mensagem. O grafólogo pode tirar as suas conclusões sem se preocupar com o sentido do manuscrito que tem diante de si. O arqueólogo pode completar conhecimentos históricos através do exame de uma ânfora, sem que seja obrigado a servir-se dela. Pelo contrário, a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura «à letra», mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros «significados» de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc (Ibid., p.40-41).

Sendo assim, ao aplicar o método constatou-se que desde a primeira edição, em 1981, e as cinco revisões seguintes até o fechamento desta dissertação em 2016, os autores da coleção “Crescer em comunhão” optaram por explicitar em poucas páginas temas sobre o “problema do mal” e a existência de “criaturas espirituais”, tais como demônios e o Diabo, conforme será analisado a seguir.

5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO: INTRODUÇÃO AS INFERÊNCIAS

Ao realizar uma varredura em todo conteúdo a palavra “mal” é evitada e absorvida pela palavra “pecado”. Esta nas últimas quatro revisões foram temas da coleção, no livro 3 e nos outros livros está transversal nos temas. Não há a explicação sobre a queda do homem e como entrou o pecado na Criação em detalhes, apenas afirma que o homem é pecador através das citações bíblicas, então as respostas sobre o “problema do mal” ficam comprometidas. Não há o itinerário doutrinário; Criatura espiritual que negou o projeto de Deus, esta esvaziou o bem na criação e em seguida promoveu o mal, desta forma pecou e influenciou a primeira humanidade pecar, assim o mal entrou em toda Criação e se perpetua até hoje. Isto devido sempre ao “dom” do Livre arbítrio mal utilizado pelas criaturas

sencientes, pois Deus é o bem, assim como toda Sua Criação é boa, o mal provém então das criaturas (DH 800; CIC, 309-412)⁴².

A conceituação do “problema do mal” é ausente, assim como explicação e simples exposição das criaturas espirituais (angelologia). No entanto, há conteúdos que podem ser analisados em maior profundidade, que estão na sequência.

5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.17,18 E 19, VOL III (1996)

No capítulo 17 (vol III) da 14ª edição de 1996, que vem com o título: “O que estraga a vida” é trabalhado o texto bíblico Romanos (12,9-21), onde consta no material na íntegra:

Detestem o mal e apeguem-se ao bem. (...), não paguem a ninguém o mal com o mal; a preocupação de vocês seja fazer o bem a todos os homens. Se for possível, no que depende de vocês, vivam em paz com todos. (...) não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem.

Em seguida o ensino do material vem com o título: “Como devem se comportar os cristãos? ” e a resposta; “A principal causa de todos os males é separar nossa vida da de Deus e a dele da nossa. Males que estragam a vida: ”. Então é apresentada uma série de conflitos morais ligados aos pecados capitais, principalmente a inveja e a ganância. No título: “Celebrar a fé” vem com um diálogo entre catequista e catequizando:

Jesus também falou da presença do bem e do mal no mundo. Vamos ouvir Mateus 13,24-30.

Façamos um momento de silêncio para pensar e descobrir os males presentes no mundo; vamos lembrar, em voz alta, esses males que estragam a vida; Cantemos o pedido de perdão:

Todos: Senhor tende piedade de nós (V.A., 1996, p.59).

Depois de uma atividade de palavras cruzadas expondo práticas morais contrárias ao bem, tendo a palavra pecado como centro, vem um *cartoon* com a parábola do joio (Mt 13,24-30) e uma atividade pedagógica para ligar palavras dispostas da seguinte forma;

⁴² Resposta ao “problema do mal” na Doutrina Católica.

O fazendeiro ou patrão	O mundo
O inimigo	O bem
A roça	O fim da vida
O trigo/ A boa semente	O mal
O mato/ O joio	Jesus, Filho de Deus
A colheita	A felicidade final
O fogo	O inimigo do bem
O celeiro	A infelicidade final

Tabela 1: exercício de associação de palavra

O catequisando deve associar a coluna da esquerda com a da direita conforme o que ele entendeu da leitura. Pode-se notar a omissão do ensino sobre o Diabo. O autor prefere um termo genérico como o “inimigo do bem” ou simplesmente “o mal”, para designar o inimigo citado na parábola ou o joio, sem descrever quem é este inimigo, colocando então de forma genérica. O problema aqui não é uma possibilidade de hermenêutica, de falta de clareza do texto bíblico, cabendo diversas interpretações, mas a omissão do ensino sobre este elemento espiritual. Pois logo em seguida, na continuação do texto bíblico, e que não consta no material, os discípulos pedem a explicação da parábola a Jesus. Ele explicita a realidade espiritual e nomeia quem é o Inimigo;

“Explica-nos a parábola do joio do campo”. Ele respondeu: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são as pessoas do Reino. O joio são as pessoas do Maligno. O inimigo que semeou é o Diabo. A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos. Da mesma forma que se junta e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: O Filho do Homem enviará seus anjos e eles apanharão do seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. O que tem ouvidos, ouça (Mt 13,36-43).

Nos capítulos seguintes (18 e 19) fala-se novamente sobre o pecado, as consequências dele e, por fim, a busca de perdão para corrigir este e realizar a aproximação de Deus. Mesmo tendo três capítulos de debate sobre o pecado não é explicado como ele entrou na humanidade (Gn 3,1-7), e quem foi o primeiro pecador que influenciou a primeira humanidade pecadora, quebrando uma lógica pedagógica deste ensino. Esta omissão talvez fosse justificada devido a um mistério, que não aparecesse de forma explícita na Revelação Bíblica e confirmada pelo Magistério no Catecismo da Igreja Católica (1992), mas não é o que ocorre:

Na queda dos anjos indica-se que Satanás e os outros demônios de que falam a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja, de anjos criados bons por Deus transformaram-se em maus, porque com livre e irrevogável escolha rejeitaram a Deus e o seu Reino, dando assim origem ao inferno. Eles tentam associar o homem à sua rebelião contra Deus; mas Deus afirma em Cristo a sua vitória sobre o Maligno (CIC 391-395).

Esta mesma relativização do mal e apenas a apresentação do pecado de forma transversal aparece também nas últimas revisões (2008 e 2014).

5.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.3, VOL IV (2008)

No capítulo 3 do Volume IV de 2008, o autor da coleção se arriscou pela primeira vez na história do “Crescer em comunhão” falar sobre exorcismos e os demônios. Em meio a uma atividade (para descrever como Jesus promove o Reino de Deus realizando milagres e curas) é colocado em debate Mateus (12,22-28), com o título “Jesus expulsa demônios”, e o texto de ensino vem desta forma;

No Evangelho encontramos vários textos que mostram como Jesus expulsou o demônio. Ao falar em expulsar demônios vem à nossa mente cenas de filmes de ficção como do filme O exorcista. Não pensemos que o diabo age como nesses filmes. Os exorcismos de Jesus significam sair das trevas para a luz, não dar bola para as coisas que impedem o Reino de acontecer. Pela graça de Deus, podemos fazer o Cristo brilhar no meio das trevas. Nós também podemos fazer como Jesus e expulsar o mal de nossas vidas (V.A., 2008, p.19).

Em um parágrafo, em 35 anos da coleção os exorcismos realizados por Jesus são colocados em debate. No entanto, estes foram explicitados como tirar as pessoas “das trevas para luz”. O ministério do exorcismo atuante na Igreja Católica sob o cânone 1172 (CDC, 2010) é desconsiderado. No caso, a missão do exorcista é através do Ritual Romano expulsar demônios ou o próprio Diabo do corpo de um possesso, assim como realizar orações, não de menor importância, para auxiliar os fiéis em curas e libertações espirituais ligadas a obsessão ou infestação demoníaca. Na Arquidiocese de Curitiba há dois padres que exercem este ministério, estes foram nomeados pelo Arcebispo.

Em 2014 a Congregação para o Clero aprovou a Associação Internacional de Exorcistas, o reconhecido exorcista de Roma padre Gabrielle Amorth⁴³ foi presidente dela de 1990-2000 e um dos principais objetivos desta associação é promover debates entre padres exorcistas e psiquiatras. Hoje conta com mais de 250 membros (AMORTH, 2010, p.21).

O filme “O exorcista” por mais que tenha “licença poética cinematográfica” é embasado em fatos reais. No capítulo, o Diabo é citado, mas não explicado (quem é e como age) como se o catequizando já soubesse ou a Igreja não tendo interesse que ele saiba. O capítulo torna-se mais filosófico, de desconstrução de uma forma de pensar, mas não é catequético. Isto no sentido de que não coloca algo no lugar, deixa para livre interpretação; afinal os exorcismos existem ou não? O Diabo existe ou não? O que não existe é como foi retratado no filme, mas o que se colocou no lugar? Por fim, relativiza-se o mal em relação a existência das criaturas espirituais ao aconselhar dentro do contexto de exorcismos que “nós também podemos fazer como Jesus e expulsar o mal de nossas vidas” (Ibid.). Ao desconstruir uma informação de que os exorcismos não são como no filme, no ensino catequético é obrigatório colocar algo no lugar, senão deixa aberto para múltiplas interpretações do próprio catequizando ou um esvaziamento total do conteúdo, como se já não existisse ou não fizesse parte da Igreja.

5.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.9, VOL IV (1996)

A relativização do mal no “Crescer em comunhão” se sintoniza com diversos escritos pós Vaticano II já citados na terceira e quarta parte deste trabalho, que contrariam o Ensino do Magistério plasmado no Catecismo da Igreja Católica. Isto se torna evidente no capítulo 9, do livro IV, na revisão de 1996. Quando se explica o trecho “Livrai-nos do mal”, da oração do Pai-nosso. Expõe que este é: “o mal do

⁴³ Durante a correção do texto final deste trabalho o ilustre exorcista faleceu (17/09/2016) com 91 anos. Foram 31 anos como exorcista na Diocese de Roma e contabilizou mais de 70 mil exorcismos. Ele deixou como testamento seu último livro “Deus é mais belo que o diabo” (2015) onde diz que “Nosso Senhor concede aos exorcistas e aos batizados toda a graça para enfrentar e superar o diabo.” Ele atesta que cada um pode responder às ameaças do diabo: “Estou envolto no manto de Maria. Que podes fazer contra mim? Tenho ao meu lado o arcanjo São Miguel. Tenta lutar contra ele. Tenho o meu anjo da guarda, que vela para que eu não seja tocado; tu não podes fazer nada”. Disponível em: <<http://pt.aleteia.org/2016/09/22/7-contundentes-afirmacoes-do-padre-amorth-sobre-o-diabo-e-suas-aco-es-no-mundo/>> e <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/morre-padre-gabriele-amorth-o-exorcista-mais-famoso-do-mundo.html>>

fechamento, da ganância, da mentira, da corrupção...” (V.A., 1996, p.39). Sendo que a Doutrina traz o seguinte ensino:

O Mal indica a pessoa de Satanás que se opõe a Deus e que é “o Sedutor do mundo inteiro” (Ap 12,9). A vitória sobre o diabo já foi conseguida por Cristo. Mas nós pedimos a fim de que a família humana fique livre de Satanás e das suas obras. Pedimos também o dom precioso da paz e a graça da espera perseverante da vinda de Cristo, que nos libertará definitivamente do Maligno (CIC 2850-2854).

Então o Mal na oração do “Pai nosso” não é relativo a questões morais, sociais ou adjetivações, mas sim a pessoa de Satanás. A omissão ou ensino incompleto sobre esta sentença na oração referencial para todo cristão irá se repetir nas edições seguintes.

5.6 ANÁLISE DE CONTEÚDO: CAP.12, VOL I (2014)

Na última revisão (2014), no capítulo 12 (p.69), do 1o volume, tem-se um receio injustificado ao expor o ensino numa atividade esquematizada:

1. Pai Nosso que estais no céu...	() Devemos promover a justiça e a paz no mundo
2. Santificado seja o vosso nome	() Deus é o Senhor da nossa vida.
3. Venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu	() Exige de nós a prática da partilha. () Pedimos liberdade de tudo o que nos afasta do Pai.
4. O pão nosso de cada dia nos dai hoje;	() Deus é Pai de todos nós. () Confiamos na misericórdia de Deus.
5. Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido;	() Deus é Santo. () Jesus nos deu o exemplo de fazer sempre a vontade do Pai.
6. E não nos deixeis cair em tentação,	() Sendo imagem e semelhança de Deus santificamos o seu Nome.
7. Mas livrai-nos do mal.	() Devemos ser irmãos e viver a fraternidade
8. Amém	() Concordamos com a proposta de Jesus. () Devemos confiar totalmente em Deus. () Deus está em toda parte, os céus são sua casa, seu trono. () Exige de nós a reconciliação com os irmãos.

Tabela 2: exercício de associação de termos

Claramente há a relativização do mal em relação a criatura espiritual especificada no CIC, isto em prol a uma possível “pedagogia positiva” descrita pelos

autores. Assim evita-se causar medo ou incompreensão pela falta de capacitação do catequista ou pela dificuldade de entendimento do catequisando, que verá este conteúdo por volta dos 10 anos de idade (cf. GPER, 2016). No entanto, a censura no Brasil para esta faixa de idade já permite a exibição de uma série de filmes, desenhos, jogos que expõe estas realidades de forma explícita e as crianças já estão fazendo juízo de valor sobre estes conteúdos. Na recente obra cinematográfica “Batman vs Superman (2016)” que chegará a unanimidade destas crianças e adolescentes há vários diálogos acerca do “problema do mal” assim como mostra um evidente ritual de magia negra ou necromancia onde reanima-se uma pessoa e o chama de “diabo”.

No final do filme um quadro que tem o “combate no céu” retratado no Apocalipse (12,1-5) é invertido e mostra que os demônios vencem os anjos, pois um dos personagens que representa o bem morre. Enfim, este é o exemplo mais “leve” de uma mídia que crianças e adolescentes tem contato. Os filmes e jogos que tratam de exorcismos, bruxaria, satanismo expõe algo mais pesado e o católico que tem a oportunidade de frequentar cinco anos da iniciação cristã não é conscientizado, instruído, preparado para esta avalanche de simbólicos que vem de sua própria religião e o confunde em meio a outros simbólicos pós-modernos. Pode-se chegar ao ponto destes jovens pensarem, assim como é na cultura japonesa difundida em vários Mangás⁴⁴ que Lúcifer, Satanás ou o Diabo, assim como anjos, são mitologias universais ou personagens criados recentemente.

5.7 ANÁLISE DE CONTEÚDO: INFERÊNCIAS

Na catequese, evitar estes temas espinhosos é como querer dar as rosas aparando os espinhos, pode ser mais agradável ao toque, mas a sensação de que está faltando algo é evidente. Achar que crianças e jovens não são capazes de absorver isto é incoerente diante da falta de mediação que eles já têm com as realidades violentas da vida; seja em família, na sociedade ou através das mídias. O sentido de ser da catequese está em sua etimologia (o termo grego *Kat ekhéō*, que quer dizer “fazer ecoar”). No caso, o que deveria ser reverberado é a Palavra de

⁴⁴ Revista em quadrinhos estilizada, popular no oriente junto ao público infanto-juvenil.

Deus em sua plenitude (CNBB, 1983, p.5). Nenhuma parte poderia ser excluída ou colocada num patamar de menor importância a tal ponto que não deva ser explicitada. Afinal, para responder com sentido as questões íntimas e em sociedade a catequese é o órgão da Igreja Católica que tem a missão de confessar a plenitude das “verdades da fé”. Aqui não se trata de exigência na ortodoxia é o simples questionamento do por quê em mais de 500 páginas de estudo para iniciação cristã não há uma explicação sobre anjos e demônios? O que torna mais absurdo isto é que; no rito que conclui a iniciação, os crismandos serão obrigados solenemente renunciar a Satanás e suas obras.

Torna-se incoerente quando na página 68, do capítulo 12, Vol. I (2014) tem um balão que explica o “cair em tentação” como; “é escolher o caminho que nos afasta de Deus e nos leva a fazer o mal”. Afinal de contas que “mal” é este? Na maior parte do material o “mal social” (pecado social) é amplamente abordado. O pecado pessoal menos e quando se trata do combate espiritual que é esta relação com as criaturas espirituais, tentações (que são tanto psíquicas quanto espirituais) se torna insignificante. Por esta razão quando vai explicar o “livrai-nos do Mal” não se tem base para exposição, que esta sentença se trata de um plano mais sutil, envolve a espiritualidade, a mística do neófito. Por fim, quando o catequisando está por completar 13 anos, aparece novamente no livro único da Crisma a sentença final do “Pai nosso” (V.A., 2014, p.52). Este capítulo trata integralmente de questões sociológicas, fundamentado bíblicamente no profeta Amós, que fará uma denúncia sobre a exploração dos pobres em sua época e tem o enunciado “Ser honesto vale a pena? ”. Novamente exclui-se a explicação dada pelo CIC.

O que se pode questionar é que ao adotar uma pedagogia positiva ou uma psicologia não traumatizante para idade, quais são os critérios para isto? Pois qual conteúdo é mais ou menos pesado nos exemplos a seguir:

1) O Diabo era um belo anjo de Deus que se rebelou, se afastou de Sua proposta e quer a perdição de toda humanidade. Tentou a primeira humanidade a pecar também e assim entrou o mal na Criação, então temos que nos cuidar, vigiar, estar em oração, para também não cairmos em tentação. Sejamos assim livrados deste Mal e de todos os outros que vem em consequência da queda.

ou

2) “Jesus não morreu num acidente, nem de doença, tampouco de velhice. Mataram Jesus, pregando-o em uma cruz” em complemento na atividade seguinte: “Jesus aceitou morrer na cruz como sinal de doação e sacrifício do seu amor por nós, salvando-nos com seu sofrimento e com a entrega do seu corpo e do seu sangue” (V.A., 2014, p.100).

Qual das duas sentenças é mais “pesada”? A primeira não está no material e é um conteúdo que expressa o conteúdo da Doutrina Católica objeto deste trabalho, mas adaptada para uma linguagem que poderia ser ofertada a um público infante juvenil. A subjetividade das escolhas do que pode ou não constar num conteúdo de ensino tem mais a ver com a influência dos próprios autores, e principalmente, como foi constatado na confecção do “Crescer em comunhão”; o momento histórico que estes autores estão vivendo, como “peixes dentro d água”⁴⁵. Neste momento histórico falar da existência do Diabo tornou-se um tabu, alvo de chacota, coisa estereotipada de uma religião ultrapassada e fanática. Na “modernidade líquida”⁴⁶ que se fundamenta na relativização moral e destruição dos dogmas, as verdades absolutas ganharam status de mediocridades, de obscurantismo, algo irracional. Então se os conteúdos não seguem também uma linha de raciocínio das ciências humanas perdem a validade. A isto a teologia moderna acompanhou, conforme debatido nos capítulos três e quatro deste trabalho.

A necessidade de explicar cada ponto que conecta a Doutrina num material didático-catequético é essencial para construção de um conhecimento que não seja facilmente desconstruído. Com esta lacuna os conceitos que vem de fora são adotados como verdade, pois não tem uma contraposição ou esclarecimento

Como exemplo, explicar a sentença do Creio “desceu a mansão dos mortos” da seguinte forma; “o Símbolo confessa que Jesus morreu realmente, e que, por ter morrido por nós, venceu a morte e o Diabo «que tem o poder da morte» (Heb 2,14) ” certamente causa constrangimento e até mesmo escândalo para alguns, no entanto este Ensino está no ponto 636 do Catecismo da Igreja Católica.

⁴⁵ Termo utilizado pelo Padre Alexander Cordeiro (GPER 2016).

⁴⁶ Termo utilizado pelo sociólogo Zygmunt Bauman, para descrever a relativização das relações e a aversão ao que é tradicional.

Há basicamente duas opções, numa conduta que leva a fidelidade a Igreja e seu Ensino: aceitar o Ensino e fazer ecoar (catequese) nas comunidades ou dar bases e sustentação a argumentos teológicos em nível acadêmico, que justifiquem novos documentos do Magistério acerca dos temas controversos. Com isto se faça correções sobre estes pontos no CIC. Pois enquanto estiver lá cabe a quem professa a fé católica e, principalmente, aqueles que possuem o múnus de ensinar reproduzir a essência do que o Magistério orienta, sendo isto uma orientação explícita no Diretório Geral da Catequese de 1998.

Então, gostando ou não do Diabo, ele, os males e as mazelas que o pecado representa são “verdades da fé” que fazem parte deste fio condutor da Doutrina e pelo que se vê se manterá perene no Ensino católico. Excluir ou minimizar as questões do *mysterium iniquitatis* isto sim contribuiria para ignorância e obscurantismo da fé.

Algo mais que conectaria o temário: mal moral, anjos caídos, queda do homem e pecado original seria o aprofundamento sobre o “Livre arbítrio”, que também não se dá a devida importância na coleção.

Por mais impressionantes que se apresentem tais lacerações à primeira vista, só observando-as em profundidade se consegue individuar a sua raiz: esta encontra-se numa ferida no íntimo do homem. À luz da fé chamamos-lhe pecado, começando pelo pecado original, que cada um traz consigo desde o nascimento, como uma herança recebida dos primeiros pais, até aos pecados que cada um comete, abusando da própria liberdade (OR,1984, p.3).

Há uma pequena explicação no final dos livros 3 das revisões, que prepara para o Sacramento da Comunhão, através do Sacramento da penitência. Então ao explicar sobre o pecado, disserta em menos de uma página, acerca da desobediência, o afastamento de Deus devido ao mau uso da liberdade. No restante aparece de forma transversal, levando apenas em consideração a liberdade humana, mas sem profundidade na Doutrina Católica. Podendo ser confundida com uma liberdade generalista, que vai da liberdade à “libertinagem”, muito difundida atualmente no *Carpie Diem* ou no “amor livre” legado dos anos 60 e 70. Esta distinção de liberdades a parábola do filho pródigo esclarece, quando expõe a busca por uma liberdade da família, do pai, uma opção pelas experiências no mundo, que na verdade escraviza o filho, tendo como moral da história, aí sim, a liberdade que

vem na consciência para retornar ao ceio familiar, ao bem e tem como recompensa o amor misericordioso do Pai. Sem isto, dificilmente se estabelece uma lógica coerente para explicar o “problema do mal”. Ao distinguir os diversos conceitos de liberdade e esclarecer o que seria o “livre arbítrio em Deus” daria um primeiro passo para entender como o mal entrou na Criação e isto deveria iniciar pelas Criaturas espirituais que primeiro utilizaram mal o “livre arbítrio” e pecaram. Neste momento pode-se explorar um pouco mais esta realidade angelical que está esvaziada no material e vem também em benefício da humanidade, seja como mensageiros ou protetores (São Miguel Arcanjo e os Anjos da Guarda). Este último que desde a primeira infância é ensinado as crianças católicas a evocarem e quando entram na catequese não recebem a explicação a respeito. Esta incoerência arrisca de no decorrer da vida o fiel considerar parte apenas do imaginário infantil como o papai Noel e o coelhinho da Páscoa. Por qual razão o material permitiria isto somente teria explicação nas teologias que tem interesse em esvaziar o tema.

Pois esta base conecta uma série de conteúdos de suma importância na fé cristã como: a oração do Pai nosso, a Salvação, a morte na Cruz, a mansão dos mortos e, por fim, algo caro na mística cristã e consta na vida dos santos; o “Combate espiritual”. Este com maestria Paulo trabalha em toda carta aos Efésios e nos Sinóticos nas “tentações no deserto”. Isto fará parte de toda vida do catequisando. Em conjunto com o combate por justiça social e a busca por uma melhor conduta em relação a virtudes e defeitos, para o convívio com o outro, por sinal, muito bem enfatizados no material.

Outra inferência que simboliza o forte viés sociológico no material vem do capítulo com o título “Crescer compreendendo a Palavra de Deus” a explanação sobre a crucificação traz a pergunta: “Mas por que fizeram isso com Jesus?” e a resposta; “Porque praticou atos de amor e bondade que ameaçavam o poder das autoridades que exploravam o povo. E Jesus veio justamente combater toda esta maldade que castigava e humilhava as pessoas da sua época” (V.A., 2014, p.101). Esta perspectiva cristológica de um Jesus histórico separado do Cristo da fé, assim como o mal que Jesus veio combater como sendo algo sociológico é facilmente identificada nas teologias controvertidas de Rudolf Karl Bultmann e Jürgen Moltmann e as notificadas de SCHILEBECKXX e BOFF, L., (CDF, 1980; 1985). A repercussão na transmissão do conhecimento é que novamente esvazia-se o mal como

“*mysteryum iniquitatis*” e o coloca como “aporia filosófica”, principalmente através da relativização da pessoa de Satanás. Diluindo-o num mal geral e sociológico que o revolucionário Jesus de Nazaré veio derrotar. Estas prioridades entram em contradição com o Magistério da Igreja Católica;

Ao libertar certos homens dos males terrenos da fome, da injustiça da doença e da morte – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.

O advento do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás: "Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós" (Mt 12,28). Os exorcismos de Jesus libertam homens do domínio dos demônios. Antecipam a grande vitória de Jesus sobre "o príncipe deste mundo". E pela Cruz de Cristo que o Reino de Deus ser definitivamente estabelecido: "Regnavit a ligno Deus - Deus reinou do alto do madeiro" (CIC 549-550).

No material coloca-se a fé em função das demandas da vida exageradamente. Característica da modernidade líquida e de algumas teologias, assim como as centenas de religiões ou filosofias de vida que não vem mais apresentar uma Verdade, mas dar respostas apenas as demandas imediatistas de consumo do Sagrado, entrando no binômio marxista-capitalista debatido na DSI. Isto também ocorre com fenômenos religiosos exclusivamente espiritualistas que são acusados de alienar o povo, oferecer um placebo, uma forma de espiritualidade que desconecta fé-vida. Então, nem tanto o céu nem tanto a terra, a busca de equilíbrio se faz necessária, nesta “realidade pendular”⁴⁷. A influência explícita das ciências humanas como a psicologia e a pedagogia moderna que colocam as doutrinas religiosas (principalmente sobre as criaturas espirituais) no patamar apenas de mitos manifestos pelo interior humano e o excessivo cuidado para que não se gere traumas e complexos por um conhecimento que gera medos (possivelmente) seja o fator que engessa o ensino sobre o objeto deste trabalho. O instrumento educacional ganha prioridade ao conteúdo, que precisando ser evidenciado se torna refém.

Aquilo que incomoda parece que é melhor não ser dito, pois também afasta aqueles que consomem o material. Este é o risco de uma pedagogia estritamente positiva, mesmo em meio a um ambiente catastrófico, que exige explicações mais

⁴⁷ Comentário do Padre Roberto Nentwig sobre estas posições extremadas (GPER 2016).

aprofundadas. Diante do mal apenas serviria a ação (ou então a alienação), não importa qual ou como, afinal se não há reflexão sobre aquilo, dos porquês aquilo acontece e de onde vem, estabelece-se um ativismo cego, mas considerado útil socialmente (teologia instrumentalizada).

No Capítulo 19 do livro I em outro exemplo deste foco sociológico quando se fala da Ressurreição; “Hoje, temos muitos sinais de morte em nosso meio, como por exemplo crianças que são obrigadas ao trabalho forçado, sem acesso à escola, sem alimentação adequada, sem direito a saúde, e, principalmente, a brincar” (V.A., 2014, p.105). Em um balão explica que “Ressuscitar é vencer o mal e o pecado pelo poder amoroso de Deus. Assim, a morte física não é o fim, mas uma passagem ou etapa de nossa vida” (Ibid., p.104). Encerra-se o primeiro livro sem falar que mal é este a ser vencido, a não ser os males sociológicos, e não explica como se origina os males (o pecado) se tudo que Deus fez é bom. Nestes contextos de ensino a afirmação de João Paulo II na virada do século scandalizaria:

Continuando a reflectir sobre o caminho de conversão, sustentados pela certeza do amor do Pai, queremos hoje dedicar a nossa atenção ao sentido do pecado, tanto pessoal como social. Olhemos, antes de tudo, para a atitude de Jesus que veio precisamente para libertar os homens do pecado e da influência de Satanás (OR,1999, p.1).

Assuntos cuja importância se expressa na Tradição, através do ensino dos Padres da Igreja, de definições conciliares, combates espirituais relatados nas biografias de santos como; Santo Antão (séc IV), São Bento (sec.VI), São Francisco de Assis (séc.XII), São Pio de Pietrelcina (séc XX), entre outros, além dos ensinamentos dos Papas continuarão sendo negligenciados, se quem escreve estes materiais catequéticos e se incumbem do ensino não der a devida atenção a estas “verdades da fé”.

Se o tema não está no conteúdo da catequese o catequisando não saberá as respostas quando se questionar e for questionado; por quê o mal existe? O Diabo existe? Qual a relação deles com Deus? Pelo quê Jesus veio salvar? Do quê se trata o combate espiritual? Por quê dia 29/09 celebra-se os Santos Arcanjos? Ou dia 02/10 os Santos Anjos da Guarda? Para quê eles servem? Entre outros pontos que relaciona fé-vida. Isto num âmbito fora do engajamento social ou que retroalimenta este engajamento, como nos campos: espiritual, devocional e místico.

Sabe-se que o “Crescer em comunhão” é direcionado para crianças e pré-adolescentes, mas estes vivenciam as nuances da vida. Isto se realiza em família, na sociedade, nos jogos, tv, internet e a evidência do mal os rodeia nesta vivência em todos estes meios. Mesmo sendo expostos e tendo compreensão própria e limitada, crianças e jovens na sua construção de conhecimento estão expostos a conflitos morais e são cobrados para que tenham boas atitudes. Enfim, somente o fato de estarem na catequese os pais tem a intenção que seus filhos recebam valores, para distinguir bem e mal, coisas que são de Deus e o que não são. Cabe a iniciação cristã ter o básico destas relações, afinal sabe-se da complexidade de um mundo relativista em que os tons de cinza são predominantes, além do branco e preto (bem e mal). Assim como, se iniciem numa vida espiritual e que sejam alertados que num campo estritamente espiritual, assim como está; Deus, o Espírito Santo, a comunhão dos Santos, o Cristo Ressuscitado, os Anjos e as hierarquias celestiais, também existe os inimigos do Reino. Criaturas espirituais, que não são espíritos de seres humanos mortos, mas anjos corrompidos que optam por esvaziar o bem na criação e buscam influenciar a humanidade para esta escolha de afastamento de Deus. Isto faz parte do Ensino católico como visto nas exposições.

Estes elementos espirituais têm relação íntima com a vida cotidiana do Católico, pois se ele invoca o Espírito Santo, para inspirar ações, o anjo da guarda para proteção... tudo isto é para evitar o quê? Proteger-se do quê? A Doutrina explicita as respostas diante do “problema do mal” e confirma a existência dos demônios e do Diabo justamente para não deixar perguntas básicas sem respostas. Cabe aos educadores da fé o “como” explicitar estas realidades, o que não se poderia é omitir ou ter um ensino confuso a este respeito, pois o risco do sincretismo religioso, esvaziamento e incoerência é grande.

Conforme descrito nas partes de dois a quatro e agora analisados os conteúdos; nas inferências realizadas há fortes indícios das influências do pensamento filosófico moderno e de teologias avessas ao ensino doutrinário do Magistério na coleção “Crescer em comunhão”. Claro, tratando-se do tema “Problema do mal e a existência do Diabo”. Não se percebeu uma intencionalidade disto nos autores, mas sim como “fruto de uma época”, isto também diagnosticado pelos próprios autores (GPER, 2016). As convulsões sociais e ideológicas que culminaram nas guerras do século XX, assim como o advento da televisão que

explicitou a miséria humana, guerra fria, direitos civis e ditaduras contribuiu para motivar as pessoas a um maior engajamento social. Exigência da sociedade de atitudes concretas da Igreja, em relação a causas, que de forma prática, outros, até mesmo os ateístas materialistas respondiam de forma efetiva. A Doutrina Social da Igreja foi a resposta Católica diante disso. Este panorama, a partir da segunda metade do século XX obviamente influenciou onde a base da educação catequética das décadas seguintes se assentou.

O debate acadêmico seja filosófico ou teológico devem ser valorizados, com todo sentido crítico que este meio exige, podendo influenciar em documentos e Ensinos futuros do Magistério. No entanto, aquilo que polemiza e vai contra não seria aconselhado chegar nas pastorais de forma inacabada e, principalmente, na catequese, para que não confunda o neófito e gere contradição na construção de seu conhecimento. É sabido que o conhecimento teológico pode ser crítico, mas o conhecimento catequético não pode ter pessoalidade, particularidades de grupos ou teologias, pois a catequese tem como uma de suas missões reverberar a Doutrina (universal) da Igreja Católica.

Para prevenir contradições (justamente por esta razão) o advento do CIC, a pedido do sínodo extraordinário de 1985. Também é fato que os elaboradores do material fizeram opção pedagógica de experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo, foco na mistagogia, em detrimento a teologia e ao conteúdo doutrinário, visto como parte de uma educação continuada. Não que os autores desconsiderassem a Doutrina, mas pela opção metodológica escolhida esta está em segundo plano. Entende-se porque se deve manter distante da educação cristã uma perspectiva de encontro com Deus por medo do Diabo e talvez o segredo deste ensino sobre o *mysterium iniquitatis* esteja no esclarecimento do dom do Espírito “temor de Deus”⁴⁸;

diante do problema do embate de uma vontade rebelde com Deus infinitamente justo, não se pode deixar de nutrir sentimentos de salutar «temor e tremor», como sugere São Paulo; e o aviso de Jesus sobre o pecado que não é «remissível» confirma a existência de culpas que podem trazer para o pecador, como pena, a «morte eterna» (OR, 1984, p.22).

⁴⁸ Conselho dado por Dom José Antonio Peruzzo (GPER, 2016).

A problemática descrita neste trabalho não é algo isolado, apenas do material didático-pedagógico para iniciação cristã “Crescer em comunhão”, vê-se a ausência dos temas; Problema do mal, angelologia e demonologia também no ensino de nível superior, no currículo dos bacharelados em teologia das Universidades Católicas e seminários (cf. planos de aula PUCPR e Studium-PR 2005-2016). Então nem mesmo em nível crítico o tema é abordado. Esta omissão é sintomática de uma forma específica de fazer teologia, que foi notificada pela CDF. Pois o que resta então são os discursos de profícuos teólogos formadores de opinião (como mostrado neste trabalho) que contrariam o Magistério, e principalmente, contrariam ao atual líder da Igreja Católica que aconselhou recentemente que “o diabo tem duas armas muito potentes para destruir a Igreja: as divisões e o dinheiro. E isso ocorreu desde o início: divisões ideológicas e teológicas, que dilaceravam a Igreja”⁴⁹. Algo que não é novidade em seu Ensino, pois já disse que

não se pode pensar numa vida espiritual, cristã, sem resistir às tentações, sem lutar contra o diabo. E pensar que nos queriam fazer crer que o diabo era um mito, uma figura, uma ideia do mal!. Ao contrário, o diabo existe e nós devemos lutar contra ele. São Paulo recorda: É a palavra de Deus que no-lo diz, mas parece que não estamos convictos desta realidade.⁵⁰

Ele faz do seu testemunho pastoral modelo do equilíbrio entre engajamento social e combate espiritual (cf. MARCON, 2013)⁵¹ onde os materiais catequéticos e demais podem se inspirar.

⁴⁹ Homilia realizada em 12/09/2016 na casa Santa Marta, Francisco também salienta que “o diabo vai além, não somente na comunidade cristã, vai justamente na raiz da unidade cristã (...) à celebração eucarística”. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-cuidado-com-o-diabo-porque-cao-divisao-e-joga-sujo-42234/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

⁵⁰ Homilia realizada em 30/10/2014. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/uma-luta-gradabilissima>>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

⁵¹ Neste Trabalho de Conclusão de Curso da teologia foi apresentado uma série de ensinamentos do Papa Francisco sobre o tema no ano de 2013. Nos anos seguintes em 2014, 2015 e 2016 ele continuou a abordar estas verdades da fé sendo citado pelo New York post e aqui no Brasil a revista Veja como sendo o Papa que mais falou da existência do diabo como um ser pessoal, entre os últimos Papas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aceitar o desafio de dissertar sobre um tema tão espinhoso como o “problema do mal e a existência do Diabo” num material didático-catequético se faz necessário parafrasear Torres Queiruga (quando pesquisou sobre), disse ele que sofria de vertigens. Há um desgaste óbvio deter-se por alguns anos em dezenas de livros, artigos e documentos da Igreja perscrutando o que se elaborou sobre a escuridão. A educação em geral se vê com dificuldades para trabalhar com os jovens esta questão do mal no mundo, talvez devido ao cansaço que este tema gera em quem vai pesquisá-lo para encontrar esclarecimentos. Aqueles lugares que tratam com facilidade do tema, por vezes, repetem fórmulas fracassadas do passado, vê-se com frequência em algumas igrejas neopentecostais. O cuidado que a educação católica tem ao tratá-lo é justificável, pois exige cautela. No entanto o que se descortinou nesta dissertação foi um zelo tal que gerou uma espécie de omissão ou relativismo doutrinário com a justificativa de uma adaptação pedagógica. Como aquela sujeira desagradável e persistente, que continuará fazendo parte do ambiente, mas é varrida para debaixo do tapete.

Viu-se nos depoimentos dos autores a preocupação de um ensino experiencial da fé, um estímulo ao encontro com a pessoa de Jesus Cristo e o ideal de transformar o catequista num mistagogo, ao invés de um professor que ensina doutrina. Estes pensamentos estão de acordo com os últimos documentos da Igreja, principalmente a latinoamericana. A prioridade no encontro com Jesus como centro de toda fé cristã é a escolha pedagógica dos que encabeçam o “Crescer em comunhão”, esta é uma escolha metodológica que parece definitiva.

Entretanto, o material também fez uma escolha desde as suas origens de um forte viés sociológico, para mostrar Jesus Cristo. Nas edições dos anos 80 e 90 aparece com maior evidência, mas o material não perdeu sua base com as novas diretrizes na virada do século, pois como argumentam os autores; quem assume a revisão seguinte sempre está numa construção já iniciada. O “Crescer em comunhão” cumpre uma missão inestimável para Igreja Católica do Brasil e com isto para toda Igreja Univesal. Há 35 anos de forma ininterrupta é uma opção de subsídio em todo território nacional e por esta grandiosidade seria impossível não deixar

lacunas. O que foi analisado neste trabalho é uma pequena parte do todo, mas que merece atenção, pois mostra algo sintomático da teologia pós-moderna e do ensino católico; as contradições doutrinárias e a falta da exposição de conteúdos considerados malditos ou “fantasiosos”.

Se estes conteúdos são incômodos e devem ser rejeitados, que assim seja, com base na Tradição e siga os protocolos do Magistério, após isto conscientize-se os fiéis e continue sua caminhada milenar. O que se vê como inadmissível no auge da “sociedade da informação” é algum conteúdo Revelado na religião sendo ocultado, omitido.

Como se viu neste trabalho o “problema do mal” e as criaturas espirituais são conteúdos caros nos quase dois mil anos de Tradição e no ensino do Magistério até o atual Papa Francisco. Então cabe aos teólogos católicos (aqui não se fala mais de uma teologia liberal especulativa), em especial também, aqueles que constroem materiais que confessam a fé da Igreja Católica apresentar sem medo, mas com prudência suficiente o tema. Cuidando para que não escandalize e tire o foco principal de Jesus Cristo, centro de toda fé da Igreja. Tendo a consciência que a demonologia, assim como a eclesiologia, a mariologia entre outras especialidades da teologia deveriam conduzir a cristologia e a soteriologia, a esta ação Salvadora de Deus por meio de Seu Filho, na Paixão-Morte-Ressurreição como centro. Aí poderia estar o aspecto de uma pedagogia, não somente positiva, mas catecumenal, sem excluir o tema abordado.

Sabe-se que materiais didático-pedagógicos são filhos de seu tempo, então respondem a anseios e perguntas das realidades locais onde eles são construídos. Assim como, por formas de pensar do tipo de profissional que constrói o material e até ideologias que exercem maior influência naquele momento histórico. Esta justificativa é convergente por boa parte dos autores do “Crescer em comunhão”, que não viram, até então, razão para que o tema do “problema do mal” tivesse maior profundidade doutrinária, assim como a necessidade da explicitação das realidades espirituais dos anjos, de forma geral, e principalmente dos anjos caídos, que é parte do objeto deste trabalho. A necessidade exclusiva de responder ao mal moral através da conscientização sobre a justiça social, e prioritariamente, a abordagem pedagógica positiva da doutrina em direção a um encontro com a pessoa de Jesus encerra a argumentação dos autores e foi constatado nas inferências do temário do

“Crescer em Comunhão”. A problemática maior encontrada foi a ausência de conteúdos, que este trabalho considera vital para uma coerência de ensino doutrinário e para esta experiência mistagógica, que também faz parte dela o *mysterium iniquitatis*. Isto os próprios autores ao serem deparados por esta reflexão consideraram revisar o material na primeira oportunidade, se conscientizando do laconismo do mesmo acerca do tema. Numa “hierarquia das verdades da fé” (como expressou Dom Albano Cavallin)⁵² a existência do Diabo, ação dos demônios e o “problema do mal” ocupariam não mais que 20% do tempo relativo ao ensino. No entanto, o que se viu na coleção (nos 35 anos de existência e em suas 5 revisões) fica muito próximo de zero estes temas. Se é por motivo didático-pedagógico (pela dificuldade de catequistas e catequisandos compreenderem o tema) uma abordagem deveria ser criada, levando em consideração a faixa de idade dos catequisandos e a pouca formação dos catequistas. Ao considerar a histórica “pedagogia do medo” dos séculos anteriores o ensino-aprendizagem sobre o tema pode-se aprender com os erros do passado e como exemplo do que não deve ser feito, avançar em direção ao enfrentamento moderno do assunto e não cometer o erro da omissão das últimas décadas. Pois isto leva a incoerência doutrinária ou de múltiplas interpretações das “verdades da fé”.

Afinal, o obscurantismo alegado pelos iluministas e racionalistas está nos conteúdos não claros a luz da razão. A existência de pecado sem apontar a origem, escolhas sem o saber como fazê-las (o dom do livre-arbítrio), oração sem saber o significado ou com significados contraditórios entre o catecismo local e o Catecismo Universal, conforme visto sobre a oração do “Pai nosso”. Assim como a oração do Santo Anjo, tradição que acompanha quase que a unanimidade das crianças católicas, mas em cinco anos de iniciação cristã não se ensina o que são os Anjos, nisto pode morar o obscurantismo.

Além do que, com o advento dos Estados Laicos o ensino doutrinário das confissões religiosas está relegado as casas ou interior dos templos religiosos. Sendo assim, se temáticas que aparecem em desenhos, jogos de vídeo game, filmes que expõe esta densidade do mal desde a mais tenra idade não aparecem na catequese e na teologia acadêmica, o cristão católico fará juízo deste conteúdo

⁵² (GPER, 2016)

através do quê? Por vezes os sincretismos doutrinários nascem das buscas por respostas que são respondidas em lugares diferentes. Se assim for a escolha da pessoa é respeitável, mas o problema é quando o fiel vai buscar em outro lugar pensando que na sua religião não tem a resposta, isto obviamente devido a um ensino incompleto.

Talvez encontre respostas em outra religião ou em outras denominações cristãs pentecostais e neopentecostais neste diálogo inter-religioso e ecumênico. Ao invés de um debate entre aqueles com identidade clara é uma oportunidade para amalgamar doutrinas ou se permitir o proselitismo do outro. As perguntas daquele que se inquieta serão respondidas por quem se faz melhor presente testemunhando e expondo suas crenças através do bom uso da razão, ou não, o fato é que a resposta de forma clara será exigida, mais cedo ou mais tarde. Assim como forjará a identidade daquele que professa a fé católica também. Isto não quer dizer que um catecismo local resolverá o *mysterium iniquitatis* por completo na cabeça daquele que busca a conversão, mas a resposta é integral para questões essenciais da vida conforme revelado no *depositum fidei* e que pode ser adaptado para realidade local e faixa etária.

Na Análise de conteúdo foram pontuados no “Crescer em Comunhão” momentos em que estas “verdades de fé” podem ser abordadas sem que tenha perda de coerência, ao contrário, ajudam o catequizando a fazer uma caminhada de respostas as perguntas que surgem no seu cotidiano. Isto também o ajudará a entrar nos mistérios espirituais, os quais uma pessoa quer saber quando faz parte de uma religião. O sentido de uma catequese mistagógica tão alardeada a partir do DGC (1998) não seria este? O catequista como mistagogo se encharca da mística, é conhecedor em sua própria existência do “combate espiritual” e ajuda o neófito nesta caminhada, que o conduz ao mergulho da conversão? Este se faz real no mistério das “verdades da fé”, que o próprio catequista deveria ser conhecedor. Os Padres da Igreja expuseram estes combates interiores, além dos místicos de todos os tempos. A experiência de Jesus nos Sacramentos tem relação direta com estas realidades espirituais vivas que permeiam a existência humana. A leitura orante da Palavra exige este abrir-se para o Espírito, assim como as orações, seja para intercessão dos Santos, Maria e dos Anjos. A evidência do Maligno em seus vários meios de influência reforça a necessidade do encontro por meio dos Sacramentos.

Não é por acaso que no Sacramento de entrada da vida cristão exige-se do neófito a renúncia (além do pecado) do “demônio e suas obras”. No entanto, no “Crescer em comunhão” não consta esta fórmula que depois será repetida pelos crismandos, mas se justifica pelo fato que durante todo itinerário o catequizando não aprendeu sobre estas criaturas. A justificativa não poupará o constrangimento de rejeitar algo que nem sabe do que se trata.

Contudo, não seria o caso de excluir o mistério da vida material e suas nuances dos contextos sociais, pois a Doutrina Social da Igreja cobre esta demanda. No entanto, esta é uma parte da vida em abundância do fiel. A maior parte está nas realidades que o ultrapassam, pois Jesus advertiu aqueles que o proclamavam Rei, que o seu reinado não era deste mundo. Esta é uma pista valiosa onde o cristão deveria concentrar sua atenção. “Vigiai e orai porque o espírito está pronto (...), mas a carne é fraca”⁵³ este foi o conselho que o mestre deixou as vésperas da maior ação maligna que o mundo já viu; a traição e entrega do justo perfeito para tortura, flagelo, escárnio e a morte. O mal permitido por Deus só pode ter ocorrido para que um bem maior se sobressaia. A Ressurreição não permite que a sombra da traição, pecado, morte apareça. O Maligno é completamente derrotado e a vida nova brota sem qualquer resistência, pois em Cristo toda humanidade é plena.

Quando o pecado insiste em reaparecer novamente - por meio de seus Santos - Cristo ilumina a humanidade. Então os Santos são fontes inesgotáveis de exemplos catequético do combate espiritual, em especial os Padres do deserto que deixaram um vasto ensino para as comunidades monásticas nascentes. Assim como inspiraram que o catecumenato permanecesse pelos séculos. Entretanto, tenta-se desvincular uma coisa da outra (catecumenato e combate espiritual).

Para o ensino e pesquisa sobre o tema pode-se considerar a intuição de que na busca por santidade se leva ao dom do Espírito de “Temer a Deus”, pois é de suma importância na espiritualidade cristã ter o sentimento de temer desagradá-Lo ao invés do desaconselhável (agir ou ensinar) temer o Diabo, pois este é uma simples criatura. Talvez neste método tenha uma importante chave para desenvolver o assunto - expondo-o – sem perder de vista uma pedagogia positiva. Visto que, qualquer mal nasce derrotado, vazio em substância. Na perda do poder de escolha,

⁵³ Mt (26,41)

distanciamento do bem, isto clama por Cristo nesta escravidão e receberá a liberdade por promessa. Como o filho pródigo, todos que reconhecem suas debilidades terão a oportunidade de receber o abraço amoroso e misericordioso do Pai. Esta experiência só é possível de ser sentida, se nos desertos e nos getsemanis da vida o cristão está em constante vigilância e oração, armado da Palavra de Deus e protegido pelo escudo da fé.⁵⁴

Por fim, pode-se pontuar para aprofundamento em trabalhos posteriores um dos fatores que possivelmente desmotiva a participação dos catequistas para melhorar sua formação e assim se sentirem competentes para temas com maior profundidade; os custos, que sendo voluntários eles ainda têm que arcar para exercer o ministério. A profissionalização de catequistas poderia seguir a urgência pretendida pela Igreja Católica do Brasil na formação. É difícil para aquele que não está engajado no meio teológico e de licenciaturas educar com propriedade, talvez possa testemunhar com sua vida - que é a máxima do processo mistagógico - mas a catequese também inclui sistematizar conhecimento, ter didática e tempo para o estudo. A contratação de catequistas é o outro extremo do catequista “quebragalho”. Algumas iniciativas trazem luz para suprir esta demanda de formação; a utilização de equipes ou assessores multidisciplinares para cada paróquia, com profissionais da educação católica altamente capacitados que possam formar aqueles postulantes que querem servir no ministério da catequese seria uma opção. Além desta alternativa, outra seria fazer melhor uso das levas de teólogos formados nas universidades católicas que são subutilizados.

A lógica do custo que a Igreja arca para a formação e manutenção de um padre poderia ser semelhante para os catequistas, este ministério é extensão daquele, pois “em virtude de seu ofício, o pároco tem obrigação de cuidar da formação catequética de adultos, jovens e crianças; para isto, sirva-se (...)da colaboração de leigos, sobretudo catequistas” (CDC 776). Vê-se nas paróquias padres que são alheios ao que acontece na catequese, sequer vão as reuniões e os catequistas leigos assumem de forma integral esta missão. Por vezes não vem de uma atitude relapsa do padre, mas do excesso de compromissos que cada um tem em outras áreas pastorais, tentando - sem êxito - atender somente no Brasil em

⁵⁴ Ef (6,5);

média seis mil católicos (enquanto a cada 420 evangélicos há um pastor).⁵⁵ Sabe-se então que a missão de padres e catequistas é primordial para toda estrutura e futuro da Igreja Católica, qualquer investimento realizado nesta área - seja de tempo ou dinheiro - terá retorno para o sentido de ser da Instituição.

⁵⁵ Existem em torno de 20 mil padres para 130 milhões de católicos no Brasil, o número de catequista é 430 mil. Há em torno de 42 milhões de evangélicos para 100 mil pastores. A Igreja católica somente alcançaria o nível de acolhimento que as Igrejas evangélicas oferecem a seus fiéis se juntasse o número de catequistas e padres e ambos tivessem grau de importância semelhante junto as comunidades. Segundo o IBGE (2010) a população evangélica cresceu 61% nos últimos 10 anos. Os que se consideram sem religião são 8% da população, em sua maioria jovens com média de 26 anos.

REFERÊNCIAS

ADAM, Karl. **A essência do catolicismo**, Petrópolis: Vozes, 11ª edição, 1956.

AGOSTINHO. **O Livre arbítrio** São Paulo: Paulus, 2ª edição, 1995.

AMORTH, Gabriele. **Exorcistas e psiquiatras**, São Paulo: Palavra e prece, 2010.

ANCILLI, Ermano e Pontifício Instituto Teresianum. **Dicionário de espiritualidade**, São Paulo: Paulus/Loyola, 2012.

ARENDT, Hanna. **Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal**, 12ª edição, São Paulo: Companhia das letras, 2013.

BALDUCCI, Corrado. **O Diabo “vivo e atuante no mundo”**, São Paulo: MIR, 2004.

BALTHASAR, Hans Urs Von. **O Cristão e a angústia**, São Paulo: Fonte editorial, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 1977.

Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Clodovis. **A essência da Teologia da libertação foi defendida pelo Papa**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/03/1244071-essencia-da-teologia-da-libertacao-foi-defendida-pelo-papa-diz-irmao-de-leonardo-boff.shtml>>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

BOFF, Clodovis. **Teologia da Libertação e volta ao fundamento**. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=33508>>. Acesso em: 16 de setembro de 2016.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**, Petrópolis, Vozes, 2009.

BOFF, Leonardo. **Cada um, São Jorge e o dragão**. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2013/04/22/cada-um-e-sao-jorgecada-um-e-dragao/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

Catecismo da Igreja Católica, São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Código de Direito Canônico, São Paulo: Edições Loyola, 2010.

COMISSÃO DA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, **Formação básica de catequistas, subsídio com os principais temas para formação de catequistas**, Curitiba: Editora Arquidiocesana de Curitiba, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, **Fé Cristiana e demonologia**.

Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_d

oc_19750626_fede-cristiana-demonologia_sp.html>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Notificação sobre o livro “Igreja: Catrismo e poder. Ensaio de eclesiologia militante de Frei Leonardo Boff, OFM”**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19850311_notif-boff_po.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Carta da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé ao Rev. Padre Edward Schillebeeckx**, Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19801120_schillebeeckx_po.html>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Instrução Donun Veritatis sobre a vocação eclesial do teólogo**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

COSTA, Henrique Soares. **Anjos e o diabo, o que a fé da igreja ensina sobre eles**. Disponível em: <<http://www.domhenrique.com.br/index.php/cursos/300-anjos-diabo-demonios-o-que-a-fe-da-igreja-ensina-sobre-eles>>. Acesso em 18 de setembro de 2016.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)**, Vol 1, Bauru: EDUSC, 2003.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)**, Vol 2, Bauru: EDUSC, 2003.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. Denzinger - Hünermann**, São Paulo: Paulinas: edições Loyola, 2007.

DIRETÓRIO GERAL DA CATEQUESE. Roma, 1998. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html>. Acesso em: 18 de setembro de 2016.

GPER (org.) MARCON, Marco Antonio. **Crescer em comunhão, Histórias e memórias**. Disponível em: <www.gper.com.br>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

HAAG, Herbert. **El problema del mal**, Barcelona: Herder, 1981.

KASPER, Walter; KERTELGE, Karl; LEHMANN, Karl. **Diabo, Demonios, Posessão: Da realidade do mal**, São Paulo: Loyola, 1992.

LIBANIO, João Batista. **O Simbólico e o diabólico**. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=47773>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Ensaio de Teodiceia, sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal**, São Paulo: Estação liberdade, 2013.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Disponível em: <www.lusosofia.net>. Acesso em: 17 de setembro de 2016.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Catequese sobre os anjos**, Roma, 1986. Disponível em: <<http://www.berardo.com.br/cirejus/arquivos/religiao/anjos.pdf>>. Acesso em: 26 de setembro de 2016

L'OSSERVATORE ROMANO. **Combater o pecado pessoal e as estruturas de pecado**, Roma, 1999. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1999/documents/hf_jp-ii_aud_25081999.html>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Exortação a Reconciliação e a penitência**, Roma, 1984. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

L'OSSERVATORE ROMANO. **Livrai-nos do mal**, Roma, 1972. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721115.html>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

MARCON, Marco Antonio. **Satã e os demônios na doutrina católica e suas implicações na pastoral**. Caderno teológico da PUCPR. Curitiba, V.1, N.1, p. 286-310, 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/teologico?dd1=12259&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

NAVARRO, Maria; PEDROSA, Maria. **Dicionário de Catequética**, São Paulo: Paulus, 2004.

PLANTINGA, Alvin. **Deus, a Liberdade e o Mal**, São Paulo: Vida Nova, 2012.

QUEVEDO, Oscar. **Antes que os demônios voltem**, São Paulo: Paulus, 1988.

RICOUER, Paul. **A simbólica do mal**, Lisboa: edições70, 2013.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do novo testamento**, São Paulo: Paulus, 2003.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Jovens em movimento: o processo de formação da pastoral da juventude no Brasil**. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1482>>. Acesso em: 13 de setembro de 2016.

TORRES QUEIRUGA, Andres, **Repensar o mal: da ponerologia à teodiceia**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VARIOS AUTORES, **Crescer em comunhão: livro do catequizando (I, II, III, IV e V)**, 1ª edição, Petropolis: Vozes, 1981.

VARIOS AUTORES, **Crescer em comunhão: livro do catequizando (I, II, III, IV e V)**, 5ª edição, Petropolis: Vozes, 1989.

VARIOS AUTORES, **Crescer em comunhão: livro do catequizando (I, II, III, IV e V)**, 11ª edição, Petropolis: Vozes, 1996.

VARIOS AUTORES, **Crescer em comunhão: livro do catequizando (I, II, III, IV e V)**, 17ª edição, Petropolis: Vozes, 2002.

VARIOS AUTORES, **Crescer em comunhão: livro do catequizando (I, II, III, IV e V)**, 25ª edição, Petropolis: Vozes, 2008.

VARIOS AUTORES, **Crescer em comunhão: livro do catequizando (I, II, III, IV e V)**, 33ª edição, Petropolis: Vozes, 2014.

VÁRIOS AUTORES, **Dicionário Hebraico-português e aramaico-portugues**, São Leopoldo: Sinodal, Petropolis: Vozes, 1987.

ANEXO A- HISTÓRIAS E MEMÓRIAS (GPER 2016)

CRESCER EM COMUNHÃO

Histórias e Memórias

Org.
Marco Antonio Marcon

Grupo de Pesquisa Educação e Religião
Curitiba – 2015/2016

Este relatório foi realizado sob a orientação do professor Dr. Sérgio R. A. Junqueira, líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), com base nas consultas gravadas para contribuição na dissertação para obtenção ao título de mestre em teologia da PUCPR, cujo objetivo foi a Análise de conteúdo do material “Crescer em comunhão” sobre como este tratou as questões acerca do Problema do mal e a existência do Diabo. Lembrando que o método se utiliza apenas da análise bibliográfica, não sendo necessária uma entrevista quantitativa ou qualitativa. Estas consultas então não tiveram o caráter formal de uma entrevista, foram realizadas com o intuito de conhecer melhor os protagonistas da construção do material e valorizá-los, além da confirmação de inferências geradas na Análise de conteúdo, estas então produzidas com maior qualidade.

As histórias e memórias destas importantes personalidades devem ser conservadas para pesquisas posteriores e como reconhecimento do árduo trabalho de construir um material catequético e continuar o legado do mesmo por 35 anos ininterruptos.

Agradeço a disponibilidade, carinho e motivação dos autores, mesmo sabendo que seriam sabatinados numa investigação-crítica. Esta claramente não tendo intenção de completa desconstrução, mas contribuição para que este material tenha outras décadas mais de vida com qualidade na oferta para Educação Católica, e espero que a dissertação gerada seja digna da motivação de Dom José Antonio Peruzzo quando pontuou “que esta pesquisa é muito importante para catequese, que faça a verificação e dê as recomendações e sugestões. Que a intenção pedagógica permanecerá, mas deve suprir a deficiência de conteúdo, assim como o desdobramento pastoral disso precisará de muitos esclarecimentos e pesquisa”.

O organizador.

Curitiba, 25/09/2016 (Jubileu dos catequistas)

Fonte	Dom Albano Bortoletto Cavallin
Biografia	Nasceu na Lapa em 25 de abril de 1930 (filho de Pedro Cavallin e Celestina Bortoletto Cavallin) foi ordenado em 6 de dezembro de 1953 e ordenação episcopal em 1973. Como bispo, ele foi auxiliar na arquidiocese de Curitiba (PR), entre os anos 1973 e 1986; bispo de Guarapuava (PR), de 1986 a 1992, por fim, em 11 de março de 1992 é nomeado arcebispo de Londrina. Hoje Arcebispo emérito de Londrina, desde maio de 2006. Desempenhou outras atividades como membro da Comissão de Pastoral (CEP) e na Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB.
Coleta de dados	Curitiba-Londrina (telefone) 22/07/2015
Vínculo com objeto da pesquisa	Imprimatur de 1989 a 2007

No início da consulta, por telefone, ao final da apresentação do que se trata a conversa e o objeto da pesquisa, Dom Albano Cavallin se coloca à disposição e logo diz que se recorda de uma reunião dos Bispos sobre como abordar a questão do pecado, que fez um relatório com cerca de 10 páginas, mas que deveria estar de posse da Irmã Araceli, pois ele afirma não o ter mais. Na pesquisa os que se reuniram entenderam que o pecado não era apenas uma falta, mas uma culpa contra uma pessoa que é Jesus. Então a confissão, para os pesquisadores, não é a busca de pecados, mas a busca de santidade, eles tinham muita preocupação de não cair no casuísmo e sim ter uma pedagogia do positivo, tendo clara a diferença entre uma vida de santidade, para uma vida de pecados. A partir disto o catequisando tem os conteúdos para realizar uma boa confissão, o filho pródigo é um exemplo, comenta o Arcebispo Emérito de Londrina.

Ele retoma o objeto principal da consulta e relata que; quanto a questão do demônio, naquela época, não era o que mais chamava a atenção, disse que as pessoas são fruto da época que vivem. Nos anos 80, 90 e início de 2000 era muito forte o problema da injustiça social, o problema da não Cristologia, os catecismos só falavam da pedagogia dos 7 anos, dos 9 anos e não tinham

conteúdos, então fizeram um grande encontro para discutir a Cristologia no “Crescer em comunhão”. Dom Albano negou que não dessem atenção para questões como anjos e demônios, mas a batalha era sobretudo, naquela época, o que alguns exagerados da teologia da libertação, não da verdadeira, mas da falsa atacavam, pensaram então em esclarecer e dar respostas ao problema das injustiças sociais. Ele admite que pode também ter sido uma falha este conteúdo não ter sido explicitado, isto se deve ao Crescer em Comunhão partir dos principais mistérios. Os principais mistérios que foi trabalhado são: Unidade e trindade de Deus, Encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Quando outros temas aparecessem poderiam ser respondidos. O Arcebispo Emérito de Londrina e ex-membro da Comissão Bíblico Catequética da CNBB aconselha que maiores informações sobre o “Crescer em Comunhão” a Irmã Araceli poderia fornecer melhor, que seria um poço de conhecimento sobre o material.

Ao final da conversa Dom Albano questiona quanto o Catecismo da Igreja Católica reserva para este assunto acerca do problema do mal, anjos e demônios. Ele argumenta que se deve tomar o cuidado, pois tem a teoria catequética sobre a hierarquia das verdades, se for abordar sobre a trindade terá 80% da atenção, o diabo 20%, é importante tomar cuidado com respeito a isto e justifica que há alguns grupos, como parte da Renovação Carismática, que veem o diabo em tudo que é lugar, assim como ocorre em outras denominações. Então ele reforça da atenção na hierarquia das verdades. Ele considera o problema de que a resposta sobre o mal e a existência do Diabo e dos Demônios é dada em maior quantidade por outras denominações (cristãs e religiosas) e o católico acaba utilizando de forma complementar a sua fé, mesmo a doutrina católica tendo a resposta total.

Fonte	Irmã Araceli Glória Xavier da Roza
Biografia	Pedagoga, Consagrada na Congregação das Irmãs Vicentinas de Curitiba. Foi coordenadora da catequese do Regional Sul da CNBB.
Coleta de dados	Curitiba, 16/07/2015
Vínculo com objeto da pesquisa	Assessora da Editora Vozes, para conteúdo e metodologia. Autora do material “Crescer em Comunhão” desde a 1ª edição e todas as revisões.

Histórico do Crescer em Comunhão:

A consulta foi realizada no Colégio São José, onde também é o convento das Irmãs Vicentinas em Curitiba. Depois das devidas apresentações do objeto de pesquisa, a Irmã Araceli inicia contando a história do material “Crescer em comunhão”. Diz que em 1980 numa conversa com a amiga Irmã Maria Cacilda expõe a necessidade de um material didático-catequético, pois não tinha. Não sabendo por onde começar reuniram 30 pessoas, que deram muitas ideias, mas restaram apenas 4 pessoas para fazer o livro, tendo como assessor para o trabalho o Padre “Zeca”. Ele ajudou muito dando as diretrizes, pois tinha experiência como catequeta. Entre fazer em gráficas e outras opções foi apresentado para editora vozes, que abraçou o projeto, pois não tinham materiais similares. Ao apresentar o material para aprovação ao Arcebispo de Curitiba Dom Pedro Fedalto, ele impressionado, pediu para levar na reunião do Regional Sul 2 da CNBB. Irmã Araceli concorda e foi junto na reunião, mesmo sendo muito jovem e nervosa com a situação, mas reforça ela que foi tudo bem. Estava na reunião Dom Geraldo Majella, que argumentou que aquele material não tinha na região toda, se cederia para difusão no regional, pois faltava material didático-catequético completo, eram utilizadas apenas folhinhas de apoio, para cada tema da catequese. Então novamente a Irmã concorda e na primeira edição foram pedidos 80 mil exemplares.

A Editora Vozes ao lançar esta quantidade para o Regional Sul 2 já divulgou para o restante do Brasil e no ano seguinte estava em todo território nacional, pois quando a Irmã foi dar uma formação no Nordeste uma pessoa trouxe para ela a edição que a impressionou, não acreditava que já estava lá, realmente não tinha material similar no país. A editora deu continuidade e já começaram a pensar

numa revisão, pois o texto estava muito pesado. Em 1986, depois de realizar uma pesquisa em todo Brasil com catequistas saiu a 2ª edição. A construção do “Crescer em Comunhão” já tinha a linha do “Catequese renovada”, mesmo o documento da CNBB tendo saído depois do material, aconteceu que o Padre Zeca fazia parte do nacional, ele trazia os conteúdos. A revisão teve como foco o catequista, pois era um material difícil de assimilar por eles. Salienta ela que hoje ainda tem esta dificuldade, mas buscamos realizar treinamentos, fizemos a pesquisa e adequamos para eles.

Então Irmã Araceli complementa que a preocupação é maior com o catequista, pois a dificuldade é muito grande para dar os temas, além do problema de muitas mudanças de catequista, tem as diferenças culturais e até catequistas adolescentes, que não tem a vivência dos conteúdos e domínio do grupo.

Conta ela que logo que saiu o Catecismo da Igreja Católica em 1992 já começaram a pensar em outra revisão, os autores têm que caminhar com a Igreja, assim como aconteceu com o Diretório para Catequese (1998). O Padre Lima, um catequeta salesiano, responsável da CNBB, fez a análise do material e tornou público num congresso de liturgia em 2000. Irmã Araceli diz que seu coração bateu muito forte naquela assembleia, mas que o Padre Lima a tranquilizou sobre a qualidade do material, no entanto ressaltou três pontos: Ligação com o sacramento da penitência, perdão e iniciação cristã, que deveria melhorar o elo entre eles. Houve uma renovação total na revisão de 2001, comparado aos anos 80 e 90. Em seguida foram 2008 e 2014, que Dom Peruzzo deu o Imprimatur. Ressalta ela que sempre teve um Bispo que acompanhava.

Comenta a criadora do Crescer em Comunhão que Dom Albano Cavallin que foi e é o grande catequista do Brasil, sempre dizia que tem a questão pedagógica e financeira, tanto para as paróquias como a relação dos catequistas com o peso dos conteúdos. Ela diz que mesmo tendo 70 anos sabe que tem que renovar os métodos e conteúdo, para acompanhar o ritmo de hoje, não atrai ninguém apenas com a fala, precisa ter por exemplo o Datashow, para realizar a caminhada neste tempo.

Algo que valorizou o material foi a tradução para o espanhol, na Arquidiocese da Cidade do México em 2004.

Por fim sobre o histórico observa ela que na primeira edição foi utilizada a metodologia da SESSOAR, subsídios para evangelização, que acaba sendo o método ver-julgar-agir. O padre Zeca por ser da comissão nacional para “Catequese renovada” nos ajudou, para que já estivesse atualizado. Então em 1989 foi lançada a primeira revisão e em 1996 a segunda, mas ainda não levando em consideração o CIC, pois estava em discussão a inserção. Somente em 2002, 2008 e 2014 isto aconteceu.

Conteúdo: o problema do mal, a existência do diabo e dos demônios.

Irmã Araceli lembra que sobre estes conteúdos os autores achavam que era muito pesado, que colocava muito medo nas crianças, não queriam pesar demais no pecado, tudo ser pecado também. Queriam tirar esta visão, então o objetivo era se manter nesta outra linha positiva, embora ela achasse importante esta doutrina mais pesada, mas tinha receio que as crianças ficassem impressionadas. No seu curso superior de catequética se deparou com isto, até os anos 70 era muito presente a pedagogia do medo.

Nos anos 90 questionaram de não ter no material estas questões relacionadas ao pecado, que o “Crescer em Comunhão” estava em falta e então foi melhorado. O cuidado era de não ficar apenas na doutrinação e perder o foco na vivência, colocando o foco no pecado e no demônio. Houve questionamentos em algumas reuniões da CNBB como dar respostas relativo as questões do bem e do mal, matanças, e demais violências. No decorrer dos anos o próprio Diretório da catequese (1971) não ajudou a refletir sobre isto e nem o Catequese renovada (1983) ajudou, conta a Irmã. O próprio Catecismo universal (1992) não traz esta ajuda, somente algo doutrinário. Não existe um meio de como trazer este tema para os manuais que haja aceitação disso.

Irmã Araceli reflete que para trabalhar sobre o mal, o mal sendo o pecado, o mal é não fazer o bem, que as pessoas devem desistir disso. Ela diz que pesa na cabeça explicar todas estas questões, de como fazer a formação do catequista nisto, que ele tenha condição de trabalhar este tema até para não confundir a cabeça das crianças que não existe dois deuses. Soma-se também aqueles pais que carregam nesta parte do pecado, de que tudo é pecado e mesmo tendo

como base o “Crescer em comunhão” tem catequista que traz esta pedagogia do medo. Ao invés da criança ver a relação com Deus de uma forma leve, tem a relação com base no medo. A Irmã observa que hoje é muito grande a influência de outras religiões nas crianças, mas que o importante é vivenciar os conteúdos a cada encontro, então o importante é trabalhar Jesus Cristo, como um catequisando com quem ela realiza encontros que quer aprender a rezar o rosário e nunca perguntou sobre o demônio.

Ela salienta que na formação dos catequistas falta uma mística mais aprofundada ao ponto que se possa falar sobre os anjos, demônios, pecado.

De forma prática ela diz que o uso da droga é a destruição da família, roubar para alimentar o vício e o demônio vai tentando, induzindo as pessoas a isto.

Ela acha que realmente não tem nada do conteúdo sobre o problema do mal, existência do Diabo e dos demônios no material. Pode ser que tenha no 4º ou 5º volumes, que são para adolescentes, mas desde o começo não era pensado, não se falava disso. Fala mais das limitações da vida humana, sofrimento. A Irmã acredita que nenhum dos livros da coleção fale, as realidades espirituais não aparecem.

Irmã Araceli acredita que as crianças e adolescentes sabem muito sobre o tema, eles têm opinião, sobre o bem e sobre o mal e está vindo mais de outros lugares, de outras doutrinas, vem de outras religiões. Conta que tem sobrinhos adolescentes e eles debatem sobre estes assuntos de forma clara.

A precursora do Crescer em comunhão encerra a consulta dizendo que o Papa Francisco, nos seus discursos, faz uma relação muito boa sobre estas questões sobre o mal, o perdão, o diabo.

Fonte	Regina Helena Ribeiro de Faria Mantovani
Biografia	Historiadora, em 1985 já como professora foi diretora auxiliar na recém fundada Escola Estadual do Conjunto Habitacional da Cidade Alta- Maringá. Atual coordenadora do Regional Sul 2 para catequese-CNBB.
Coleta de dados	Curitiba, 13/07/2015
Vínculo com objeto da pesquisa	autora da revisão 2002, 2008 e 2014.

Fonte	Maria do Carmo Ezequiel Rollemberg
Biografia	Licenciada, mestre e Doutora em Química pela PUCRio, professora associada da Universidade Estadual de Maringá, catequista desde 99 e coordenadora da Catequese para adultos da diocese de Maringá
Coleta de dados	Curitiba, 13/07/2015
Vínculo com objeto da pesquisa	Autora da revisão de 2014

A consulta foi realizada na sede da Regional Sul 2 da CNBB, em Curitiba. Por estarem as duas autoras juntas as falas foram intercaladas, em momentos que há ligeiras divergências ou ênfase nas opiniões foram identificadas as falas. Logo após a apresentação do objetivo da pesquisa a Historiadora Regina salienta que olhando desde o volume 1; o pecado, o erro, não aparece explicitamente, mas vai sendo aprofundado. Ela diz que atende a faixa etária, que os autores não podem sair falando para crianças de 4, 6- 7 anos sobre o demônio, Satanás. A questão da queda e do pecado aparece no itinerário do “Crescer em comunhão”, elas têm segurança quanto a isto. Regina diz que tiveram um cuidado com a própria intensidade e compreensão da fé dos catequistas, catequisandos e suas famílias. Ela questiona o porquê dar uma ênfase em questões que vão atizar um medo desnecessário, porque a compreensão deve estar descolada de uma figura para compreensão do que é pecado. Elas pensam que a tônica maior, a intensão é destacar o ser humano como uma criatura de Deus. Aquele conceito de que não pode fazer que Deus castiga, tudo é pecado, o importante é destacar como os seres humanos são criaturas de Deus e vão ao encontro de Sua misericórdia. Elas chamam a atenção que os autores não saem falando o que acreditam que é, seguem as orientações da Igreja. Os documentos da CNBB são fundamentados nos documentos da Igreja e se tem este cuidado no que é

colocado no “Crescer em Comunhão”. A base é o documento de 1983 da CNBB “Catequese Renovada”, que continua atual, o Diretório para catequese (1998) e o Documento de Aparecida (2007).

A historiadora ressalta que agora o Papa Francisco vem com pérolas, ele vem com um novo olhar diferenciado da catequese ou do catequista, é aquele que introjeta em si e testemunha com alegria, que não seja aquela pessoa sisuda, só com coisas da Igreja, puritano, cheio de normas, então é um novo olhar.

Ela vê o contato que as crianças e adolescentes de hoje tem com a violência e o simbolismo do mal nos jogos, afirmando que o carro chefe da Igreja é um contexto de não violência, de paz e não tendo força para impedir jogos de capeta, o objetivo é formar bem o jovem, o cristão, o que é bom, certo-errado pela perspectiva de Jesus Cristo, então ele vai saber em que lado deve estar nestes jogos. Para ela esta é a lógica, diz que tem que formar a pessoa não com figuras, pois o próprio mundo vai dizer isto ao catequisando, pois, o caráter dela como pessoa humana estará garantida, então pode vir o que vier que ela saberá debater com estas situações da vida. É uma utopia, mas toda utopia pode ser realizada. Os autores ficam tranquilos que a formação que estão dando para estes embates da vida as crianças e adolescentes que tem contato com material estarão preparadas. Os exemplos no conteúdo é muito próprio da idade e questões corriqueiras da vida delas. Para que elas façam escolhas para agir de tal ou qual maneira.

Houve uma discussão na época quando se tratou do tema dos exorcismos, sobre o filme o exorcista, que pudesse ter o objetivo de negar a figura, o capeta com orelha grande, que vomita ou relativizar o mal. Diz ela que acha que não era negar o filme, mas sim a figura e alargar o horizonte da presença do demônio, do mal, que Jesus veio expulsar.

Maria do Carmo diz que é necessário falar da questão da idade; que não existe o “Crescer em Comunhão” para adultos. O adulto traz isto e ficam em dúvidas o que é o demônio, por vezes com uma compreensão infantil e utópica, e a autora salienta, pois pensam que ao acreditar em Jesus o demônio não chegará próximo, então eles permitem que faça o debate, aí os catequistas de adultos se embasam no CIC.

Ambas as autoras pensam que a maior dificuldade está na formação. Pois tem catequistas que se apavoram com o tema, alguns não querem falar e nem ouvir a palavra. Salientam que não ter o conteúdo, o de fora fica como verdade, mas a intenção é através da conversão olhar a misericórdia de Deus. Então é a linha que se buscou seguir e que é a característica, marca histórica do material. O conteúdo segue um critério pedagógico, respeitando a faixa de idade e a psicopedagogia, mas passa por todo o Catecismo da Igreja Católica, pode não ter algumas coisas em específico, mas contempla as quatro colunas. Então busca-se adequar os conteúdos aos milhares de catequistas que utilizam o material, pois a reflexão teológica pesada, no bom sentido, não chega a todos, devido as suas condições e formação. Os conteúdos são querigmáticos, que vai aprofundando. Nos momentos adequados aborda-se outros assuntos.

As autoras estão preocupadas que os conteúdos cheguem aos catequistas, esforçam-se para que eles se aprofundem, mas ao irem numa cidade do interior, com baixa escolaridade, sentem que não podem violentar um catequista que foi em uma formação da vida. Existem novos projetos de formar formadores, a escola Emaús é um exemplo, isto para que se possa chegar a estas reflexões mais aprofundadas.

Elas contam que o Vitor Feller numa última formação trabalhou a respeito do tema da existência do Diabo e o problema do mal.

Regina lembra que assim como a temática Espírito Santo veio com a Renovação Carismática, neste momento vem novas exigências para trabalhar, dentre eles assuntos como; o Problema do mal e a existência das criaturas espirituais. Então é uma exigência nova realizar um olhar sobre isto. Francisco está pegando uma Igreja corrupta, com uma série de questões ligadas ao mal. Agora torna o tema relevante.

A “Catequese Renovada”, com Padre Lima e Dom Albano Cavallin como os grandes catequistas envolvidos, veio dar resposta ao Concílio Vaticano II. O CIC teve uma rejeição inicial, na primeira revisão depois dele foi difícil adequar, agora teve um amadurecimento e é aceito. Da mesma forma o RICA, que são incorporados nas reuniões. Tem um movimento em paralelo que quer fechar manuais como o “Crescer em comunhão” que tem reflexões, abertos, que tem

um foco psicopedagógico. Explicam que há uma tendência de fechar a apenas um conteúdo, que seja um catecismo centralizador como livro de apoio. Por exemplo: Dom Odilo Scherer (Arcebispo de SP) quer um material didático da catequese para todo Brasil, o itinerário catequético veio para dar uma resposta a isto diz a Coordenadora da Regional Sul para catequese.

Observa Regina Mantovani que a doutrina é contemplada, pode ser observada, vem com os pontos fundamentais da iniciação para vida cristã. Vem com uma política mais orante. Os autores nas formações viram por estas perspectivas, que foram pautadas nos documentos da Igreja. Diz ela que o pecado está contemplado dentro dos contextos da vida. As novas exigências podem-se pensar para próxima revisão.

Quanto a construção do material ela comenta que o Regional é o carro chefe, os autores são convidados pelo Regional da CNBB e os autores tem total liberdade de escrever, em seguida a equipe aprova ou faz a crítica. Regina afirma que cabe a ela liderar o processo e o total de pessoas no projeto são 10 atualmente, Dom Peruzzo faz parte deste processo. Alguns desta equipe escrevem, outros não. A Irmã Araceli veio desde o começo, desde que tinha uma apostila. Na época era Arquidiocese e Regional tudo junto, agora é separado reforça a historiadora. Para equipe, os autores convidados e o representante da Vozes, inclusive o Leo Marcelo fez parte em 1996 e retornou, levou-se a discussão para o grupo todo que temas melhorar, qual colocar, qual retirar. A Marilac que é responsável pela catequese na Editora Vozes, ela conhece também toda história, sabe o contexto, a caminhada. O material é enviado pronto pelos autores para eles e eles voltam o material e neste vai e volta é concluído. Os editores não vetam nada, antes de concluir passa pela análise bíblica-teológica feita por Dom Peruzzo.

O tema não saiu, mas a forma de abordar está nos outros conteúdos é o caso daqueles relacionados ao demônio, o que fala do filme O exorcista foi retirado intencionalmente diz Regina. O demônio como figura não caberia mais dentro desta lógica pedagógica, pois ficou deslocado. A decisão foi com base em pesquisas com os catequistas, houve um trabalho de base grande, em conjunto com a editora vozes.

Ambas as autoras concordam que na última revisão o tema do problema do mal e a existência do diabo e dos demônios não entrou em debate, para dar esta resposta. Elas reforçam que na verdade não há o debate na Igreja católica em geral sobre o tema, nem em sério e nem de brincadeira. O priorizar da Igreja pela catequese do adulto é justamente para suprir esta falta de esclarecimento sobre estas questões da doutrina. Para dar respostas a esta série de questionamentos. Então há uma grande preocupação da catequese com adultos e a permanente. A sociedade está num processo de descristianização, é uma luta sem fim desabafam elas. Precisa-se levar para as paróquias; não só a catequese é responsável, mas toda a comunidade é responsável. Cada pastoral, uma pastoral de conjunto tornar-se uma pastoral orgânica, organizar o todo da igreja de forma que todos se comprometam para ensinar conclui a autora Regina Mantovani e concorda a autora Maria Rollemberg.

Fonte	Léo Marcelo Plantes Machado
Biografia	Teólogo-Pedagogo e mestre em educação pela PUCPR. Atual secretário da ação evangelizadora na Diocese de São José do Pinhais e coordenador do curso de pós-graduação em catequética das faculdades Vicentinas.
Coleta de dados	Curitiba 22/07/2015
Vínculo com objeto da pesquisa	autor da revisão 96 e 2014.

A consulta aconteceu na Cúria de São José dos Pinhais e logo após apresentar o objeto da pesquisa e o questionamento sobre a participação dos autores, o autor Leo Marcelo descreve a participação dos outros autores e chama atenção que Lia que aparece nas primeiras edições e a Hudalia são a mesma pessoa e que está desde o começo. Diz também que a Irmã Maria Cacilda é mais da espiritualidade e fez parte desde o começo também, ela vive no retiro Santo André, em Campo Largo. Conta que Padre Zeca trouxe o material que já utilizava; o “De mãos dadas”, então a Irmã Araceli que tinha também a experiência com o material iniciou o projeto. Em 1977 teve um Sínodo e em 1979 foi lançado o documento *Catechesis Tradendae*, que recomendou que as Igrejas locais concebessem seus catecismos, daí inicia a movimentação para o Catequese renovada no Brasil. Então em 1980 é apresentado um texto com conteúdos na primeira assembleia da CNBB e não passa, nem na assembleia de 1981, mas somente o texto trabalhado em 1982- 1983, modelo elaborado pelo Frei Leonardo Boff e Zelia Boff onde tem os temários. O Padre Lima, assim como Dom Albano Cavallin, era da Catequese nacional e ele conta como foi estes bastidores da confecção do texto que foi para aprovação pelos Bispos, afirma Léo Marcelo. O Padre Lima contou que este documento deveria ser um diretório, então veio o Catequese renovada e que por fim o diretório foi sair vários anos depois, pois o “Catequese renovada” deveria vir com conteúdos e o roteiro deste conteúdo, conta o Padre Lima, diz ele, que boa parte foi elaborado pelos irmãos Boff, talvez o frei Clodovis Boff também estivesse junto, Leo não tem certeza e argumenta que então deu-se maior importância a visão de mundo, homem e sociedade no Catequese Renovada.

O material “Crescer em comunhão” sempre foi do Regional Sul da CNBB encabeçado pela Irmã Araceli, em seguida entra a Irmã Gertrudes, então em

1981 foi a primeira edição e em 89 a primeira revisão com a influência direta do uso do Catequese Renovada, para como fazer os temários. Conforme orientação de Dom Albano era feito o chamado “a espinha de peixe”. A irmã Gertrudes entrou trazendo um conteúdo mimeografado chamado “textos para catequese” que utilizava na Lapa. Ela trabalhava com movimentos rurais; MST, Cebs... ela ensinava a fazer sementes e tinha um conflito com as grandes empresas de semente da região... então a revisão de 1996 já vem com isto também. O Hélio não trabalhou os conteúdos, ele fazia revisão geral dos textos. A teóloga Maria Tereza era de Umuarama e estudou em Roma, o Regional pagou para ela em parceria com a ADVENIAT, trouxe a experiência de lá e da catequese familiar. O Regional realizava 10 dias de formação para trabalhar os temários e a primeira experiência de pós em catequese foi por iniciativa do Regional Sul da CNBB, que teve início em SP, depois veio para cá nas universidades Vicentinas. Quanto ao Crescer em comunhão o temário mudou-se pouco desde o início, mas houve o acolhimento do CIC, não tanto na revisão de 1996, mais em 2002 complementa o pedagogo.

O tema do problema do mal do diabo e dos demônios é como outros temas que não estão, Dom Albano dizia para eles que não deviam dar toda teologia na catequese de iniciação, pois tem a catequese da iniciação cristã e a catequese permanente lembra Léo Marcelo. A primeira seria para as crianças, então alguns conteúdos trabalhariam somente na catequese permanente, que é a educação continuada da fé, já para os adultos, pois não é possível abordar tudo se for olhar pelo catecismo falta muita coisa. O livro 5 da primeira edição chegou a abordar algo sobre macumba, anjos, que o Padre Zeca elaborou, o livro era mais grosso. A “espinha” era Deus Pai, Filho, a Graça, o Reino e o Anti-Reino. Então mudaram, porque acharam que estes temas para as crianças e adolescentes seria pesado. Pode não falar a palavra demônio, mas tem o tema sobre o mal, então como são para crianças de 8, 9, 10 anos e não dá para dar todo o conteúdo dá-se a base. Foi seguida uma linha e escolhido o temário. Expõe ele que não saberia dizer o porquê desta opção de excluir tal ou qual conteúdo, talvez naquele momento histórico não se viu a necessidade de abordar tal tema. Sobre o “livrai-nos do Mal” no “Pai nosso” ser explicado como um mal relativizado na edição de 1996, explica ele que a linha trabalhada foi de fazer a transposição

didática para faixa etária, para o momento histórico que estava, é um conteúdo para dar resposta a uma necessidade de momento e o básico, recordando novamente Dom Albano que não vai ter toda teologia. Na época não se pensou neste tema como parte do temário, conforme este foi escolhido aí preenche com os conteúdos. Dentro da espinha escolhida tem os temas centrais e subtemas, sobre o problema do mal e a existência do diabo e dos demônios não entrou como tema. Diz ele que poderia falar quando trata da confissão, no livro 3, falar sobre o pecado, mas evita-se para não dar reforço ao negativo. Pode ser que para hoje haja a necessidade, assim como outros temas que vão faltando, mas deve-se avançar no conceito, para não ficar restrito as crianças, pois tem também a catequese permanente.

Argumenta o Pedagogo Leo Marcelo sobre a ausência do conteúdo que a visão é metodológica, para transposição didática, no caso os livros 1, 2 e 3, que ele teve participação. Poderia ser diferente para adolescente, agora só no livro 4, da Crisma. Embora, quando trabalha um tema como este dá-se o reforço negativo, a ideia é sempre passar a mensagem de uma forma positiva, até se coloca as questões de bem e mal, mas sempre acaba com o reforço positivo. Mesmo se for falar um tema como o exorcismo será que tem um conceito tudo igual para toda a Igreja ele questiona e complementa que como se interpreta os exorcismos da iniciação cristã é uma coisa mais adulta. Ele observa que não tem o conteúdo para explicar a renúncia a satanás que os crismandos farão no momento do Rito do Crisma, pois talvez nem toda a Igreja tenha feito a reflexão sobre o ministério do exorcismo também, é outro problema. Ele salienta que os Bispos não vão se posicionar sobre isto, nem que sim e nem que não e explica que nas Igrejas locais o Bispo direciona qual tema será reforçado. Retomando diz que o tema não é explicado no material e mesmo nas Igrejas particulares, vai perguntar para os Bispos nas 18 dioceses do Paraná, eles não vão querer se comprometer. Tem temas que a Igreja não gosta de tratar. Para o adolescente, principalmente da cidade, parece para ele que faz falta, pois estes têm contato com toda mídia; como vídeo game, filmes... enfim, são vários os filtros também; autores, revisores, editora... a complexidade das realidades entre pessoas que estão engajadas nas pastorais, outra realidade é a acadêmica, outra são das editoras. O autor não vê que seja um problema a abordagem do tema nas idades, mas a

intenção de colocá-lo. A formação do catequista segue as diretrizes da Igreja local. Utiliza-se este material agora, assim como pode deixar de utilizar e criar algo próprio. O contexto que se tem de formação segue as diretrizes da Igreja local, então se no momento é “comunidade de comunidades” vão todos atrás, se é leitura orante da mesma forma, assim tem locais que optam por material próprio justamente por isto. Ele diz que ao atuar como catequista com sua esposa numa turma de Crisma, em São José do Pinhais, são adolescentes na idade de 10 e 11 anos e vê como falta, não só no conteúdo, mas a formação do catequista neste tema (o problema do mal e a existência do Diabo e dos demônios), tem este problema também nas pastorais, enfim como a Igreja Católica vê o tema hoje e principalmente cada Igreja local, conclui assim o secretário para ação evangelizadora de São José dos Pinhais.

Fonte	Roberto Nentwig
Biografia	Padre, especialista em catequética, mestre em teologia e doutorando em teologia pela PUCRio. Assessor da catequese na Arquidiocese de Curitiba e Reitor do seminário na Arquidiocese de Curitiba.
Coleta de dados	Curitiba 03/03/2016
Vínculo com objeto da pesquisa	autor da revisão 2002 e 2008.

A consulta aconteceu no Seminário São José, no Abranches, logo após ser apresentado ao objeto da pesquisa, Padre Roberto conta que sua história no “Crescer em Comunhão” começou com a reestruturação da equipe de 1996. Entrou a Regina Mantovani, a Maria Cecilia e o também seminarista na época Alexander. Ainda como estudante de teologia diz que sentia que não tinha experiência para esta tarefa, que no decorrer do estudo do material e seus conteúdos foram aprendendo, por sinal diz que o que estudou de teologia para escrever o material valeu pelo curso de teologia inteiro, até pelo entusiasmo e por estudar bastante. Diz que foi muito importante, pois o ajudou muito a crescer como pessoa, na pastoral e como seminarista.

Ao começar a escrever o material diz que houve um contexto de época que envolvia a Teologia da Libertação e o Catecismo da Igreja Católica, na metade dos anos 90. As reflexões que se tem até hoje da entrada do Catecismo, aqueles partidários de uma visão sociológica e popular não viram com bons olhos, por outro lado o CIC é um subsídio de conteúdo. E o “Crescer em comunhão” foi denunciado por um padre que tinha um catecismo tradicional de pergunta e respostas. Ele completa que Dom Albano Cavallin teve que se explicar. Então eles pautaram seus conteúdos no Catecismo da Igreja Católica. A maior parte dos textos tinham citações do Catecismo, eles tinham que mostrar que o Catecismo estava ali, até porque a febre na época era ele. Também foi utilizado o Diretório Geral da Catequese de 1998 que reforçava o uso do Catecismo, pois ali estava o conteúdo da fé pautado nos quatro pilares da fé que se resume nos verbos Crer, Celebrar, Viver e Orar. Assim como é dividido o Catecismo. Padre Roberto diz que conversou com o então colega seminarista Alexander para focar nestes quatro pilares. Então fizeram um levantamento dos temas para ver se estes quatro pilares estavam contemplados, pois o “Crescer em comunhão”

até então era trinitário, pautado no Pai, Filho e Espírito Santo. O quarto volume que teve mais relevância nas modificações, visto que já tinha se pensado em não fazer em 5 livros ou parar no terceiro volume e depois que o jovem se inserisse na comunidade entrava na Crisma, mas foi uma experiência fracassada. Diz ele que fizeram o quarto volume onde entrou a parte moral, que estava fraca explicitamente. Eles pegaram a introdução sobre a moral do catecismo e colocaram ali; virtude, pecado, graça, liberdade. Para em seguida ir para os 10 mandamentos e finalizar em Maria como modelo de virtudes. O padre afirma que investigaram o que faltava mais das verdades da fé e pela primeira vez entrou um tema escatológico, seguindo a lógica de ver cada um dos artigos do credo. Então o foco em- Jesus, a Igreja, o céu - com base no credo apostólico.

Os catecismos populares de base para crianças não tratam diretamente de anjos e demônios até porque isto serve mais para que enriqueça o folclore popular do que ajude na fé, de fato, não são temas substanciais e não professa no credo que você crê no mal, nem em anjos e nem em demônios argumenta ele. No credo niceno-constantinopolitano fala apenas de criaturas visíveis e invisíveis, no credo apostólico nem isto. Além de não serem substanciais criam problema e até que ponto o catequista vai saber explicar e por fim até que ponto este tema é adequado a idade. Então, questões mais polêmicas da fé como por exemplo fé e ciência entrou no quinto volume, mas o mal como mistério é fraco mesmo. Foram abordadas as questões sobre o mal e exorcismos de Jesus no livro 5 (2002), mas teve uma suavização e com a intenção de desmitificar, mais do que explicar expõe ele. A relevância do tema é importante e a complexidade do tema também, as vezes se cala do que não sabe como dizer desabafa ele. Tem-se que tomar o cuidado de não colocar um monte de Diabo na cabeça do povo, então como abordar este tema, de uma maneira concreta, descascar a laranja. É um desafio muito grande e diante da realidade que se tem e pluralidade de mídia seria interessante colocar este tema em discussão, mas sabendo abordá-lo, pois no Crescer o tema do demônio aparece diluído e não tão claro. O tema do mal, ele diz que está refletindo agora com a conversa a relevância deste tema na catequese, então seria importante constatar isto num trabalho e o como ser abordado. Uma referência sobre o problema do mal seria Adolphe Gesché aconselha. Ele completa dizendo que no “Crescer em

comunhão” o tema vai ser lacônico mesmo, pois os autores são herdeiros das outras edições. Também não vai achar a história de Lúcifer na Bíblia, então o mistério do mal é algo que a filosofia não resolveu e a teologia tenta mas não consegue refletir ele.

Os conteúdos da fé foram deixados de lado, pois tem que se levar em conta que são ondas, nos anos 80 e início de 90 tinha-se as CEBs e o Catequese Renovada que queria levar o catequista da comunidade como um agente transformador da sociedade. A CNBB divulga o programa evangélico transformador, então para década de 80 e 90 era mais importante que um catequisando que saiba a doutrina ou um catequisando que se engaje na vida, questiona ele e complementa; final da década de 90 e início de 2000 se torna aquele que compreenda a sua fé. Diante do mal o importante é ver de forma positiva este encontro com Deus.

A relação fé e vida tem que se ter claro, a orientação da catequese sempre foi caminhar junto. O que é fé, o que é vida e assim fazer a análise. Massificação da fé e citando Comblin diz que o pentecostalismo é o sobrevivente da pos-modernidade. Diz ele que foram deficitários de uma mensagem positiva numa época, e hoje, em relação ao mistério do mal, tem que se falar ligado ao mistério do Cristo. O RICA traz os escrutínios do batismo e da Crisma, mas falta no Crescer realmente. Os assuntos são pendulares, uma hora traz muito uma coisa e em outro momento traz outra, porque é lacônico hoje (o tema sobre o problema do mal e a existência do diabo) e seria bom identificar qual a pertinência no assunto e como explicá-lo na catequese, concluí o reitor do seminário em Curitiba.

Fonte	Alexsander Cordeiro Lopes
Biografia	Padre, especialista em catequética, mestre em teologia. Assessor da catequese na Arquidiocese de Curitiba. Coordenador da ação evangelizadora na Arquidiocese de Curitiba.
Coleta de dados	Curitiba 10/03/2016
Vínculo com objeto da pesquisa	autor da revisão 2002 e 2008.

A consulta foi realizada na Cúria metropolitana, na sala onde padre Alexsander trabalha. Ele inicia a conversa dizendo que foi catequisado com o Crescer, quando ele entrou no projeto tinha uma mudança de paradigma sobre a catequese, era um momento histórico que acolhia o Catecismo da Igreja Católica e o Diretório Geral da Catequese de 1998. Os novos escritores do material entraram num contexto de conflito, não se enquadrando mais a mentalidade da catequese da época, no começo dos anos 2000 já se falava no processo catecumenal e no itinerário da vida cristã voltado mais em experiência do que Doutrina, claro que haverá a Doutrina até por causa do CIC, mas os documentos da Igreja já vinham pautando mais no encontro com Jesus e na inserção da vida comunitária. Então quando eles iam escrever pensavam numa dinâmica de experiência. O livro do catequista dá várias pistas do que fazer, para que o catequisando em seu livro faça a experiência. Assim o catequista tem uma plasticidade para trabalhar. Diz ele que foi pensado muito mais em Didática, questões mais pedagógicas do que na questão doutrinal. Até porque a questão doutrinal ele via como bem amarrada nos quatro pilares do CIC com as temáticas que precisavam ser trabalhadas. Na revisão de 2008 o padre pontua que já tinha o Documento de Aparecida (2007), então teve outra mudança, partiu de Jesus Cristo, o primeiro volume precisou ser mais querigmático, até para encarar a realidade que a criança vem sem nenhuma experiência de fé dos pais. Buscou facilitar a experiência da vida de fé dos catequisando.

Problema do mal e os demônios

Padre Alexsander diz que sobre o problema do mal, o Diabo e os demônios não lembra de ter sido discutido algo a respeito, em qualquer oportunidade. O pecado sim e tem nos conteúdos, mas explicar o como entrou, assim como as criaturas espirituais não. Diz ele que o problema do mal nem os filósofos dão conta, ficaria

difícil trabalhar na catequese, pois escrevem sobre isto a 2-3 mil anos e não se encontra uma solução, então como se abordaria, questiona. Ele olha o passado e nem cogitaram falar sobre o tema. Diz que estes temas nunca apareceram como um tema a ser tratado na iniciação da vida cristã, a dimensão do pecado sim, entrando na questão moral. Ele se pergunta como abordar isto com crianças que estão iniciando na vida de fé, pois as Sagradas Escrituras não abordam por questões filosóficas e apenas explicita que o mal existe. Ele diz que convidado novamente a escrever preferiria ir por um método mais bíblico, como Jesus Cristo enfrentou esta questão do que enveredar por uma abordagem mais filosófica. No livro 5 de 2008 traz a questão do ateísmo e da fé em Deus de uma forma implícita estes questionamentos, o padre está ciente que os ateístas utilizam o problema do mal para justificar o não acreditar em Deus. Quanto a explicação da queda do homem, por influência de uma criatura espiritual, e através de seu próprio livre arbítrio, isto mais que doutrinário é bíblico conclui o padre, mas desta forma realmente não aparece no Crescer, é uma lacuna a ser preenchida. Ele se pergunta, como padre, se o processo de fé passa pela razão também, mas a racionalização da fé só é possível depois da experiência de fé, não é processo contrário. Então um jovem que vem com argumentações contrárias a fé o que precisam é da experiência de fé, de Deus, de comunidade que possibilite um encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Se ele faz este processo ele resolve biblicamente esta questão, se ele não faz este processo ele pode sair da iniciação cristã com uma clareza doutrinária, mas se ele não faz a experiência de Deus ele não será um cristão explica o padre. Ele considera mais importante o foco na experiência e expõe que outra questão é um teólogo catequista, que é diferente da dona Maria da periferia, que é catequista a 20-25 anos, mas ela tem a quarta série. Ela não vai dar conta deste tema, isto é um problema de igreja, diz o padre que não se tem catequistas com formação adequada em todas as comunidades para lidar com estes temas mais complexos. Diz ele que as questões morais tomaram muito cuidado para expor, a própria questão da sexualidade foi trabalhada de forma muito superficial, poderia se aprofundar mais, mas a preocupação é com o catequista e pensou-se que os coordenadores aí sim deveriam se aprofundar nos temas e preparar os catequistas. Ele completa que este é um material que não é vendido também só em Curitiba, vai para o interior do Nordeste, vai para Amazônia...Por isto o

processo da catequese deve ser mistagógico, se uma mãe com um bebê no colo consegue mostrar o amor de Deus para seu filho nenhum ateu conseguirá destruir a experiência que ele teve. Então o problema hoje da catequese é a escolarização exagerada da catequese, ainda se tem a preocupação de se passar conteúdos doutrinários. Pois se proporcionássemos experiências de fé as pessoas adeririam. Como que alguns movimentos conseguem que 80% dos jovens que fazem um retiro permaneçam, questiona ele. A resposta é que nestes movimentos não se está preocupado com conteúdo, mas com a experiência. Por quê acontece o contrário com os crismados de uma comunidade, porque o processo catequético é doutrinário e não experiencial. Ele ainda hoje considera que não seria um tema a ser abordado com profundidade, mas deve-se tocar nele tendo muito cuidado sob a ótica do pecado, porque os catequistas não dão conta e pode ser que piore. Diz ele que escreveu um dos encontros em 2002 que constava a explicação sobre o céu, inferno e purgatório, mas ficou no livro do catequista. De fato, não é explicado mesmo de uma forma bíblica como o mal entrou na criação. Salienta padre Alexander que este encontro “Jesus na casa do pai”, no livro 3 de 2002, já foi polêmico, por abordar a questão do inferno e ficou para o catequista estudar no seu livro e buscar passar para o catequisando. Na sequência foi retirado porque os catequistas não deram conta, que seria básico para qualquer teólogo. A questão também é que na formação teológica também não se aprofunda, ele lembra que viu num dia numa matéria de antropologia. Este tema precisa ser aprofundado até porque tem muito de mitológico, mitologia antiga, que precisa ser filtrado, mas tem um conteúdo que é divinamente revelado, Jesus combate o Maligno, isto é bíblico. O Pai nosso explicita isto, Livrai-nos do Maligno. Então a questão neste tema é o equilíbrio. De fato, não se pode cair numa demonização de todas as situações no mundo, no entanto não se pode relativizar todo mal, porque estes seres espirituais existem e agem no mundo. Ele se pergunta então; como abordar isto dentro da realidade da formação dos catequistas que se tem, como experimentar o mistério da iniquidade dentro do itinerário mistagógico...

Padre Alexander diz que o tema sofre um ocultamento na teologia, porque uma coisa é a doutrina, outra é a teologia. Não há estudos teológicos pelo menos que

ele conheça a respeito. Não se vê. Há muita besteira escrita, mas estudo sério, bíblico, doutrinal... não. Então é um tema que vale a pena estudar, ele motiva.

As produções teológicas da época de confecção do Crescer influenciaram sim, até porque as pessoas não percebiam isto como algo de fora, Leonardo Boff e a teologia da libertação faziam parte da produção e as pessoas estavam como peixe dentro da água, reflete o padre. Todo mundo respirava a mesma teologia, falava a mesma teologia. Foi uma experiência de Igreja, da Igreja da América Latina desde Medellín, até os Bispos aderiram. Ele diz que até começo dos anos 90 era visto sem questionar, depois que se começou o questionamento. O questionamento começa pela prática e não pela teologia. O questionamento começa por meio de grupos que não conseguem mais fazer a experiência de Deus no engajamento social, então começa a surgir movimentos aqui e ali, que já vinham desde a década de 60, mas que estouraram no final dos anos 90. Então o questionamento vem da prática, porque as condenações da Doutrina da fé não chegaram e onde chegou teve um mal-estar, mas o discurso continuou igual. Diz ele que ele mesmo foi fruto desta convulsão entre uma Pastoral da Juventude engajada alinhada a TdL e Movimentos carismáticos que testemunhavam a experiência de Deus, RCC, TLC. Então em 93 via-se um grande conflito nos grupos de jovens e persiste até hoje. As edições de 2002 e 2008 tinha-se a preocupação com isto e de diminuir esta influência da Teologia da Libertação. O conflito na primeira edição que ele participou como seminarista foi este, na época a diretriz era transformar o Crescer em algo mais vivencial, experiencial, mais orante, mais bíblico e menos sociológico. Então eles vieram com tudo para esta modificação, ele encarou todo processo de confecção do material como experiência de fé, pois não eram as questões sociais que estavam em primeiro lugar, não era um livro de doutrina social da igreja, era um material para iniciação a fé cristã. Ele complementa que talvez como peixe dentro da água algumas questões acabaram ainda passando, estas questões; do problema do mal e os demônios é uma lacuna do material, mas não pode esquecer que é um tema secundário, não é um tema central. Ele diz ter medo que este tema se torne algo central pelo tipo de espiritualidade de alguns grupos dentro da igreja. Padre Alexander concluí que colocaria o tema no volume quatro junto com as questões morais. Também para não retirar a força do Espírito e o mistério da

Salvação. Jesus Cristo como centro, claro, que enfrenta estas questões do mal, daí se apresenta no salvar do quê, de nós mesmos e da influência do Maligno. As questões do inferno que também poderia entrar e a dimensão de Parusia, finaliza.

Fonte	Dom Jose Antonio Peruzzo
Biografia	Filho de Angelo e Lourdes Peruzzo, nasceu em 19/04/1960 na cidade de Cascavel-PR, foi ordenado padre em 22/12/1985 na mesma cidade. No dia 24/08/2005 foi nomeado bispo de Palma-Francisco Beltrão e Arcebispo de Curitiba em 07/01/2015. É mestre e Doutor em Bíblia, pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, em Roma. Exerce a função de Bispo referencial da Pastoral da Pessoa Idosa e para Catequese no Regional Sul 2 da CNBB. Atual Presidente da Comissão Episcopal Pastoral Bíblico-Catequética da CNBB
Coleta de dados	Curitiba 17/03/2016
Vínculo com objeto da pesquisa	Imprimatur 2008 e 2004.

A consulta foi realizada na cúria metropolitana, na sala de Dom Peruzzo. Ele inicia dizendo que entrou no edifício já em construção, que o histórico do Crescer em Comunhão cabe mais conversar com a Irmã Araceli e Regina Mantovani, pois entrou para dar o Imprimatur já num projeto que continham várias edições. Mais do que mudar algum conteúdo, o importante é a metodologia diz ele. A passagem de uma catequese diretiva ou expositiva, conteúdos doutrinários a apresentar, faz-se o esforço para que seja uma catequese catecumenal, ou seja, ao invés de um corpo doutrinário a se compreender através da inteligência que seja a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo exalta o Arcebispo de Curitiba. Mais do que oferta de conteúdo é a oferta de experiências, mais do que falar das ideias de Jesus e da Igreja promover um encontro pessoal com Jesus Cristo. Ele lembra Bento XVI, não se torna cristão por um corpo de doutrinas ou sistema de pensamentos, mas por um encontro pessoal. É algo parecido com uma vida familiar ou vida matrimonial, uma pessoa não se afeiçoa a outra porque um sistema de pensamento que o estimula a ter afinidades, mas pela experiência mesma do encontro. Isto é, o conteúdo tem sua parte, mas é derivação de uma experiência primeira que o Crescer em comunhão pretende preservar e desenvolver. A atenção aos grandes temas nunca pode faltar, mas antes da temática precisa o encontro. Toda dinâmica dos encontros catequéticos agora tem a leitura orante da Palavra. Primeiro o encontro com a pessoa de Jesus.

Neste encontro com Ele é que se consegue saber o que é Dele e o que é de seu adversário. Em torno desta experiência gravitam todos os outros temas.

A edição de 2008, diz ele, que encontrou pronta, na de 2014 é que pôde ter maior influência nos trabalhos, enfatizando no cuidado com a experiência de Jesus. Nas edições primeiras falava-se de Deus a partir da Criação, dos profetas, etc... nestas últimas, partem de Jesus Cristo toda leitura da Criação. Ele avalia que o Crescer em comunhão já ficou para trás, na era digital, estas gerações prefeririam um catecismo por estes meios. As diferenças inúmeras que há no Brasil são um problema para quem cuida do mundo da educação e isto se estende para todos os níveis, além da catequese. O trabalhar o mesmo tema para regiões diversas. O catecismo não é o material principal, quando se tem uma catequese de estilo catecumenal, pois se pretende ter uma experiência de Jesus o grande material são as pessoas mesmas, suas experiências de fé. As experiências de fé não são oferecidas com livros ou com manuais que são sempre um instrumento, daí a insistência na Palavra de Deus e o esforço de tornar acessível a Palavra de Deus, percebe-se isto nos últimos materiais, para que o catequisando tenha a alegria de conhecer Jesus Cristo. Não se apresenta com um roteiro, apresenta-se a partir de um olhar do catequista com o catequisando. O material vem oferecer a sua contribuição nisto. A limitação do material, se serve para tal ou qual contexto, se ambiente rural, de periferia ou industrial sempre haverá. Mais do que querer suplantar limitações de tipo didático é necessário superar aquelas de tipo espiritual do catequista. Aqueles que não tiveram a chance de ter uma espiritualidade bem cultivada.

A mãe nunca estudou neonatologia, mas se ela ama sabe como cuidar do seu bebê. Pode até errar em algo relativo aos alimentos, mas o afeto enquanto nutre ela sabe. Assim é o catequista, pode não saber os detalhes da teologia, mas se ele teve a experiência pode passar, ressalta Dom Peruzzo e complementa; aqueles que dizem que o material é fraco ou raso não dizem de forma específica onde está o problema, o não gostar não pode bastar ou o foco em querer doutrina em contrapartida a experiência mistagógica. Catequese não se evangeliza por doutrina, mas por atração e isto o Documento de Aparecida reforça. Mais do que um material a estudar, daí depende do conteúdo, catequese não é estudo salienta ele. Se compreende catequese como conteúdo aí vai para estas

elaborações mais aprofundadas do conteúdo. O Crescer em comunhão não foi feito pra isto. Se se trata de lições sobre Jesus o Crescer em comunhão não é a melhor opção. Se é para apresentar o modo de seguir Jesus em torno a certos temas, daí o objetivo é Jesus. Partilhar e conhecer a partir do encontro. Depende menos do conteúdo e mais do método; para Crisma se o catequista quer oferecer temas o Crescer em comunhão é insuficiente, isto para certas áreas. Por vezes são coordenadores que gostariam de ter um material com palavras seguras, pois aquilo não está sob seu alcance, domínio, porque assim o Crescer em comunhão não oferece, daí vai encontrar um que ofereça. Se catequese é apresentar o seguimento de Jesus é menos o conteúdo. Confunde-se catequese com Doutrina ou mesmo Igreja com Doutrina, tem setores do episcopado que querem se manter nos catecismos, nas seguranças doutrinárias. Mas isto são lições sobre Jesus Cristo e sobre a Igreja. E não encontro com Jesus Cristo e com a Igreja. Não se ama Jesus porque o estuda, mas porque ao se encontrar com sua pessoa fascina.

Dom Peruzzo enfatiza que O Crescer em comunhão não ignora a Doutrina. Cada encontro catequético tem temas doutrinários. Então qualquer verdade doutrinária é opção por Jesus Cristo. Com a Doutrina fica-se por causa de Jesus Cristo. Pode ser que doutrinariamente haja incompletudes no Crescer, ele diz saber que há. Mas o objetivo não é apresentar um corpo doutrinário completo, não é este conhecimento que faz alguém aderir a Jesus Cristo. Se tiver o objetivo de completudes doutrinárias vai fazer o Crescer de um modo, serão feitos por teólogos que vão se assessorar por pedagogos, mas como o encontro é o centro então entram pedagogos, que dão uma retaguarda para que o conteúdo fique ameaçado ou desfigurado. A atenção ao conteúdo é mais pedagógica que doutrinária, é uma opção que foi assumida. A história dos santos teve isto, Santo Agostinho primeiro conheceu Cristo, depois desenvolveu sua teologia.

Problema do mal e os demônios

Dom Peruzzo expõe que o mal no mundo inquieta a humanidade, esta presença do mal no mundo foi colocada na Tradição bíblica, na Criação do mundo. É uma Tradição que faz parte do tempo mais tardio do Antigo Testamento. Não que antes não existisse, mas até chegar uma forma de elaboração foi preciso alguns séculos. Quando então se falou do mal no mundo tomou-se de empréstimo na

Tradição bíblica, todo o arranjo cultural dos mitos babilônicos; da serpente, da sedução, da queda, enfim todo Antigo Testamento passou pelas quedas, soerguimentos, da infidelidade do homem em relação a Deus e opção por outras divindades. Mas o combate e na crítica dos profetas escolheste este e não escolheste Aquele. Há uma escolha. Chegamos ao tempo de Jesus, a cultura daquela época era tudo aquilo que limitava e empobrecia o humano; a doença, não sabiam o que era bactéria, então era uma potência diabólica, explica ele. A tempestade, não sabiam que era manifestação da natureza, então quem é este que o vento e o mar obedece; ninguém é capaz de frear o vento, que potência é esta, pergunta ele sobre o pensamento dos antigos.

Vendo a mentalidade da época e o caso do mal, existe o demônio sim, existe a força, a energia que fascina, que perverte sim. O Crescer em comunhão tenta salvaguardar aquilo que os evangelistas também fizeram, os discípulos são chamados a combater o demônio ou a seguir a Jesus, pergunta ele. No momento em que Jesus é o centro o demônio perde a força. E o seguimento a Jesus no caso dos discípulos, afasta-te de mim satanás foi esta a resposta de Jesus a Pedro, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas são os dos homens; o que é que ameaçava Pedro, não era tanto o Diabo como um ser que desde fora vinha seduzi-lo, mas a lógica humana que não cedia lugar as escolhas de Deus. Os pensamentos dele não serem mais os humano, mas serem de Deus.

Dom Peruzzo diz que este título de Satanás, que naquela época não era associado com demônio; o diabo, como o adversário de Deus. Então primeiro é seguir Jesus e somente ele. O outro não é o segundo; combate. O primeiro e único combate é a opção por Jesus Cristo e todas as outras escolhas é seguir Jesus. Não se deve seguir Jesus Cristo porque se tem medo do demônio, segue-se pela liberdade oferecida por amor. Então segue-se por amor, se for por medo de outro não é opção é só refúgio. Mas a explicação sobre o Diabo e demônio nos temas atuais atemoriza, vai apresentar isto para crianças e adolescentes atemoriza, salienta o Arcebispo. No entanto ele reflete que é verdade que tem uma incompletude doutrinal no Crescer, então ele questiona; mas pode ajudar mais a seguir Jesus, pode apenas suscitar medos, temores ou apresentações incertas. Alguns dias atrás, diz ele, teve que conversar com alguns padres sobre

a teologia da Igreja, que não diz como estava sendo feito, até em se tratando dos manuais do exorcismo, pediu cuidado, porque não estavam oferecendo Jesus Cristo, mas a prática de expulsar demônio. Aqui entra novamente a metodologia, o que se quer oferecer, pergunta ele e então explica; com as próprias capacidades não se consegue combater o demônio, o ser humano é mais fraco, mas Jesus já o venceu, então porque ter o desgaste em querer combater ele. Dom Peruzzo aconselha a consumir todas as energias a aderir Cristo. No entanto, também ressalta se se tratasse de compreensão doutrinal, então de novo, apresenta-se os malefícios que o demônio pode causar, que é um tema que está em desuso e deveria ser reapresentado, porque o demônio é ignorado, também as ousadias e os egoísmos humanos estão prosperando. Ele retoma que as experiências fundantes não deveriam ser as de combate. Como estudos e reflexão, até para além da catequese ou um tema “transcatequético” cabe. O pecado sim, precisa ter muita clareza, pois a opção pelo pecado é opção pelo adversário de Jesus. Não tem como separar as duas coisas como compreensão mental, ao falar de um fala-se de outro, mas como experiência catequética que não se trata de sistematizar doutrinas e sim seguimento de uma pessoa vai-se salientar mais uma coisa do que outra.

Lembra Dom Peruzzo que para estar no ministério do exorcismo devem ser padres que tenham estudo no tema, pois tem pessoas que se desesperam quando são diagnosticadas com envolvimento de possessão. A advertência faz acordar para este estudo num sentido geral, que numa próxima edição se possa melhorar isto; de colocar a figura, como não acompanhou página por página do Crescer, pois não tinha a possibilidade, não pode afirmar, mas se esta é uma carência, confirmada pelos estudos que foi realizado e que conclui que deveria ser colocado o conteúdo; é importante esta indicação. Porque este é um tema que nunca se terá dito tudo reflete o Arcebispo e completa que no passado se passou de um extremo para outro, assim como a separação, o demônio como fonte de mal. Ele é fonte de mal, mais do que a temática a apresentar, formas de terror que pode suscitar, tem gente que lê e se desespera. Quem vai ler como vai interpretar, pergunta ele. E na catequese tem que se levar em consideração catequistas frágeis, também catequisandos de todo tipo. Este tema depende menos de escolaridade, então aconselhou que faça o estudo, porque será

necessário na Arquidiocese. Pois precisa de alguém que estude isto com cuidado, porque isto fica muito em função do gosto das pessoas e não é assim. Comentou de um livro recente chamado “Repensar o mal”, embora tenha deficiências em relação a existência do demônio. Também ele pontuou que o Temor de Deus pode entrar nesta pesquisa conectando uma coisa com a outra. Quem fez o material tinha um objetivo mais pedagógico que doutrinal, então o trabalho desta pesquisa ajuda a corrigir as deficiências. As respostas sobre este tema ainda não estão prontas, então tem muito a se pesquisar, pode ajudar muito, motiva Dom Peruzzo.

Ao final da consulta ele reforça o que disse no início que, contudo, não se pode esquecer que a adesão é a Jesus Cristo, e a experiência de fé é sempre uma escolha amorosa, e ele aconselha; para combater o mal utilizar como fonte didática o Temor de Deus, temer ofender a Deus que se ama. É mais coerente com a experiência originária de fé que foi proposta e é um dom do Espírito Santo. Mais que combater este adversário que ameaça, a grande ameaça do cristão não é a potência do Maligno é a ausência de Deus. Então vale a pena pesquisar esta ameaça vinculada ao temor de Deus. Talvez fosse a forma mais educativa de se livrar do inimigo e se aproximar do Amigo, aconselha o Arcebispo de Curitiba. A compreensão intelectual deste fenômeno é muito difícil e nunca me atrevera a dizer que não existe, também não pode se demonizar tudo, mas fica evidente a presença em determinadas pessoas e meios que escolhem o mal. No Sudoeste foi difícil nomear alguém para o ministério do exorcismo porque não encontrou alguém de quisesse estudar o tema, e sem este estudo não pode de nenhuma maneira assumir esta missão, e salienta ele, que tem pessoas que são fanatizadas por expulsar demônio, ao invés de querer aproximar as pessoas de Deus. E há muita gente que está arrebetada e não consegue encontrar respostas por não ter este auxílio. Conclui ele que o campo do tema é o infinito, tanto da Graça como da Desgraça, por isto é muito importante para catequese esta pesquisa, que faça a verificação e dê as recomendações e sugestões. Que a intenção pedagógica permanecerá, mas deve suprir a deficiência de conteúdo, assim como o desdobramento pastoral disso precisará de muitos esclarecimentos e pesquisa.